

BERNARDO SILVESTRE DIAS

*O Pogrom de 1506: Um itinerário turístico e cultural pela Lisboa
de Berequias Zarco*



UAlg ESGHT

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ESCOLA SUPERIOR DE GESTÃO, HOTELARIA E TURISMO

2022

BERNARDO SILVESTRE DIAS

*O Pogrom de 1506: Um itinerário turístico e cultural pela Lisboa de
Berequias Zarco*

Mestrado em Turismo – Gestão de operações turísticas

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Sílvia Quinteiro

Professora Doutora Alexandra Rodrigues



2022

*O Pogrom de 1506: Um itinerário turístico e cultural pela Lisboa de
Berequias Zarco*

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

.....
Bernardo Silvestre Dias

Direitos de Cópia ou Copyright

© Copyright: Bernardo Silvestre Dias

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, a Professora Sílvia Quinteiro, que acreditou em mim e entendeu o meu gosto pelo tema antes de existir projeto. Agradeço o voto de confiança, dedicação e conselhos que tornaram a realização deste trabalho uma experiência excelente.

À minha coorientadora, a Professora Alexandra Rodrigues, obrigado pela sua disponibilidade, empenho e contributo imprescindível na conclusão do projeto de Mestrado.

À Professora Ana Martins, muito obrigado pelo apoio na realização do estudo de viabilidade económica.

Aos meus colegas e amigos, agradeço toda a compreensão nas minhas crises existenciais. Um especial obrigado, ao António Whitehead e à Carlota Arvela por ficarem perdidos comigo em Alfama em plena pandemia.

Por último, a toda a minha família, muito obrigado por todo o apoio que me deram ao longo destes dois anos e meio de Mestrado.

Muito obrigado!

Resumo

O presente projeto tem como objetivo principal analisar o potencial do micro nicho de turismo “*dark literary tourism*”, em Lisboa, com o intuito de avaliar, numa ótica económico-financeira, a viabilidade da comercialização de itinerários sobre a temática na região. Deste modo, a revisão bibliográfica identifica os conceitos fundamentais para a realização do projeto, sendo esses o turismo cultural e os seus nichos, o turismo literário, o *dark tourism*, e os conceitos de *storytelling* e itinerários culturais. Prosseguiu-se com a elaboração do plano de negócios de forma a avaliar a viabilidade da criação de um itinerário assente no conceito acima referido. Por último construiu-se o itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*, baseado na história verídica do Massacre dos judeus de 1506 e o romance literário de Richard Zimler *O último cabalista de Lisboa*.

A metodologia escolhida assenta na recolha de dados secundários e primários qualitativos, auxiliando assim na construção das entrevistas semiestruturadas implementadas ao autor do livro e aos participantes no passeio teste. Após a realização das entrevistas, foi possível confirmar que o *dark literary tourism* é um nicho de mercado pouco promovido e explorado em Portugal, nomeadamente em Lisboa, porém é um conceito com bastante interesse e relevância.

Num último momento, o plano de negócios permitiu comprovar que o itinerário em questão teria viabilidade económica e financeira na área de Lisboa e futuramente em várias regiões de Portugal. Com a utilização de uma ferramenta de avaliação de projetos de investimento a 6 anos, disponibilizada pela Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia da Universidade do Algarve (CRIA), foi possível averiguar, de acordo com o VAL, a TIR e o *payback*, que a criação de uma futura empresa de “*dark literary itineraries*” indica uma elevada probabilidade de criação de excedentes financeiros a três anos, incluindo a recuperação dos investimentos.

Palavras-chave: turismo cultural, turismo literário, *dark tourism*, *dark literary tourism*, o massacre de 1506

Abstract

This study has the main purpose to analyze the potential of the tourism micro niche dark literary tourism in Lisbon, Portugal with the intent to evaluate in an economic and financial perspective, the feasibility of commercializing itineraries in the region. Therefore, the literature review clarifies the fundamental concepts (cultural tourism, literary tourism, dark tourism, and storytelling) to complete the study. The project continues with the elaboration of the business plan to assess the feasibility of the creation of a dark literary tourism itinerary. To finalize the study, it was developed the itinerary *The Pogrom of 1506: an itinerary of Berequias Zarcos` Lisbon* based on the actual events of the Jewish Massacre of 1506 and Richard Zimler's novel *The Last Kabbalist of Lisbon*.

The methodology applied lies on the collection of qualitative secondary and primary data, supporting the elaboration of the semi-structured interviews implemented to the author of the book and the participants of the tour test. In the aftermath of the interviews, it's possible to conclude that dark literary tourism is a market micro niche that is lacking promotion and exploration in Portugal, in this case in Lisbon, however it's a concept with considerable relevance.

Last of all, the business plan allowed to prove that the itinerary in question is feasible economically and financially in the Lisbon area and in the future in different regions of Portugal. By using an assessment tool of investment projects provided by the Division of Entrepreneurship and Technology Transfer of the University of Algarve (CRIA), it was determined, accordingly with the NPV, IRR and the payback period, that the creation of a future business of dark literary itineraries will have high probability of creating financial surpluses for three years, in addition to the recovery of the amount invested initially.

Key words: cultural tourism, literary tourism, dark tourism, dark literary tourism, the massacre of 1506

Índice geral

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Índice geral	viii
Índice de figuras	x
Índice de tabelas	xii
Lista de acrónimos e siglas	xiii
Capítulo 1 – Introdução	15
Capítulo 2 – Revisão de literatura	18
2.1. Turismo cultural	18
2.1.1. Itinerários culturais	22
2.1.2. <i>Storytelling</i> e a interpretação da cultura e do património	24
2.2. Turismo literário	26
2.3. <i>Dark tourism</i>	31
Capítulo 3 – Metodologia	37
3.1. Identificação e justificação do tema escolhido	37
3.2. Revisão de literatura	38
3.3. O processo de investigação e as técnicas utilizadas	39
3.3.1. As entrevistas (individuais e de grupo)	41
3.4. Plano de negócios e estudo da viabilidade	43
3.5. Síntese conclusiva da metodologia utilizada	45
Capítulo 4 – Plano de negócios	47
4.1. Breve enquadramento	47
4.2. Apresentação do projeto	48
	viii

4.2.1. Identificação e historial do projeto	48
4.2.2. Visão	48
4.2.3. Missão	48
4.2.4. Valores	49
4.2.5. Responsabilidade social e ambiental	49
4.2.6. Posicionamento estratégico – vetores estratégicos	49
4.3. Análise do produto	50
4.3.1. Descrição sumária do produto	50
4.3.2. Vantagens distintivas do produto	50
4.3.3. Desenvolvimentos previsíveis	51
4.4. Análise de mercado	51
4.4.1. Evolução histórica e previsional do sector	51
4.4.2. Enquadramento do negócio no sector	52
4.4.3. Caracterização do mercado-alvo	52
4.5. Caracterização de Lisboa	53
4.5.1. Caracterização geográfica	53
4.5.2. Caracterização demográfica	54
4.5.3. Caracterização de Lisboa como setor turístico – Plano estratégico para o turismo da região de Lisboa 2020-2024	54
4.5.4. Estado da arte do turismo literário e do <i>dark tourism</i>	61
4.6. Análise SWOT	63
4.7. Estratégia de Marketing	64
4.7.1. Marketing Mix	64
4.8. Organização e gestão	66
4.8.1. Experiência dos colaboradores	66
4.8.2. Análise da adequação do perfil às funções	66
4.9. Estudo de viabilidade económica	67
4.9.1. Investimentos	67
4.9.2. Exploração	69
4.9.3. Financiamento	73
4.9.4. Análise de rendibilidade	75
4.9.5. Análise de viabilidade económica na perspetiva do projeto	76

4.9.6. Análise de sensibilidade	77
Capítulo 5 – <i>O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco</i>	80
5.1. Realização do itinerário	80
5.2. Narrativa do itinerário	81
Capítulo 6 – Apresentação e análise de resultados	108
6.1. Entrevista não estruturada ao escritor Richard Zimler	108
6.2. Passeios teste e entrevista semiestruturada aos participantes	109
6.2.1. Análise dos resultados da entrevista semiestruturada	111
6.3. Síntese da apresentação e análise dos resultados	114
Capítulo 7 – Conclusão	117
Referências Bibliográficas	121
Apêndices	127
Apêndice A – Processo de Investigação	128
Apêndice B – Brochura do itinerário	129
Apêndice C – Mapas do CRIA de apoio ao plano de negócios	138
Apêndice D – Resultados da entrevista semiestruturada	144
Anexos	149
Anexo A – Plano estratégico para o turismo da região de Lisboa 2020-2024	150

Índice de figuras

Figura 2.1. Classificação do turismo literário dentro do turismo cultural e patrimonial	28
Figura 2.2. Espectro do <i>dark tourism</i>	32
Figura 4.1. Hóspedes na região de Lisboa	55
Figura 4.2. Dormidas na região de Lisboa	56
Figura 4.3. Turistas estrangeiros na região de Lisboa	57
Figura 4.4. Evolução do acumulado de novos registos de alojamento em Lisboa	57
Figura 4.5. Distribuição da oferta hoteleira em Lisboa	58
Figura 4.6. Sazonalidade das dormidas na região de Lisboa	59
Figura 4.7. Crescimento médio anual do total de turistas na região de Lisboa	60
Figura 4.8. Fatores de autenticidade e principais ameaças da cidade de Lisboa	61
Figura 5.1. Placa encontrada em Silves	81
Figura 5.2. Lápide encontrada em Mértola	82
Figura 5.3. Richard Zimler	83
Figura 5.4. Interseção entre a Rua de São Pedro e a Rua de São Miguel	85
Figura 5.5. Largo de São Rafael	85
Figura 5.6. Rua da Judiaria e o Arco do Rosário	87
Figura 5.7. Estrela de David	88
Figura 5.8. Largo Chafariz de El-Rei	89
Figura 5.9. Museu do Aljube	90
Figura 5.10. Elevador de Santa Justa	94
Figura 5.11. Tachrichim	95
Figura 5.12. Hospital de Todos os Santos	96
Figura 5.13. Praça da Figueira	98
Figura 5.14. Teatro Nacional D. Maria II	99

Figura 5.15. Palácio dos Estaus	101
Figura 5.16. Autos-de-fé	102
Figura 5.17. Largo de São Domingos	103
Figura 5.18. Memorial do Massacre de 1506	105
Figura 5.19. O Massacre de 1506	107

Índice de tabelas

Tabela 2.1. Categorização de destinos turísticos, de acordo com espectro e os produtos do <i>dark tourism</i> de Stone (2006)	34
Tabela 3.1. Síntese das metodologias quantitativas e qualitativas	39
Tabela 3.2. Características dos diferentes tipos de entrevista	42
Tabela 4.1. Caracterização demográfica de Lisboa	54
Tabela 4.2. Análise SWOT	63
Tabela 4.3. Experiência e atividades desempenhadas pelos colaboradores do projeto	66
Tabela 4.4. Investimentos	67
Tabela 4.5. Pressupostos para o cálculo do fundo manei necessário	68
Tabela 4.6. Mapa de fundo manei	69
Tabela 4.7. Orçamento de prestação de serviços	70
Tabela 4.8. Fornecimento e serviços externos	71
Tabela 4.9. Gastos com o pessoal	73
Tabela 4.10. Plano de financiamento	74
Tabela 4.11. Empréstimos	74
Tabela 4.12. Demonstração de resultados	75
Tabela 4.13. Mapa de <i>cash flows</i>	76
Tabela 4.14. Análise da viabilidade económica	77
Tabela 4.15. Análise da viabilidade económica com um aumento de 5% na taxa de crescimento de vendas	78
Tabela 4.16. Análise da viabilidade económica com um decréscimo de 5% na taxa de crescimento de vendas	78
Tabela 6.1. Entrevista semiestruturada aos visitantes	110
Tabela 6.2. Síntese dos resultados	115

Lista de acrónimos e siglas

CIIC – Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais

CRIA – Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

INE – Instituto Nacional de Estatística

SWOT – *Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats* (Forças, Fraquezas, Oportunidades e ameaças)

TIR/IRR – Taxa Interna de Rentabilidade/ *Internal Rate of Return*

UNWTO – Organização Mundial de Turismo

VAL/NVP – Valor Atual Líquido/*Net Present Value*

WACC – *Weighted Average Cost of Capital* (Custo Médio Ponderado do Capital)

Capítulo 1 – Introdução

O turismo em Portugal, e consequentemente em Lisboa, é considerado um dos grandes motores para a criação de riqueza e trabalho, tornando assim o setor do turismo uma atividade fulcral para a economia do país (Turismo de Portugal, 2021). Entre os anos de 2010 e 2019, foi possível registar um desenvolvimento anual de 7,2% nas dormidas em Portugal, significando isto um aumento de 37 para 70 milhões de dormidas (Turismo de Portugal, 2021). Também foi possível verificar um aumento de 10,3% nos últimos 9 anos na taxa média de variação anual das receitas, possibilitando assim um aumento de 7,6 mil milhões de receitas para 18,4 mil milhões entre os anos de 2010 e 2019 (Turismo de Portugal, 2021).

O turismo cultural é um dos principais tipos de turismo explorados em Portugal, principalmente na cidade de Lisboa, porém dentro do turismo cultural existem vários nichos de turismo, sendo um deles o *dark tourism*, um nicho de mercado ainda pouco explorado no nosso país. Existindo um interesse pessoal relativamente à temática do *dark tourism*, e dado o turismo literário ser facilmente relacionável com o mesmo, a conexão dos temas levou à tomada de decisão na escolha do tema do presente projeto. Deste modo, desenvolveu-se o projeto na esfera do micro nicho *dark literary tourism*, propondo-se desta forma uma oferta de um novo produto diferenciado para a cidade de Lisboa e, se viável, com perspetiva de alargamento para o resto do país.

Assim sendo, o cerne dos itinerários a desenvolver, serão os momentos da cidade de Lisboa que estejam conectados com o macabro, o sofrimento e a morte e obras literárias que retratam esses mesmos eventos. O projeto propõe-se a construir itinerários que, ainda que necessariamente sombrios, demonstrem respeito e consideração pelas comunidades/pessoas associadas e, ao mesmo tempo, deem visibilidade a acontecimentos da história de Lisboa que foram branqueados ou mesmo esquecidos, durante muito tempo.

Para a realização do presente projeto, considerou-se importante abordar no capítulo da revisão de literatura, temas como o turismo cultural, turismo literário, *dark tourism* e o conceito de *storytelling* no capítulo da revisão de literatura com o intuito de adquirir um maior conhecimento sobre a temática antes de proceder à criação do *dark literary*

itinerary. Na etapa seguinte foi elaborado o plano de negócios, no qual foram reunidas várias informações importantes relativas ao projeto, como o enquadramento e apresentação do projeto, a análise do produto, a análise de mercado, caracterização de Lisboa como destino turístico, a análise SWOT (forças, fraquezas, oportunidades, ameaças) do projeto, a estratégia de marketing, a gestão e organização do projeto e, por último, o estudo económico-financeiro e de viabilidade do projeto. Após a elaboração do plano de negócios, foi construído o itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* baseado no Massacre de 1506 no qual mais de 2 mil judeus foram mortos no dia de Páscoa, e na obra de Richard Zimler *O último cabalista de Lisboa*, que retrata a vida de Berequias Zarco e a sua família, no século XVI, em Lisboa, numa altura onde era proibido ser judeu. Para complementar o itinerário foi concebida uma brochura, como forma de apoio para os participantes acompanharem a leitura dos vários excertos da obra. Num último momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas ao autor Richard Zimler e aos participantes do segundo passeio teste, de forma a identificar eventuais falhas e a corrigi-las.

O objetivo geral do projeto é a construção de um itinerário de *dark literary tourism* e avaliar numa perspetiva económico-financeira, a viabilidade da criação de itinerários de *dark literary tourism* na cidade de Lisboa. Deste modo para a atingir o objetivo geral do presente projeto, foram determinados vários objetivos específicos, nomeadamente:

- Compreender as principais dimensões do turismo cultural e do conceito de *storytelling*;
- Compreender as principais características dos nichos do turismo cultural: o turismo literário e o *dark tourism*;
- Perceber a conexão entre o *dark tourism* e o turismo literário;
- Entender o conceito de *dark literary tourism*;
- Construir o plano de negócios do projeto;
- Proceder à análise da viabilidade do projeto;
- Construção de um *dark literary itinerary*;
- Elaborar uma brochura como ferramenta de apoio ao participante.

A pergunta de partida do presente projeto é a seguinte:

“Qual o potencial de desenvolvimento de um itinerário de “*dark literary tourism*” em Lisboa, através do estudo de caso do Pogrom de Lisboa de 1506?”

Em última instância, pretende-se, por via do estudo de viabilidade, obter resposta às seguintes hipóteses:

- O projeto poderá alcançar um Valor Atual Líquido (VAL) positivo?
- A Taxa Interna de Rendibilidade (TIR) poderá ser superior ao Custo Médio Ponderado do Capital?
- O *payback* poderá ser inferior a 3 anos, permitindo uma rápida recuperação do investimento?

O projeto encontra-se dividido em sete capítulos, começando pelo atual capítulo, a introdução, o segundo capítulo consiste na revisão de literatura. No capítulo três é abordada toda a metodologia utilizada na construção do projeto, desde a revisão da literatura à aplicação das entrevistas semiestruturadas. O plano de negócios está inserindo capítulo quatro, no qual se apresenta também o estudo de viabilidade do projeto. No capítulo cinco, o itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* será apresentado na íntegra, incluindo toda a narrativa que o acompanha, e os pontos de paragem do mesmo. No capítulo seguinte, são aí analisados os resultados obtidos previamente na aplicação das entrevistas semiestruturadas ao autor Richard Zimler e aos participantes do segundo passeio teste. Finaliza-se o projeto com o capítulo sete, no qual são expostas as conclusões finais do estudo, as principais limitações na criação e implementação do projeto e propostas para futuras investigações.

Capítulo 2 – Revisão de literatura

2.1. Turismo cultural

De acordo com a UNWTO, todos os turistas que visitam um destino com a motivação de aprender, descobrir e consumir produtos e atrações culturais, tangíveis e intangíveis, estão de alguma forma a praticar turismo cultural. Os produtos e atrações mencionados estão diretamente relacionados com “características materiais, intelectuais, e emocionais da sociedade, abrangendo as artes, a arquitetura, o património histórico e cultural, gastronomia, literatura, música, setores criativos e por último o estilo de vida valores crenças e tradições do povo em si.” (UNWTO, 2019, p. 31).

É possível encontrar vestígios de práticas turísticas na Europa desde o século XVII, altura em que, com a realização da chamada *Grand Tour*, os jovens nobres e burgueses percorriam a Europa com o intuito de receber formação e de completar a sua educação através do contacto com novas sociedades e culturas. Com efeito, estes jovens procuravam assim obter um capital cultural que iria influenciar a sua imagem junto da sociedade, aquando do regresso ao seu país (Pérez, 2009, p. 106).

Ressalve-se que não falamos de turistas e de turismo nos moldes exatos em que estes se definem no século XXI. Na verdade, os *grand tourists* pertenciam a famílias endinheiradas, logo, o turismo, a cultura e a junção dos mesmos eram controladas por esta elite, sendo que apenas no final do século XX houve um aumento exponencial da variedade e disponibilidade de produtos e atrações culturais em toda a Europa (Richards, 1996) e um acesso mais alargado aos mesmos. E, assim, Richards (1996) observa a propósito deste fenómeno que a criação de museus, galerias e bibliotecas públicas contribuiu, não só para a educação das massas, mas também para um aumento do nível cultural geral e, deste modo, para um aumento do turismo, mais em concreto o turismo cultural, diretamente ligado ao capital cultural dos povos. Na verdade, como bem nota Richards (2018), a cultura e o turismo estiveram sempre ligados, constituindo as atrações e eventos culturais as principais motivações para os turistas se deslocarem a um destino turístico específico. Não obstante, o termo turismo cultural só foi concebido em décadas mais recentes, referindo-se a uma forma de consumo particular (Richards, 2018).

Durante as décadas de 60 e 70 do século XX, o rendimento das famílias teve um aumento exponencial, o que conduziu ao crescimento de viagens internacionais, e a um aumento do consumo de cultura por parte da população europeia (Richards, 2018), e tornando o turismo cultural um dos principais contribuidores para a economia na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Com o número de visitas de turistas a atrações culturais a aumentar exponencialmente, nos anos 80 foi estabelecido/reconhecido um novo segmento de mercado dentro do turismo, o turismo cultural (Richards, 2018).

Ao analisar as várias definições de turismo cultural, Howard Hughes (2002) defende que existem quatro dimensões associadas ao mesmo, dividindo essas em motivação, tipo, tempo ou viagem. Relativamente à dimensão motivação, o autor refere que os turistas podem possuir um interesse mais amplo ou restrito relativamente à cultura, sendo que, se alguns pretendem experienciar o máximo da cultura de uma determinada localidade (arte, história, estilo de vida, religião, linguagem, tradições entre outros), outros deslocam-se ao destino com o propósito de vivenciar apenas um dos pontos acima referidos (Hughes, 2002). Quanto ao tipo, existe um número variado de atividades, experiências e nichos de turismo dentro do conceito de turismo cultural (Hughes, 2002). Hughes (2002) menciona que cada turista tem interesses específicos, podendo praticar turismo cultural visitando um monumento de relevância histórica, experienciando o estilo de vida de uma comunidade ou realizando uma visita relacionada com uma obra literária, por exemplo. É possível concluir que existem vários nichos de turismo correlacionados com o turismo cultural, entre os quais o turismo literário e o *dark tourism* que constituem o objeto de estudo do presente projeto de mestrado. No que diz respeito à dimensão viagem, Hughes (2002) distingue dois tipos de produtos culturais. Os produtos culturais imóveis, que implicam a necessidade de os turistas se deslocarem ao local para a visita, como por exemplo a monumentos, a lugares históricos e a museus, e os produtos culturais móveis, que não requerem a deslocação ao lugar para se poder vivenciar o produto, como por exemplo as pinturas e outros objetos presentes em museus (Hughes, 2002). A última dimensão assinalada por Hughes (2002) é a do tempo, ou histórica. Esta dimensão suporta a ideia de que o turismo cultural pode contribuir para os turistas “viajarem no tempo” e apreciarem a cultura dos antepassados de uma determinada comunidade. Os museus são dos maiores contribuidores desta dimensão, uma vez que tornam acessíveis vários produtos culturais, como artefactos, pinturas e textos, entre outros. O autor considera

ainda que a música e o teatro também podem contribuir para esta viagem histórica dos turistas (Hughes, 2002).

Há, no entanto, que considerar que a existência de produtos culturais e a sua disponibilização ao público sob a forma de recurso turístico implica um esforço monetário por parte das entidades oficiais e da comunidade residente, com o objetivo de melhorar o seu país, região ou até concelho (Silberberg, 1995). Silberberg (1995) afirma que a medida acima mencionada é fulcral para suscitar interesse por parte dos turistas em relação aos produtos disponibilizados pela comunidade, podendo mesmo contribuir para uma estada mais prolongada no local.

Por último, e retomando o pensamento de Hughes, refere que existem oito atributos fulcrais para o turismo cultural:

1. A qualidade percebida do produto por parte dos turistas;
2. A consciencialização que irá fomentar;
3. O serviço prestado (*customer service*);
4. A sustentabilidade;
5. O produto único e autêntico;
6. A conveniência do produto;
7. O apoio por parte da comunidade residente;
8. A capacidade de gestão.

(Hughes, 2002)

Por sua vez, de acordo com Ashworth e Dietvorst (1995) existem dois tipos de turistas culturais, os comuns e os especializados. Os autores explicam que os turistas culturais comuns têm como hobby visitar vários destinos e locais geográficos sem terem o conhecimento e o interesse por um local em particular, porém, no caso dos turistas culturais especializados, os mesmos devido a diversas visitas ganha um maior conhecimento e interesse pela cultura e o património de um determinado destino (C. J. Ashworth & Dietvorst, 1995). É possível também identificar a evolução de um turista cultural comum para um turista cultural especializado com o aumento do número de visitas, conhecimento e interesse num destino turístico em concreto.

Bob McKercher (2002) defende que existem duas dimensões a considerar de forma a criar um modelo para classificar os turistas culturais, sendo elas a intensidade e a centralidade da experiência. Em termos da intensidade da experiência por parte dos turistas, pode existir uma grande diferença entre estes, sendo que alguns turistas apenas pretendem ter uma experiência de *sightseeing* mais superficial, e outros procuram uma experiência educacional mais detalhada e intensa (McKercher, 2002). Relativamente à centralidade, McKercher (2002) explica que existem turistas que selecionam um determinado destino turístico, tendo como objetivo central a prática de turismo cultural, porém vários turistas deslocam-se a um determinado destino tendo o turismo cultural como uma razão secundária e não central para a escolha do local.

Analisando estas duas dimensões, é possível reunir cinco tipos de turistas culturais:

- O turista cultural intencional – Com uma grande centralidade e intensidade por parte do turista na experiência. O turista desloca-se com o objetivo principal de praticar turismo cultural e aprender sobre a cultura e património do destino turístico.
- O turista cultural de *sightseeing* – Com uma grande centralidade e uma baixa intensidade por parte do turista na experiência. Neste caso os turistas selecionaram um determinado local para visitar com o objetivo de realizar turismo cultural, no entanto concretizam a experiência tendo em mente entretenimento e não a aprendizagem.
- O turista cultural casual – Com uma moderada centralidade e uma baixa intensidade por parte do turista na experiência. O turismo cultural tem uma intervenção moderada na escolha do destino turístico por parte do turista e ao praticar o mesmo tem uma experiência bastante superficial, sendo apenas com o propósito do entretenimento.
- O turista cultural acidental – Com uma baixa centralidade e intensidade por parte do turista na experiência. O turismo cultural tem pouca importância na escolha do destino turístico por parte do turista, porém o mesmo realiza algum tipo de turismo cultural, tendo uma experiência muito superficial, focada apenas no entretenimento.
- O turista cultural inesperado – Com uma baixa centralidade e uma alta intensidade por parte do turista na experiência. O turista, ao escolher o destino, não toma em

consideração a realização de turismo cultural como um ponto fulcral, porém ao praticar turismo cultural, acaba por beneficiar de uma experiência intensa e educacional.

(McKercher, 2002)

A síntese introdutória desenvolvida sobre o turismo cultural, os turistas culturais e as suas motivações, conduz-nos a um subponto sobre os itinerários culturais, na medida em que é este o nosso ponto principal deste trabalho.

2.1.1. Itinerários culturais

Existem outras tipologias de turismo que providenciam novos atributos relativamente ao turismo cultural tradicional, sendo um desses tipos o turismo criativo (Richards & Wilson, 2006). É possível reunir várias vantagens do turismo criativo, sendo uma delas o acréscimo de valor ao turismo, face à escassez de produtos desta natureza associados aos produtos turísticos e produtos culturais tradicionais tornando assim o turismo criativo único (Richards & Wilson, 2006). Richard e Wilson (2006) defendem que as propostas de atividades criativas contribuem para o aumento da inovação dos produtos turísticos, colocando deste modo o destino turístico em vantagem relativamente à sua concorrência. Outra vantagem mencionada pelos autores é a maior sustentabilidade de produtos criativos quando comparados com outros produtos culturais tangíveis, como por exemplo museus e monumentos que ao longo do tempo se vão degradando (Richards & Wilson, 2006). Complementado a vantagem anterior, os autores referem que o turismo criativo e os produtos criativos, como por exemplo aqueles que incluem a participação em artes performativas, são mais móveis, quando comparados com o turismo cultural e os produtos culturais contribuindo assim para uma maior sustentabilidade, na medida em que possuem o potencial de desenvolvimento fora dos grandes centros urbanos (Richards & Wilson, 2006). Por último, os autores referem que, o turismo criativo na indústria turística não envolve apenas a criação de valores, em termos económicos e financeiros, mas também a conceção e desenvolvimento de novas tendências turísticas, que contribuem para o desenvolvimento de novos produtos turísticos (Richards & Wilson, 2006).

Quando falamos em turismo cultural, é importante referir os itinerários como um dos principais produtos turísticos e culturais. Dorothea Meyer (2004) explica que a definição

conceptual de itinerário cultural é objeto de vários debates científicos, no entanto, a investigadora indica a definição do Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (CIIC - ICOMOS) como uma das mais corretas:

“Qualquer percurso de comunicação, sendo em terra, no mar, ou outro tipo de circuito, que é delimitado fisicamente e caracterizado por ter a sua própria dinâmica específica e funcionalidade histórica, tendo de concretizar as seguintes condições: tem de derivar e refletir movimentos interativos de indivíduos assim como partilhas multidimensionais, contínuas e recíprocas de produtos, ideias, conhecimento e valores entre pessoas, países, regiões ou até continentes durante um período de tempo significativo. Deste modo tem de promover a sinergia da cultura afectada no espaço e no tempo, sendo refletida no património tangível e intangível.” (CIIC - ICOMOS, 2008)

Já Wided Majdoub (2010), acrescenta que as rotas e itinerários culturais são práticas turísticas recentes que têm vindo a contribuir para um novo tipo de património. O mesmo autor acredita que os itinerários e rotas culturais não são apenas viagem em espaços geográficos, mas também são viagens mentais, com valor acrescentado e significado, contribuindo assim para a criação de uma experiência única do produto turístico (Majdoub, 2010).

No que diz respeito à criação dos itinerários, Meyer (2004) identifica vários objetivos que incentivam a conceção das rotas turísticas, sendo elas as seguintes:

- dispersar os fluxos turísticos e a receita do turismo num certo destino turístico;
- trazer para o centro atrações e produtos locais menos conhecidos da indústria turística;
- reforçar a atratividade de um destino turístico;
- aumentar a estada média e os gastos dos turistas;
- atrair turistas novos e repetentes;
- contribuir para a sustentabilidade dos produtos turísticos do destino.

Csapo e Berki (2014) atribuem aos itinerários vários contributos para um destino turístico, referindo a utilização de recursos pouco explorados em atividades turísticas consideradas tradicionais, diversificar a sua oferta turística, criação de novos grupos de procura e os

valores de investimento baixo na construção das rotas. Os autores também enumeram vários aspetos económico-financeiros positivos:

1. motivar os empreendimentos por parte da comunidade local;
2. apoiar investimentos relativamente a infraestruturas e recursos humanos;
3. aumentar as receitas devido à intensificação dos fluxos turísticos;
4. criação de emprego na indústria turística.

(Csapo & Berki, 2014)

Veja-se no ponto seguinte a importância das narrativas e da técnica do *storytelling* associadas a estes percursos.

2.1.2. *Storytelling* e a interpretação da cultura e do património

Contemporaneamente, a maioria das empresas, empresas turísticas inclusive, optam por oferecer aos seus clientes experiências em alternativa a bens essenciais, produtos e até serviços. Pine e Gilmore (1998) afirmam que a última grande transição na economia foi a mudança da venda de serviços para a comercialização de experiências. Estes economistas defendem que as empresas iniciaram a utilização de serviços com o palco e os produtos como adereços, de forma a criar uma experiência memorável para os seus clientes, no caso da indústria turística, os turistas.

Com a chegada da economia de experiências, surgiram várias implicações na criação das mesmas (Pine & Gilmore, 2013), sendo elas as seguintes:

- a personalização/customização em massa torna-se a o trajeto a seguir, criando a necessidade por parte das empresas de criarem experiências únicas e individualizadas para cada consumidor, quebrando assim a comoditização;
- o trabalho desenvolvido por uma empresa torna-se uma peça de teatro, onde os seus profissionais estarão a atuar e serão os principais atores, tendo esses como objetivo envolver os clientes na experiência criada;
- a autenticidade torna-se a nova norma, criando assim uma maior procura e respeito por parte dos clientes a experiências genuínas e autênticas;

- a experiência converte-se em marketing, com a criação de novas experiências promotoras cria-se assim um aumento na demanda relativamente ao produto ou serviço primordial da empresa;
- a experiência torna-se comercializável, com a entrada da economia das experiências, as mesmas passam a ser comercializadas tendo um valor acrescentado comparado com os serviços e os produtos.

Analisando as implicações das teorias de Pine e Gilmore, mais em concreto no ponto em que é mencionado que os profissionais se tornam atores e trabalham numa peça de teatro, estabelecemos a ligação à técnica de *storytelling*, uma vez que se trata de uma ferramenta que valoriza através da introdução de uma narração, uma história, que envolve o turista e o ajuda a imergir na atividade que lhe é proposta.

O conceito de *storytelling* tem vindo a suscitar cada vez mais interesse por parte da comunidade académica, e é exequível analisá-lo a partir de três perspetivas: construção social, simbologia organizacional e controle (Bassano et al., 2019).

Relativamente à perspetiva da construção social, Berger e Luckmann (1966) admitem que a Humanidade possui uma necessidade universal de obter significado e ordem. Deste modo através da socialização e do *storytelling* as pessoas irão construir significados e ordens pessoais em termos individuais e irão construir a realidade social em termos colectivos (Berger & Luckmann, 1966). Dandridge (1980) defende a perspetiva da simbologia organizacional, onde explica que o *storytelling* acaba por ser utilizado várias vezes em organizações, como meio para expressar a ideologia e os valores presentes nessa mesma organização. Por último, a perspetiva de controle identifica o *storytelling* como uma ferramenta utilizada para que a comunicação seja mais envolvente e atraente para o público-alvo (Swap et al., 2001). Para este projeto incorporamos o conceito apresentado pela última perspetiva referida, a utilização do *storytelling* está ao serviço da interpretação cultural e patrimonial.

A *National Trust of Australia* e os *Museums of Australia* (2007) identificam várias vantagens na interpretação correta do património e da cultura para os turistas, para o governo do país, para a comunidade residente e até para as agências de viagem e operadores turísticos. Segundo estas instituições, a correta interpretação do património:

- atrai, envolve e inspira os turistas aumentando o número de visitas repetidas e publicidade boca a boca;
- identifica o que há de único e especial num determinado local ou destino turístico;
- cria significado para o lugar, conectando o mesmo à comunidade residente;
- minimiza os danos ambientais e culturais, tornando os turistas mais conscientes;
- substitui o tangível, criando produtos turísticos intangíveis;
- responde à demanda de experiências únicas e memoráveis por parte dos turistas;
- providencia um meio condutor para desenvolver o conhecimento e o gosto pela arte;
- incentiva a coesão social, dando à comunidade o sentimento de pertença;
- proporciona benefícios sociais, ambientais e económicos.

Dentro do segmento do turismo cultural foram surgindo nichos, que respondem a interesses mais específicos como o turismo literário, o *dark tourism* e até mesmo o turismo judaico, o presente trabalho é transversal a todos estes interesses. Assim, no próximo ponto, apresentamos uma revisão da literatura sobre o turismo literário.

2.2. Turismo literário

É possível encontrar desde muito cedo vestígios da prática de turismo literário, nos finais do século XVI e no início do século XVII, coincidindo com a *Grand Tour* e com o surgimento do fenómeno turístico na Europa, como referimos anteriormente. De facto, as práticas turísticas destes jovens aristocratas incluíam as visitas às casas e sepulturas de vários autores canónicos (Quinteiro, 2022; Quinteiro & Baleiro, 2019).

Ao analisar o turismo literário como um todo, é possível identificar diversos aspetos positivos para todos os envolvidos (Quinteiro & Baleiro, 2019). Quinteiro e Baleiro (2019) mencionam aspectos como a contribuição para a visibilidade do autor e da obra em questão; o favorecimento da economia; o fortalecimento do património edificado e literário; a valorização e dinamização de locais relacionados com a literatura; a educação dos turistas e da comunidade, de forma a contribuir para o envolvimento da mesma.

De acordo com Andersen e Robinson (2002) o turismo literário é um nicho inserido no turismo cultural, a prática de atividades desta natureza observa-se desde o Império

Romano, principalmente quando turistas se deslocavam a um destino e se identificavam com a cultural mitológica do local. O turismo literário também pode ser considerado um nicho do turismo patrimonial, e autores como Squire (1996) e Herbert (2001) admitem que os turistas se deslocam a um local específico, que é celebrado devido ao seu valor literário e patrimonial.

Richard Butler (1986) identifica quatro formas de turismo literário, sendo estas as seguintes:

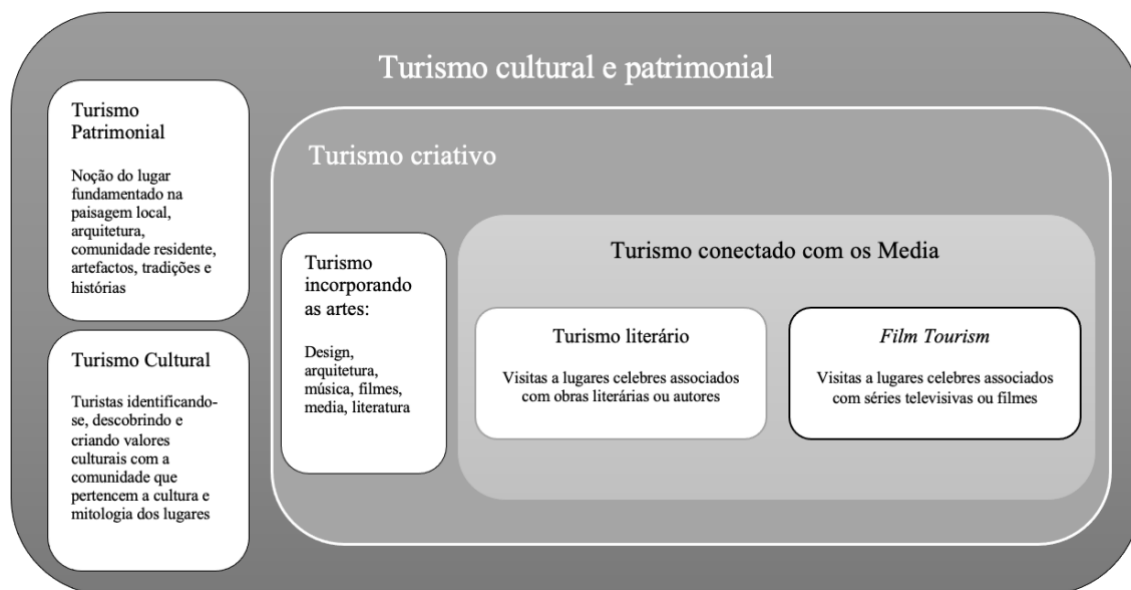
1. Homenagear uma localidade real retratada – o turista desloca-se a um destino para observar uma paisagem, uma cidade ou um lugar representado na obra do autor, de forma compreender a mesma.
2. Visitar um lugar marcante na obra – O turista desloca-se a um destino em concreto, pois é um local marcante na obra ficcional.
3. Localidade torna-se uma atração – O setor turístico promove um determinado destino, baseando-se na atratividade do mesmo gerada por uma obra literária.
4. Lugar literário torna-se um destino turístico – A obra literária adquire reconhecimento, tornando as localidades representadas no livro em destinos turísticos por si próprios.

No entanto, Busby e Klug (2001) identificam mais tarde duas novas formas de turismo literários a acrescentar ao modelo de Butler:

5. Viagens com base em Literatura de viagens – O turista reproduz uma viagem literária ou parte dela.
6. Turismo literário induzido pela indústria cinematográfica – O turista desloca-se a um determinado destino devido a obra literária, tendo tido conhecimento da mesma através da sua adaptação cinematográfica.

Recordando que o turismo literário está diretamente conectado com o turismo cultural, patrimonial e com o *film induced tourism*, Hoppen, Brown e Fyall (2014) criaram um modelo (figura 2.1) no qual localizam o turismo literário dentro do âmbito do turismo cultural e do turismo patrimonial:

Figura 2.1. Classificação do turismo literário dentro do turismo cultural e patrimonial



Fonte: Adaptado de Hoppen, Brown e Fyall (2014)

Charlie Mansfield (2018) categoriza o turismo literário em apenas três grupos, o grupo A, o da prática do turismo literário baseada na ficção e no texto, o grupo B referente aos turistas que se deslocam ao lugar literário devido ao autor de uma determinada obra literária, e o grupo C focado na promoção da obra ou destino turístico.

Deste modo, o turismo literário pode ser definido da seguinte forma:

“como um nicho do turismo cultural que tem a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura. Uma forma de turismo que, nas últimas três décadas, tem merecido o crescente interesse por parte do meio académico, o que resulta não só na pluralidade de sugestões relativas ao seu posicionamento dentro da grande área do turismo, como vimos, mas também numa pluralidade de propostas de definição.” (Quinteiro & Baleiro, 2019, p. 23)

Num dos primeiros estudos dedicados ao estudo da relação entre literatura e turismo, datado de 1996, Shelagh J. Squire (1996) sublinha o facto de as obras literárias serem normalmente muito específicas no que se refere às indicações geográficas. Este facto, permite, desde logo, identificar um conjunto de lugares literários a partir dos textos e motivar a sua procura. De acordo com David Herbet (2001), existem quatro motivos que levam os turistas a visitar um lugar literário:

1. Lugares que estão diretamente associados com a vida do escritor. O local onde o autor viveu ou trabalhou;
2. Fusão entre o real e o imaginário. O turista tem curiosidade em visitar lugares literários da obra, querendo viver as experiências das personagens;
3. Conexão emocional com o lugar literário. A obra evoca emoções e memórias de infância do leitor (a vida do autor ou a escrita em si não é o principal motivo da visita);
4. Eventos traumáticos da vida do autor como, por exemplo, o local onde o mesmo faleceu.

Sendo as características acima mencionadas específicas do turismo literário, podemos identificar particularidades que podem contribuir para enriquecer um itinerário já existente ou que podem dar lugar à criação de um itinerário literário (Herbert, 2001).

Visto que o presente projeto tem como principal objetivo a criação de um itinerário literário, é importante salientar as diferenças entre os conceitos de espaço e lugar para que melhor se entenda a ideia de lugar literário que temos como pressuposto para o desenvolvimento do nosso itinerário. Havendo muitos pontos de contacto entre espaço e lugar, estes conceitos tendem a ser tomados e usados como sinónimos, quando, de facto, não o são. Quinteiro e Baleiro (2019), partindo das teorias de Yi Fu Tuan; Mike Craus; Tim Cresswell e Robert Telly Jr., sugerem que o espaço é “o elemento tangível ao qual o leitor-turista procura aceder quando deseja um encontro com as personagens, a obra ou, até mesmo, com o autor” e consideram um lugar como “uma fração do espaço que é isolada, produzida e nomeada (no contexto de um processo de ressignificação que tanto pode ser individual como coletivo)” (2019, p. 51).

De forma a mostrar a ligação entre estes conceitos e o domínio do património literário, as mesmas autoras reuniram vários exemplos sobre lugares literários que listamos abaixo:

- Casas dos autores / casas-museu de autores;
- Fundações de autores;
- Sepulturas de autores;
- Locais de trabalho dos autores;
- Locais frequentados por escritores;

- Locais de inspiração;
- Cenários de livros;
- Referências na paisagem a personagens;
- Referências na paisagem a escritores;
- Bairros literários;
- Parques literários;
- Bibliotecas de interesse turístico-literário;
- Livrarias de interesse turístico-literário;
- Museus literários.

(Quinteiro & Baleiro, 2019, pp. 54-55)

Sendo que o nosso projeto desenhar um itinerário literário com base na obra *O Último cabalista de Lisboa* (1996), de Richard Zimler, os lugares literários a identificar e a selecionar enquanto pontos de interesse remeterão para pontos geográficos que correspondem aos cenários do livro e a partir dos quais é possível narrar a história do massacre dos judeus, sucedido em 1506, bem como a retratar a vida dos judeus de Lisboa no século XVI.

Assim, e como mencionado acima, sendo o turismo literário um dos nichos do turismo cultural, as atividades que lhe estão associadas articulam-se facilmente com as de outros nichos do turismo cultural. Um desses nichos é o *dark tourism* e, neste trabalho surge ligado ao turismo literário de uma forma tão intrínseca que entendemos dever referir o nosso itinerário como um itinerário de *dark literary tourism*. De acordo com Busby e Devereux (2015), existe uma conexão direta entre o turismo literário e o *dark tourism*, acrescentando que a motivação por parte dos turistas para visitarem lugares associados com a morte e desastres está várias vezes relacionada com a literatura. É possível encontrar na atualidade uma grande variedade de experiências e itinerários que relacionam estas duas vertentes. Veja-se a título de exemplo os itinerários

- *O diário de Anne Frank* e a casa-museu de Anne Frank, em Amesterdão;
- *Schindlers ark* de Thomas Keneally e os campos de concentração e os guetos, em Cracóvia;

- *O rapaz do pijama às riscas* de John Boyne, e o campo de concentração de Auschwitz, em Cracóvia;
- *Se isto é um homem* de Primo Levi, e o campo de concentração de Auschwitz, em Cracóvia;
- *Drácula*, de Bram Stoker, e as visitas ao Bran Castle;
- *Frankenstein*, ou o *Prometeu moderno*, de Mary Shelley, e o itinerário criado em Bath na Inglaterra.

Sendo que em Portugal esta associação entre turismo literário e *dark tourism* ainda está muito pouco explorada, o presente projeto visa ser um contributo para preenchimento dessa lacuna.

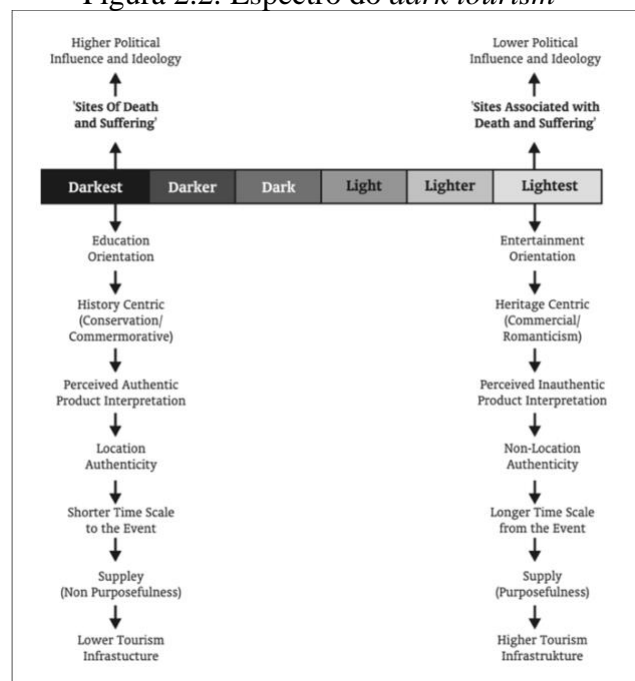
2.3. Dark tourism

O *dark tourism*, ou como é designado pelos académicos brasileiros, turismo sombrio, é definido por Foley e Lennon como a apresentação e consumo por parte dos turistas de atrações e produtos em locais onde decorreram eventos relacionados com morte e sofrimento (Foley & Lennon, 1996). De acordo com os mesmos autores, os media criam a motivação dos turistas para visitar estes *dark sites*, sendo um dos objetivos levar os visitantes a experienciar e a criar uma relação emocional e pessoal com os acontecimentos desumanos relatados no local. Peter Tarlow (2005) defende que o *dark tourism* é a prática de visitar lugares onde aconteceram tragédias ou mortes merecedoras de reconhecimento, que continuam a ter um impacto significativo na sociedade atual. Seguindo a mesma linha de pensamento, Philip Stone (2006) explica, que *dark tourism* é a ato de viajar para um determinado local associado com a morte, o sofrimento e o macabro, ao que Erika Robb (2009) acrescenta que a violência é a atração principal dos destinos turísticos considerados “*dark*”. O turismo sombrio igualmente é possível de ser definido como a deslocação a uma atração turística que esteja diretamente conectada com a morte, desastres, atos de violência, cenários relacionados com mortalidade e crimes contra a humanidade (Preece & Price, 2006). Ashworth (2008) admite que *dark tourism* é uma experiência turística composta essencialmente por emoções “negras”, estando incluídas nestas a dor, a morte, o horror e até a tristeza.

Ainda que atualmente a designação *dark tourism* esteja generalizada, o facto de esta prática estar associada a lugares onde ocorreram mortes levou Seaton (1996) a defender a utilização da designação *thanatourism* (*thanatos*), conceito que remete para o ato de viajar para uma determinada localização com a intenção de estar em contacto (em termos factuais ou simbólicos) com a morte. *Thanatourism* é igualmente descrito como uma forma de viajar e a procura de lugares associados com a morte (Johnston, 2015), é, portanto, um nicho de turismo no qual a motivação principal dos turistas é experienciar a morte e o sofrimento ocorridos em determinado local, tendo o entretenimento como principal propósito (Best, 2007).

Manteremos neste trabalho a designação *dark tourism*, até por entendermos, como Stone (2006), que importa considerar a diversidade dos produtos e atrações em causa, que nem sempre estão associados à morte propriamente dita. De facto, Stone (2006) aponta tonalidades distintas no espectro do *dark tourism* (figura 2.2.), defendendo que existem *darkest sites*, onde de facto ocorreram episódios de sofrimento e morte, e, no lado oposto do espectro, *lightest sites*, que estão apenas associados a esses eventos.

Figura 2.2. Espectro do *dark tourism*



Fonte: Stone (2006)

Refira-se ainda que Philip Stone (2006) divide o *dark tourism* em sete produtos distintos:

- *Dark Fun Factories*: atrações e passeios criados com o propósito de entreter os turistas. São considerados menos autênticos e normalmente estão apenas associados a algum acontecimento *dark*. (ex: *The London Dungeon*);
- *Dark Exhibitions*: criados principalmente para fins educacionais, sendo os museus o grande exemplo deste tipo de produto (ex: Museu Judaico em Berlim);
- *Dark Dungeons*: dentro deste produto são oferecidas visitas a antigos tribunais e prisões (ex: Penitenciária Federal de Alcatraz);
- *Dark Resting Places*: cemitérios como potencial produto de *dark tourism*. Neste caso pode se considerar visitar os mesmos devido à sua arquitetura ou visitar a sepulturas de uma determinada celebridade (ex: Hollywood Forever Cemetery);
- *Dark Shrines*: locais criados perto ou no local onde ocorreram determinados eventos com o propósito de prestar homenagem (ex: Memorial dos Judeus);
- *Dark Conflict Sites*: locais relacionados com guerras e campos de batalha (ex: Pearl Harbor);
- *Dark Camps of Genocide*: campos de concentração e genocídio (ex: Campos de concentração de Auschwitz)

John Lennon (2017) propõe a hipótese de um espectro do *dark tourism* mais simplificado quando comparado com o espectro de Philip Stone, Lennon divide os produtos são da seguinte forma: visitas a locais conectados com o trágico e a morte; visitas a lugares onde ocorreram assassinatos individuais ou em massa; visitas a sítios de encarceramento; visitas a pontos que representam e simulam acontecimentos relacionados com a morte; visita a locais de encenação de acontecimentos associados com a morte.

De acordo com os conceitos abordados por Stone, a tabela 2.1. representa os vários destinos considerados pioneiros no que diz respeito ao *dark tourism* e à sua categorização relativamente ao espectro do *dark tourism* e aos sete produtos do mesmo nicho.

Tabela 2.1. Categorização de destinos turísticos, de acordo com espectro e os produtos do *dark tourism* de Stone (2006)

Destinos	Atração	Espectro	Produto
Polónia	Campos de concentração (<i>Auschwitz, Majdanek, Belzec, Treblinka, Sobibor...</i>); Guetos de Varsóvia; Museu <i>Polin</i> ; Orfanato de Janusz Korczak.	<i>Darkest</i>	<i>Dark Camps of Genocide;</i> <i>Dark Exhibitions</i>
Ucrânia	Zona de Exclusão de Chernobyl; Cidade-fantasma de Pripyat; Central nuclear de Chernobyl; Museu Chernobyl.	<i>Darkest</i>	<i>Dark Exhibitions</i>
Japão	Hiroshima; Nagasaki; Aokigahara.	<i>Darkest</i>	<i>Dark Conflict Sites</i>
Alemanha	Museu Judaico; Campos de concentração (<i>Buchenwald, Dachau, Neuengamme...</i>); Memorial dos Judeus; Muro de Berlim; Checkpoint Charlie.	<i>Lightest</i> <i>Darkest</i>	<i>Dark Exhibitions;</i> <i>Dark Camps of Genocide;</i> <i>Dark Shrines.</i>
Ruanda	Campos de genocídio (<i>Murambi e Nyamata</i>); Memorial do genocídio em Kigali.	<i>Darkest</i>	<i>Dark Camps of Genocide;</i> <i>Dark Shrines</i>
Estados Unidos da América	<i>Ground Zero</i> ; Museu do 11 de setembro; Campos de concentração (localizados na Califórnia, Idaho, Wyoming, Utah, Arizona e Colorado) Alcatraz; <i>Golden Gate Bridge</i> ; Passeios sobre vários <i>serial killers</i> (H.H. Holmes, Jeffrey Dahmer, <i>Zodiac Killer</i> , Aileen Wuornos, Ted Bundy...) A Família Manson / Caso Tate-LaBianca <i>Pearl Harbor</i> ; <i>Hollywood Forever Cemetery</i> .	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Conflict Sites;</i> <i>Dark Shrines;</i> <i>Dark Exhibitions;</i> <i>Dark Camps of Genocide;</i> <i>Dark Dungeons.</i>
Cazaquistão	Área de testes de <i>Semipalatinsk</i> (O Polígono); <i>Anatomical Museum</i> ; Cidade-fantasma de Chagan.	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	Não categorizado
Camboja	Tuol Sleng; Museu do Genocídio <i>Tuol Sleng</i> ; Campos de genocídio de <i>Choeung Ek</i> .	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Dungeons;</i> <i>Dark Exhibitions;</i> <i>Dark Camps of Genocide.</i>
Itália	Coliseu; <i>Bunkers</i> do Mussolini; Vaticano; <i>Pompeii</i> ; Campos de concentração (<i>Risiera San Sabba, Fossoli...</i>).	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Conflict Sites;</i> <i>Dark Resting Places;</i> <i>Dark Camps of Genocide.</i>
África do Sul	Ilha <i>Robben</i> ;	<i>Darkest</i>	<i>Dark Dungeons;</i>

	<i>District Six Museum;</i> <i>Soweto</i>	<i>Lightest</i>	<i>Dark Exhibitions.</i>
Inglaterra	<i>Imperial War Museum;</i> <i>Churchill War Rooms;</i> Passeios sobre Jack, o Estripador; <i>Cemitério Highgate;</i> <i>The London Dungeon;</i> Torre de Londres	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Exhibitions;</i> <i>Dark Conflict Sites;</i> <i>Dark Resting Places;</i> <i>Dark Fun Factories.</i>
Espanha	Campos de concentração franquistas (<i>Albatera, Camposancos, Castuera, La Corchuela...</i>); Central nuclear de <i>Lemóniz;</i> Museu da Paz de <i>Gernika;</i> Cidade-fantasma de <i>Belchite</i>	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Camps of Genocide;</i> <i>Dark Conflict Sites;</i> <i>Dark Exhibitions.</i>
França	<i>Cemitério Pere Lachaise;</i> Museu de <i>l'Armée</i> (Túmulo de Napoleão Bonaparte); Catacumbas de Paris; Campos de concentração (<i>Struthof, Gurs, Rivesaltes...</i>); Memorial da Shoah; Normandia e o Dia D (museus, memoriais, praias, cemitério americano...).	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Resting Places;</i> <i>Dark Exhibitions;</i> <i>Dark Camps of Genocide;</i> <i>Dark Conflict Sites.</i>
Grécia	Gyaros; Spinalonga;	<i>Darkest</i>	<i>Dark Dungeons.</i>
Coreia do Norte	Palácio do Sol de <i>Kumsusan</i> (<i>Kim Mausoleum</i>); Zona Desmilitarizada da Coreia; Museu <i>Sinchon</i> das atrocidades americanas; Desastre de <i>Ryongchon</i> .	<i>Lightest</i>	<i>Dark Resting Places;</i> <i>Dark Conflict Sites;</i> <i>Dark Exhibitions.</i>
Holanda	Casa de Anne Frank; Campos de concentração (<i>Amersfoort, Vught, Westerbork...</i>); Museu da Resistência Holandesa.	<i>Darkest</i> <i>Lightest</i>	<i>Dark Exhibitions;</i> <i>Dark Camps of Genocide.</i>

Fonte: Elaboração própria

A motivação turística é um conceito muito debatido em estudos turísticos, contudo a motivação relativa à prática de *dark tourism* não terá sido alvo de muita a atenção por parte dos especialistas no passado. Apesar disso, nos últimos anos tem existido um maior interesse por parte da comunidade académica e tem-se vindo a tentar esclarecer a natureza da motivação de quem visita locais associados com a morte e o macabro. Duncan Light (2017) reuniu as diversas motivações identificadas em vários estudos de *dark tourism*, colocando-as por ordem de relevância:

1. Interesse educacional – Intenção em aprender e compreender o que aconteceu em determinado local.
2. Curiosidade – Apenas curiosidade pelo atípico.
3. Ligação pessoal – O local em causa tem uma conexão pessoal com o turista,

normalmente uma conexão familiar.

4. Ver para crer – O turista necessita deslocar-se ao destino para compreender estabelecer uma conexão com os acontecimentos.
5. Motivos de lazer – Os turistas deslocam-se apenas por motivos de entretenimento.
6. Peregrinação – Realização de peregrinações com o objetivo de homenagear um lugar onde algo trágico ocorreu.
7. Interesse histórico – Relevância histórica, cultural e patrimonial para certos turistas.
8. Recordação – Propósito de recordar os eventos horrendos e as vidas perdidas no local em questão.
9. Obrigação moral – Dever moral por parte dos turistas em deslocar-se ao local de forma a prestar as suas condolências.
10. Curiosidade pelo mórbido – Apenas curiosidade pela mortalidade e pelo mórbido associado ao destino turístico.

Como projeto tem como objetivo geral, a construção de um itinerário de *dark literary tourism* e avaliar numa perspetiva económico-financeira, a viabilidade da criação de itinerários de *dark literary tourism* na cidade de Lisboa, é importante verificar a motivação dos turistas que realizam esses mesmos itinerários. Deste modo, o próximo capítulo examina todo o processo metodológico, e por sua vez, todas as técnicas utilizadas, para atingir os objetivos traçados.

Capítulo 3 – Metodologia

No presente capítulo, é abordada a metodologia de investigação utilizada no presente projeto. Primeiramente, debruçamo-nos sobre a escolha do tema, questão que teve influência em todo o processo de investigação do trabalho (anexo A). Num segundo momento, são apresentadas todas as temáticas que se cruzam neste trabalho, e explica-se quais os dados secundários que foi necessário analisar para a constituição da revisão de literatura.

De seguida, é apresentado um breve enquadramento dos conceitos de processo de investigação e métodos de investigação. Neste mesmo capítulo, é exposta a diferença entre entrevista individual e de grupo, e são referidas as várias estruturas que podem apresentar. Neste contexto, também são identificados e apresentados os tipos de entrevistas utilizadas neste projeto.

Relativamente aos métodos de investigação, foram utilizados apenas métodos qualitativos, mais concretamente as entrevistas. Foram utilizados dois tipos de entrevistas, uma entrevista individual não estruturada ao autor da obra *O último cabalista de Lisboa*, Richard Zimler, e uma entrevista de grupo semiestruturada, aplicada aos participantes do passeio teste.

Por último, é apresentada a constituição do plano de negócios, criado para comprovar a viabilidade do projeto. Divide-se o plano de negócios em duas partes, sendo que a primeira parte é constituída pela descrição do plano de negócios, e na segunda parte, é feita a análise económica e financeira.

3.1. Identificação e justificação do tema escolhido

O projeto tem como objetivo geral a construção de um itinerário de *dark literary tourism* e avaliar numa perspetiva económico-financeira, a viabilidade da criação de itinerários de *dark literary tourism* na cidade de Lisboa. Visando a atingir este objetivo, averiguou-

se quais os acontecimentos passíveis de serem integrados num produto de *dark tourism* em Lisboa. Seguidamente, investigou-se quais as composições literárias que retratavam ou remetiam para esses mesmos eventos.

Porque permite a criação de um produto muito completo, pela qualidade do texto e dado o interesse pessoal pelo tema da obra, optou-se por desenvolver um itinerário com enfoque num evento traumático vivido no século XVI, o pogrom de Lisboa, também referido como a Matança dos judeus, que ocorreu em 1506. Como por base literária, selecionou-se *O último cabalista de Lisboa* (1996), de Richard Zimler.

Relativamente aos objetivos específicos, foram delimitados os seguintes:

- Compreender as principais dimensões do turismo cultural e do conceito de *storytelling*;
- Compreender as principais características dos nichos do turismo cultural: o turismo literário e o *dark tourism*;
- Perceber a conexão entre o *dark tourism* e o turismo literário;
- Entender o conceito de *dark literary tourism*;
- Construir o plano de negócios do projeto;
- Proceder à análise da viabilidade do projeto;
- Construção de um *dark literary itinerary*;
- Elaborar uma brochura como ferramenta de apoio ao participante.

3.2. Revisão de literatura

Após a identificação do tema e dos respetivos objetivos e principais resultados a atingir, foram definidas as principais temáticas a serem estudadas na revisão de literatura que embasa a construção do itinerário:

1. Turismo cultural: tipo de turismo onde estão inseridos os nichos de turismo principais do projeto (turismo literário e *dark tourism*);
2. itinerários culturais: o objetivo principal do projeto é a criação de um itinerário turístico;

3. *storytelling*: método utilizado na construção da narrativa do itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*.
4. turismo literário: utilização da obra *O último cabalista de Lisboa* de Richard Zimler como veículo para mostrar a vida dos judeus de 1500s (conexão do turismo literário com o *dark tourism*);
5. *dark tourism*: tema principal do itinerário está conectado com o sofrimento e o horror vividos pela comunidade judaica no século XVI (O Massacre de 1506, o Batismo forçado e a conversão a cristãos-novos, entre outros);
6. *storytelling*: método utilizado na construção da narrativa do itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*.

3.3. O processo de investigação e as técnicas utilizadas

Como em qualquer processo de investigação, a primeira etapa traduziu-se na determinação e na recolha de informação primária, sabendo que ao nosso dispor temos métodos de investigação quantitativos e qualitativos. Os métodos quantitativos pressupõem a utilização de técnicas mais objetivas e expressas em dados numéricos pelo que tendem a ser mais valorizados, constituindo os inquéritos por questionário como a técnica mais utilizada para a recolha de dados quantitativos. Estes inquéritos pressupõem a definição da amostra da população que interessa estudar, incluem quantificação e determinam a forma de recolha, tratamento e análise dos dados (Veal, 1997).

O lazer e o turismo como fenómenos de grandes fluxos de pessoas, privilegiam abordagens como os inquéritos para a recolha de informação em grande quantidade (Veal, 1997). A aplicação da mesma metodologia em novos momentos permite estudos comparativos e assim uma maior facilidade na interpretação e análise de mudanças nos resultados.

Tabela 3.1. Síntese das metodologias quantitativas e qualitativas

Metodologias Quantitativas	Metodologias Qualitativas
Justificam as suas afirmações com base em números e equações (positivistas)	Interpretação de comportamentos e motivações (surgem nos anos 80):
É o método tradicional; experimental.	visão holística - partem do princípio de que a compreensão do significado de um comportamento ou evento só será possível se se

Investigação já conduzida anteriormente, em que o corpo de literatura existe; as variáveis são conhecidas; as teorias existem.	compreenderem as relações que emergem de um determinado contexto
Indivíduos habituados a bases de suporte quantitativas.	abordagem indutiva- o investigador parte de observações mais livres, deixando que dimensões e categorias de interesse apareçam progressivamente durante o processo de coleta e análise de dados
Utilizam amostras mais amplas e a aplicação, e análise de dados é mais fácil, e rápida.	investigação naturalista- esta é aquela que reduz ao máximo a intervenção do investigador no contexto observado
Técnicas quantitativas: inquérito/sondagem.	É um método de abordagem construtivista ou naturalista; pós-positivista ou pós-moderno. Surge como movimento contra a tradição (positivista)
Aplicação: entrevista pessoal; entrevista telefônica; entrevista postal.	Pesquisa exploratória; variáveis desconhecidas, em que o contexto se torna importante.
	Falta de teoria de base para sustentar o estudo, ou de estudos equivalentes.
	Os entrevistados estão habituados a estudos suportados por informação qualitativa.
	Técnicas qualitativas: documentos, materiais audiovisuais, observação, entrevistas (individuais e de grupo), casos de estudo, método <i>delphi</i>

Fonte: Adaptado de Arksey e Knight, 1999; Creswell, 1994; Dencker, 1998; Krueger, 1994; *in* Gonçalves, 2003: 225

Os métodos qualitativos caracterizam-se por abordagens mais flexíveis da pesquisa e do processo de investigação (ver figura 3.1) que se sistematiza o processo de investigação e as suas fases). Por sua vez, a maior parte da pesquisa quantitativa tende a ter uma natureza sequencial (Veal, 1997). o que se torna inevitável devido à natureza da recolha de informação numérica e sistematizada que em regra têm envolvida.

A maior parte da pesquisa qualitativa envolve um relacionamento mais fluido e direto entre os vários elementos da pesquisa. A abordagem que se propôs, de desenvolvimento de um itinerário e de testagem no terreno, implicava a formulação da hipótese à medida que a pesquisa progredia, sendo que a recolha e análise dos dados tiveram lugar em

concorrência, e a escrita decorria de um processo evolutivo, contínuo, mais do que um processo separado, que acontece no final do projeto, pelo que, se determinou como a abordagem a prosseguir (Creswell, 1994; Dencker, 1998).

As técnicas qualitativas mais utilizadas na investigação em turismo e lazer são: as entrevistas individuais em profundidade, as entrevistas de grupo (ou *focus groups*) e a observação participante (Dencker, 1998; Gonçalves, 2003; Peterson, 1994). A abordagem que se segue procura demonstrar as principais diferenças entre entrevistas individuais e de grupo, mas também as vantagens e desvantagens dessas entrevistas serem estruturadas, semiestruturadas ou não-estruturadas, justificando desta forma as opções que efetuámos para a presente investigação.

3.3.1. As entrevistas (individuais e de grupo)

As *entrevistas individuais* são entrevistas informais e em profundidade que usualmente envolvem um número relativamente pequeno de indivíduos a serem entrevistados, demoradamente, possivelmente em mais do que uma ocasião. Obtêm-se grandes quantidades de informação, a partir de pequenos grupos de pessoas. São entrevistas que se caracterizam pela sua duração, profundidade e estrutura. Tendem a ser mais longas do que as entrevistas baseadas em questionários (Krueger, 1994; Peterson, 1994) e pode envolver a repetição de entrevistas às mesmas pessoas. Neste tipo de entrevista os sujeitos são encorajados a falar, o entrevistador faz questões suplementares e pede aos entrevistados para explicar as suas respostas. A entrevista de profundidade é assim menos estruturada do que aquela que se baseia num questionário; cada entrevista num mesmo estudo, apesar de se tratar dos mesmos assuntos, terá um resultado diferente (*vide* figura 3.2)

As entrevistas em profundidade são usadas predominantemente em três situações: quando se tem um número reduzido de sujeitos a questionar; a informação a obter de cada sujeito é diversa e assume alguma complexidade (o que se verifica no caso concreto); quando um tópico tem que ser explorado numa fase preliminar e nos encontramos a planear um desenvolvimento posterior (que pode assumir noutra fase a aplicação de um inquérito) (Gonçalves, 2003).

Tabela 3.2. Características dos diferentes tipos de entrevista

ESTRUTURADA	SEMIESTRUTURADA	NÃO ESTRUTURADA
De rápida execução.		Pode ser longa ou mesmo muito longa.
Amostras de grande dimensão.	Amostras de média dimensão.	O tempo que leva a entrevistar e a complexidade da transcrição e análise tende a restringir o tamanho da amostra (amostra reduzida).
Os entrevistadores seguem um guião ou inquérito de forma rígida.	O entrevistador utiliza um ‘guião’ que é normalmente um conjunto de questões fechadas e abertas.	O entrevistador utiliza uma lista de tópicos para discussão, em torno do qual improvisará.
O entrevistador está a testar uma teoria, pelo que ignora o que não for abrangido pelo estipulado.	É em parte conduzida pelo entrevistador e pelo entrevistado.	O entrevistador pretende conhecer as histórias e perspetivas do entrevistado. É o informador que determina o que se descobre.
A validade depende da validade do programado.	A validade depende em parte do programado, mas em parte da dinâmica da entrevista.	O entrevistador pretende conhecer as histórias e perspetivas do entrevistado. É o informador que determina o que se descobre.
A confiança da recolha de dados depende da experiência do entrevistador, da sua supervisão e rigidez de regras de trabalho.	Mistura dos outros dois estilos.	A confiança assume um papel secundário face à validade.
Não há problemas de transcrição, dado que as respostas obtidas são fixas.	Mistura dos outros dois estilos.	É desejável a transcrição total. Notas são algumas vezes aceites, com o gravador como ponto de referência. Consome mais tempo.
Fácil de analisar.	Algumas partes mais fáceis de analisar e outras mais difíceis.	Usualmente difíceis de analisar.
A confiança na análise é raramente um problema, na medida em que existe pouco espaço para questionar se a análise é o melhor resumo da informação.	Difícil de conseguir uma análise de confiança nas questões abertas. Regra geral é menos difícil que nas entrevistas não-estruturadas, onde pode estar pouco claro qual era a questão.	Difícil de analisar a confiança. Pode ser difícil decidir sobre o que é uma seção da entrevista.
Tende para uma visão positivista do conhecimento das ciências sociais.	Mistura das características dos outros dois estilos.	Visão não-positivista do conhecimento das ciências sociais.
O anonimato dos entrevistados pode ser facilmente garantido em alguns estilos de pesquisa.	Difícilmente se consegue garantir o anonimato.	Pelo conhecimento dos entrevistados torna-se mais difícil o anonimato. Os entrevistados tendem a ser mais cautelosos nas suas respostas por conhecerem o entrevistador.

Fonte: Adaptado Arksey e Knight, 1999, *in* Gonçalves, 2003: 230

Na perspectiva de Minayo e Costa (2018), os autores admitem existir três tipos de entrevistas, as entrevistas fechadas, as entrevistas semiestruturadas e as entrevistas abertas. Iniciando pelas entrevistas fechadas, os autores defendem que a técnica é utilizada em investigações qualitativas e quantitativas, aprofundando que, em termos qualitativos, as entrevistas possuem um papel complementar, referindo que o foco das mesmas não é conhecer a intensidade vivencial e as relações humanas (Minayo & Costa, 2018). No caso das entrevistas semiestruturadas, a sua implementação obedece apenas a um guião, assegurando aos investigadores com menor experiência, o poder de contemplar novos pressupostos durante a entrevista, frisando também a necessidade de dar uma certa margem, para ouvir os comentários dos participantes (Minayo & Costa, 2018). Por último, Minayo e Costa (2018) referem, que nas entrevistas abertas, num momento inicial, o entrevistador explica a intenção da entrevista em questão, e no decorrer da mesma, é proposto novos tópicos de conversa, sem obedecer a nenhuma sequência rígida.

De acordo com os conceitos apresentados, decidiu-se aplicar, num primeiro momento, uma entrevista individual e não estruturada ao autor Richard Zimler. Decidiu-se usar a técnica em questão, devido ao projeto estar numa fase preliminar, querendo-se apenas conhecer a perspectiva do autor em relação à criação do itinerário, baseado na sua obra e na sua comunidade, tentando também compreender novas informações para melhorar o trabalho.

No final do segundo passeio teste, foram aplicadas novas entrevistas, neste caso entrevistas de grupo semiestruturadas. Aplicou-se este tipo de entrevistas, com o objetivo de adquirir uma maior amostra, em relação à entrevista individual, tendo como base um guião com várias questões. Mesmo sendo implementada uma estrutura mais rígida, foi dado espaço aos entrevistados para exporem as suas opiniões e respostas para além da questão delineadas à priori.

3.4. Plano de negócios e estudo da viabilidade

De acordo com Dornelas (2007), todos os projetos ou empresas carecem de um plano de negócios, pois os mesmo apoiará na apresentação aos futuros investidores, bancos ou até clientes. O autor realça que a entidade provedora de financiamento irá requerer o plano

com o objetivo de avaliar os riscos que uma empresa ou projeto poderá possuir. Porém Dornelas refere que grande parte dos empresários e gerentes de projetos, a maior parte deles pertencentes a micro ou pequenas empresas, não são capazes de compor um plano de negócios dado a não possuírem o conhecimento de conceitos básicos para a criação de um plano de negócios (Dornelas, 2007):

“Todo plano de negócios deve ser elaborado e utilizado seguindo algumas regras básicas, mas que não são estáticas e permitem ao empreendedor utilizar sua criatividade ou o bom senso, enfatizando um ou outro aspeto que mais interessa ao público-alvo do plano de negócios em questão. No caso das empresas que já se encontram em funcionamento, ele deve mostrar não apenas aonde a empresa quer chegar, ou situação futura, mas também onde a empresa está no momento, mostrando os valores dos seus atuais indicadores de desempenho.” (Dornelas, 2007)

Sendo um documento utilizado para apresentar uma determinada empresa, o plano de negócios deve ser composto por capítulos, tornando o mesmo relativamente mais fácil de compreender. Para uma microempresa, o plano deverá ser mais pequeno, não ultrapassando as quinze páginas, organizado de forma a manter uma sequência lógica, facilitando ao leitor a identificação de todos os capítulos que integram o plano de negócios. (Dornelas, 2007)

Deste modo, o plano de negócios, como mencionado anteriormente, está dividido em duas partes distintas. A primeira parte, apresenta na descrição teórica do plano, no qual está incluído a apresentação da empresa, a análise do produto, a caracterização de Lisboa, a análise SWOT, finalizando-se com a definição da estratégia de marketing (marketing-mix)

Em termos da caracterização de Lisboa como destino e produto turístico, foram utilizados como fontes secundárias de informação e estatísticas, o Plano estratégico de turismo da região de Lisboa 2020-2024. Verificaram-se a percentagem de hóspedes, as dormidas, gastos médios, estadia média, entre outros dados relevantes para o projeto. Por último, foi estabelecido o estado da arte das empresas de itinerários e passeios turísticos de Lisboa, que comercializam produtos de turismo literário e *dark tourism*.

Na segunda parte do plano de negócios, está inserido o plano económico e financeiro, inclusive o estudo de viabilidade económica. De forma a avaliar a viabilidade da criação

de uma empresa de *dark literary tourism*, será tomado em conta a demonstração financeira, elaborada no mapa de Excel disponibilizado pela Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia da Universidade do Algarve (CRIA), e os seguintes indicadores de viabilidade: Valor atual líquido (VAL); Taxa interna de retorno (TIR); *Payback*.

3.5. Síntese conclusiva da metodologia utilizada

Neste capítulo, foram identificadas todas técnicas utilizadas, para dar resposta ao objetivo geral do trabalho e, por sua vez, aos objetivos específicos definidos na identificação do tema do projeto.

Na revisão de literatura, com a recolha de dados secundários em artigos científicos, livros, entre outros, foi possível validar os seguintes objetivos específicos: Compreender as principais dimensões do turismo cultural e do conceito de *storytelling*; compreender as principais características dos nichos do turismo cultural: o turismo literário e o *dark tourism*; perceber a conexão entre o *dark tourism* e o turismo literário; entender o conceito de *dark literary tourism*.

Para responder ao objetivo “Construir o plano de negócios do projeto”, foi elaborado um plano de negócios, o qual pode ser dividido em duas partes diferenciadas, a parte teórica e a parte do plano económico e financeiro. Dentro da parte teórica, é feita a caracterização de Lisboa como. Destino e produto turístico, no qual foi necessário a utilização de dados estatísticos secundários, adquiridos no Plano estratégico de turismo da região de Lisboa 2020-2024. No plano de negócios, foi construído o plano económico e financeiro, no qual está inserido à análise da viabilidade económica do projeto, acabando a mesma por responder ao objetivo específico: Proceder à análise da viabilidade do projeto. Contribuindo ainda, para a análise da viabilidade do projeto, foi fulcral a realização das entrevistas (a entrevista individual não estruturada ao escritor Richard Zimler e as entrevistas semiestruturadas), ajudando assim, a comprovar a carência do *dark literary tourism* no mercado turístico português.

Em suma, devido ao conjunto de todas estas técnicas utilizadas ao longo da realização do trabalho, e a resposta dada os objetivos específicos, concluiu-se que a metodologia escolhida, conseguiu dar resposta ao objetivo geral do presente projeto de mestrado: Construção de um itinerário de *dark literary tourism* e avaliar numa perspetiva económico-financeira, a viabilidade da criação de itinerários de *dark literary tourism* na cidade de Lisboa.

Capítulo 4 – Plano de negócios

4.1. Breve enquadramento

Tendo em conta a organização proposta por Dornelas (2007), e considerando as características do projeto em questão, a estrutura do plano de negócios será a seguinte:

- Apresentação da empresa: neste ponto, serão explanados a ideia e o historial do projeto, de seguida a visão, missão, valores e responsabilidade social e ambiental que o projeto terá em consideração e por último o posicionamento estratégico e vetores estratégicos propostos;
- Análise do produto: neste ponto, num primeiro momento é feita uma breve descrição do produto *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*. De seguida serão identificadas as vantagens do produto relativamente à concorrência e, por último, serão apresentados possíveis desenvolvimentos e futuros produtos;
- Análise do mercado: neste ponto é exposto o historial do setor em questão e como o projeto se insere no mesmo. Finalizando a análise de mercado com a caracterização do mercado-alvo e a análise SWOT do projeto em estudo;
- Estratégia de marketing: neste ponto é apresentado o marketing-mix do projeto (produto, preço, distribuição e comunicação);
- Organização e gestão: neste ponto é identificado a experiência dos promotores do projeto e de que forma iram participar na criação, promoção e comercialização do mesmo;
- Estudo económico e financeiro: neste ponto são apresentadas as várias estimativas que aferem a viabilidade do projeto, mais concretamente, os investimentos, previsões de vendas, gastos funcionais, gastos com o pessoal, demonstração de resultados, mapas de cash-flow e, por último, os indicadores de viabilidade.

4.2. Apresentação do projeto

4.2.1. Identificação e historial do projeto

O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco é o produto principal do projeto apresentado. Primeiramente, perspetivado apenas como um roteiro para finalização de tese de mestrado, porém, verificou-se o potencial na temática abordada, no percurso e na sua viabilidade e futura comercialização.

Antes de ser considerado um projeto, o objetivo fulcral era criar um roteiro que conectasse o *dark tourism* e o turismo literário, operando assim um micro nicho chamado de *dark literary tourism*. Foram então examinados os vários acontecimentos traumáticos e considerados *dark* na história da cidade de Lisboa que seriam relevantes para a criação de um itinerário. Seguindo-se uma pesquisa de obras literárias que se adequassem aos eventos anteriormente mencionados.

Deste modo, chegou-se à proposta de construir um passeio sobre o Pogrom de 1506 tendo por base a obra literária de Richard Zimler – *O último cabalista de Lisboa*.

Sendo que num primeiro momento este projeto tem como objetivo principal a criação de um itinerário de *dark literary tourism* viável, no futuro terá como propósito a criação de uma empresa que comercializa vários roteiros sobre a mesma temática na zona de Lisboa.

4.2.2. Visão

Ser referência no conceito de *dark literary tourism* em Portugal.

4.2.3. Missão

Oferecer experiências *dark*, memoráveis e únicas aos participantes no itinerário, promovendo simultaneamente a cultura, a literatura e os eventos branqueados pela sociedade portuguesa ao longo dos anos.

4.2.4. Valores

Diversidade

Autenticidade

Respeito

(K)Criatividade

4.2.5. Responsabilidade social e ambiental

O projeto irá contribuir para a prática do Turismo Sustentável da cidade de Lisboa, sendo que, em termos ambientais não será utilizado quaisquer produtos de plásticos no decorrer dos itinerários e durante a gestão do mesmo. Através da realização dos percursos com um número reduzido de participantes, o projeto irá contribuir para a diminuição da capacidade de carga dos locais. Relativamente à sustentabilidade social, o projeto pretende integrar a população residente de forma a contribuir para a promoção da cultura e literatura da cidade de Lisboa e, cumulativamente, para a diminuição da turismofobia criada devido ao *overtourism*.

4.2.6. Posicionamento estratégico – vetores estratégicos

Liderança em produto

Relativamente ao posicionamento estratégico, num primeiro momento o projeto terá como foco o produto. O projeto terá como objetivo criar um itinerário inovador, único, que terá maior valor comercial relativamente aos seus concorrentes diretos.

Relacionamento com o cliente

Após ter-se fixado com um produto de excelência no sector a que pertence, o projeto terá como propósito secundário criar uma relação de confiança com os clientes e participantes.

4.3. Análise do produto

4.3.1. Descrição sumária do produto

O produto consiste num itinerário de *dark literary tourism* (abordando temas que cruzam os nichos turísticos de *dark tourism* e do turismo literário). No passeio será analisado o Massacre de Lisboa de 1506 e toda a perseguição dos judeus no século XVI, visando apelar aos *dark tourists*. Por outro lado, o itinerário será narrado por Berequias Zarco, a personagem principal da obra de Richard Zimler *O último cabalista de Lisboa*, apelando assim aos turistas literários.

O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco consiste em 9 pontos de paragem, começando em Alfama, onde o narrador da obra vivia em 1500s, e acabando no Largo de São Domingos, perto do Rossio, onde cerca de 2 mil judeus perderam a sua vida na Matança da Páscoa.

4.3.2. Vantagens distintivas do produto

Como já foi abordado no posicionamento estratégico, o presente projeto terá como grande foco o produto, tornando o mesmo num líder do setor inserido. Equiparando com a atual concorrência, o itinerário apresentado terá as seguintes vantagens:

1. Conceção de um passeio presente no micro nicho de turismo o *dark literary tourism*. Desenvolver uma experiência única e especializada;
2. O itinerário já revisto e aprovado pelo autor da obra, Richard Zimler, tendo assim um maior valor comercial comparado com os produtos da concorrência;
3. Utilização da aromaterapia com o propósito de transportar os participantes para as Judiarias de Alfama da época de 1500s;
4. Refeição kosher após o itinerário. Proporcionar um almoço típico judaico aos clientes com a ajuda de restaurantes e fornecedores pertencentes à comunidade judaica de Lisboa;
5. Criação de um *site* interativo como forma de apoio aos participantes, de forma a substituir a versão física da brochura (anexo B) por uma versão digital e

adicionando mais informação e imagens.

4.3.3. Desenvolvimentos previsíveis

Existem vários acontecimentos considerados *dark* relatados em Lisboa, que poderiam futuramente ser explorados e comercializados como itinerários, sendo os seguintes os acontecimentos de maior interesse:

1. Diogo Alves – O assassino do Aqueduto das Águas Livres,
2. O Regicídio de 1908 – O assassinato do Rei D. Carlos de Portugal e dos Algarves;
3. O Terremoto de Lisboa de 1755;
4. Os Retornados;
5. António de Oliveira Salazar – Salazarismo, Estado Novo e a PIDE;
6. Inquisição portuguesa e o Tribunal do Santo Ofício;
7. A Escravatura em Portugal ao longo dos séculos.

4.4. Análise de mercado

4.4.1. Evolução histórica e previsional do sector

O projeto estará inserido no setor turístico, sendo desenvolvido dentro da área do turismo cultural, mais precisamente do *dark literary tourism*.

De acordo com o estado da arte realizado no capítulo da caracterização de Lisboa, é possível identificar uma forte aposta no turismo literário na cidade, porém também se conclui que grande parte das empresas que oferecem itinerários turísticos pouco ou nada desenvolvem o conceito de *dark tourism* na capital.

No mesmo capítulo, na análise do Plano estratégico de Lisboa, ao analisar o *Mix* de produtos da cidade de Lisboa, as estatísticas mostram que a procura do turismo cultural por parte dos turistas está a diminuir. Deste modo, é possível identificar que é necessário apostar em novos produtos para combater a falta de originalidade do turismo cultural na capital.

Cada vez mais os turistas escolhem os seus produtos turísticos tendo a questão da sustentabilidade em mente. Assim sendo, este projeto terá como base a sustentabilidade social. É percebido que grande parte dos turistas procuram atividades que os conectem com a realidade do destino turístico, contacto direto com a população residente. Uma das apostas deste projeto serão as parcerias com os residentes, primeiramente a comunidade judaica de Lisboa, de forma a transmitir a autenticidade do destino aos clientes que realizam o itinerário.

4.4.2. Enquadramento do negócio no sector

O projeto insere-se no micro nicho de turismo, *dark literary tourism*. O itinerário irá conjugar diversos temas que abordam o turismo literário e o nicho de mercado pouco trabalhado em Lisboa, o *dark tourism*.

Este novo produto irá responder a duas novas tendências emergentes no setor do turismo. Uma delas será a sustentabilidade, sendo que *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* terá como base a sustentabilidade, focando-se principalmente no pilar da sustentabilidade social visando o respeito e a tolerância pela comunidade judaica. A comunicação com os residentes é outra tendência no setor do turismo em que o projeto em questão irá apostar ao oferecer uma refeição confeccionada por um restaurante tipicamente judaico.

Comprometendo a sustentabilidade social, refeições temáticas e na aromaterapia este projeto irá mudar o paradigma de um clássico itinerário turístico.

4.4.3. Caracterização do mercado-alvo

Em termos de mercado-alvo, num primeiro momento o projeto terá como objetivo alcançar turistas com as seguintes características:

- *Dark tourists*;
- turistas literários;
- turistas pertencentes a comunidade judaica ou interessados pela cultura judaica;

- adolescentes e adultos entre os 15 e os 65 anos devido ao nível de dificuldade e a temática abordada no itinerário;
- turistas com um certo nível de estudos que apreciem cultura e história;
- turistas com uma maior posse monetária devido ao valor do roteiro;
- turistas nacionais (passeio realizado apenas em português numa primeira fase);

4.5. Caracterização de Lisboa

De forma a ter uma visão mais clara de Lisboa, a mesma é caracterizada primeiramente em termos geográficos e demográficos. Num momento seguinte, com o apoio do Plano estratégico para o turismo da região de Lisboa 2020-2024 (2019), realizou-se uma breve análise de Lisboa como um destino turístico. Num último momento serão identificadas empresas/produtos turísticos no âmbito das temáticas do turismo cultural, turismo literário e do *dark tourism*.

4.5.1. Caracterização geográfica

Localizada na margem do rio Tejo, a capital de Portugal encontra-se a oeste do país, na costa do Oceano Atlântico.

Sendo também considerada a capital da Área Metropolitana de Lisboa, Lisboa apresenta as seguintes características:

- O concelho de Lisboa tem 83,83 km²;
- Lisboa têm 24 freguesias, anteriormente dividido em 53 freguesias;
- O distrito de Lisboa tem como área 2761 km²;
- O distrito é composto por 16 municípios (Alenquer, Amadora, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Cascais, Lisboa, Loures, Lourinhã, Mafra, Odivelas, Oeiras, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Vila Franca de Xira);

Por último, em termos de espaço geográfico, a cidade é dividida em 5 zonas principais, sendo elas: a zona centro, a zona do centro histórico, a zona norte, a zona ocidental e a zona oriental.

4.5.2. Caracterização demográfica

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2021) é possível observar que, no ano de 2019, a Área Metropolitana de Lisboa tinha uma população residente de 2 870 770 habitantes, dos quais 1 350 790 eram do sexo masculino e 1 519 980 eram do sexo feminino. O concelho de Lisboa, durante o ano de 2019 tinha uma população residente de 509 515 habitantes, sendo 545 923 do sexo masculino e 291 672 do sexo feminino (*vide* tabela 4.1).

Tabela 4.1. Caracterização demográfica de Lisboa

Período de referência dos dados	Local de residência	População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário; Decenal (1)		
		Sexo		
		H	M	
		Grupo etário		
		Total		
		N.º	N.º	N.º
2021	Área Metropolitana de Lisboa	2 870 770	1 350 790	1 519 980
	Lisboa	545 923	254 251	291 672

População residente (N.º) por Local de residência, Sexo e Grupo etário; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

Nota(s):
(1) Dados provisórios.

Última atualização destes dados: 16 de dezembro de 2021

Fonte: INE (2021)

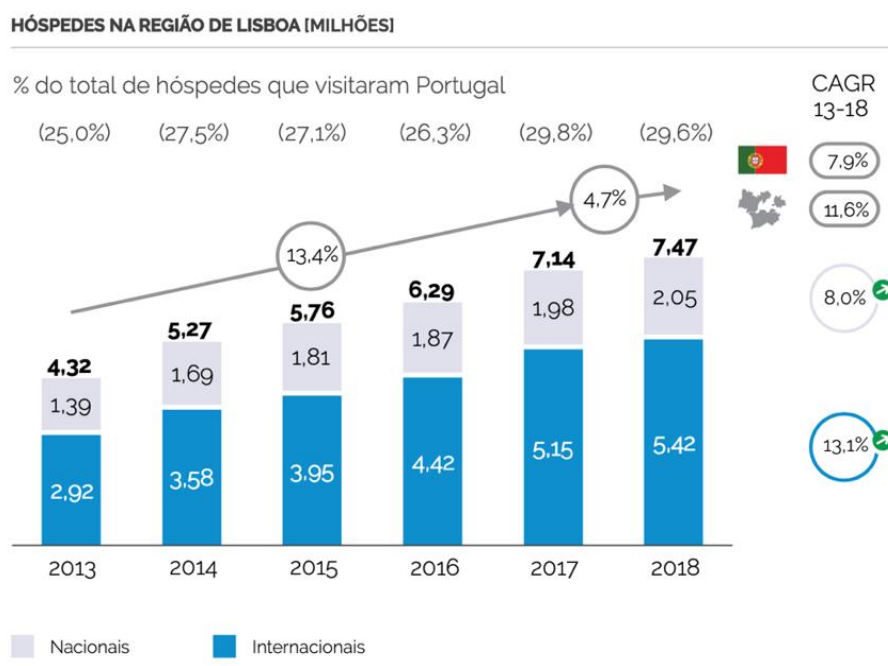
4.5.3. Caracterização de Lisboa como setor turístico – Plano estratégico para o turismo da região de Lisboa 2020-2024

Hóspedes na região de Lisboa

De acordo como a figura 4.1. é possível averiguar que a percentagem de hóspedes na região de Lisboa aumentou progressivamente entre 2013 e 2018, tendo um crescimento médio anual de 13,4% entre os anos de 2013 e 2017. Porém verifica-se que existiu um abrandamento do crescimento de hóspedes na região de Lisboa entre 2017 e 2018, com apenas 4,7% de aumento do número de hóspedes.

Verifica-se que a região de Lisboa recebeu aproximadamente 30% dos hóspedes que visitam Portugal em 2018, significando um aumento de 5% comparado com o ano de 2013. Por último, a percentagem de hóspedes internacionais continua a ser muito mais relevante do que a percentagem de hóspedes nacionais.

Figura 4.1. Hóspedes na região de Lisboa

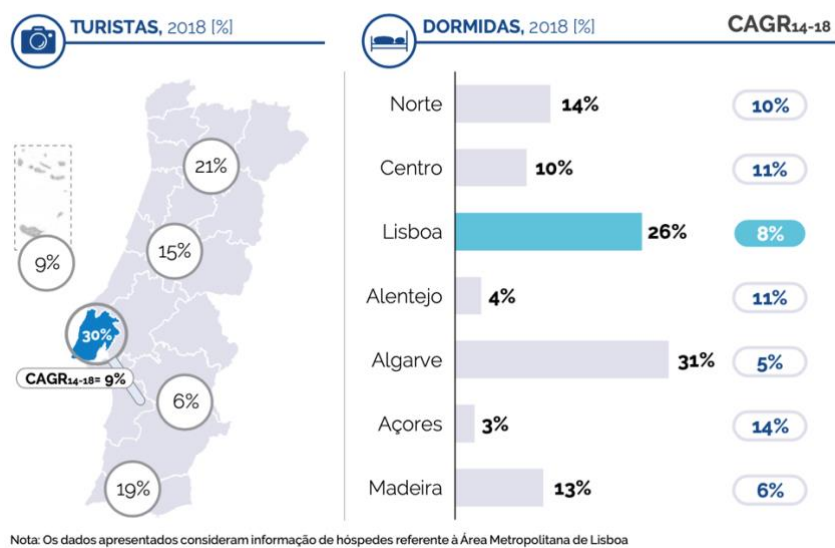


Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

Dormidas na região de Lisboa

Analisando a figura 4.2., em 2018 o Algarve foi a região do país com o maior número de dormidas com 31%, seguido de Lisboa com uma percentagem de 26%. Sendo o Algarve e Lisboa regiões que possuem entre elas praticamente 60% do número de dormidas de Portugal, é importante referir que regiões como os Açores, Centro, Norte e o Alentejo, em termos de percentagem, tiveram um aumento de dormidas superior aos dos destinos de eleição de Portugal.

Figura 4.2. Dormidas na região de Lisboa



Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

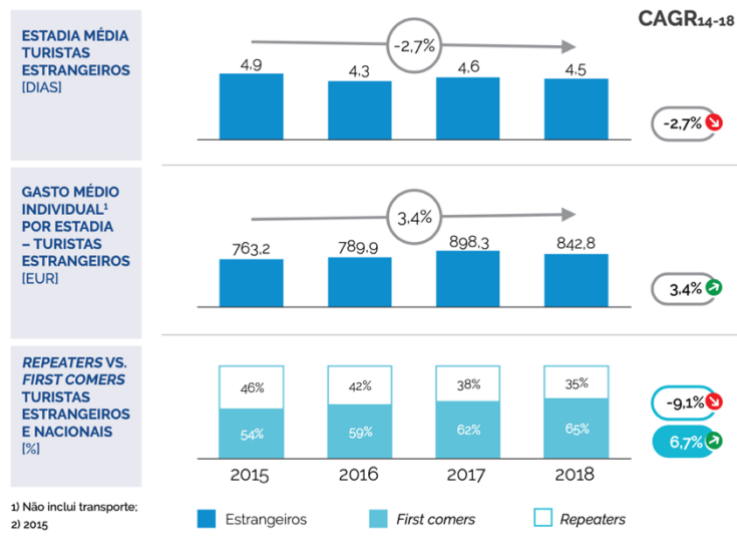
Turistas estrangeiros na região de Lisboa

Como a figura 4.3. refere, a estadia média de turistas estrangeiros em Lisboa tem vindo a ter uma ligeira redução, mais concretamente uma redução de 2,7%, sendo que a estadia média em 2015 era de 4,9 dias, tendo reduzido para 4,5 em 2018.

Em termos de gastos médios individuais dos turistas estrangeiros, verificou-se um aumento de 3,4% entre 2015 e 2018. Em 2015 os turistas gastaram em média, por pessoa, 763,2€, tendo aumentado para 842,8€ em 2018. Porém, houve um decréscimo do gasto médio individual dos turistas estrangeiros entre 2017 (898,3€) e 2018 (842,8€).

Por último na ilustração é apresentada a comparação entre o número de visitantes repetidos e visitantes de 1ª vez de turistas estrangeiros. É possível concluir que o número de *first comers* teve um aumento entre 2015 (54%) e 2018 (65%), no entanto houve um decréscimo de 9.1% no número de *repeaters* de turistas estrangeiros em Lisboa.

Figura 4.3. Turistas estrangeiros na região de Lisboa

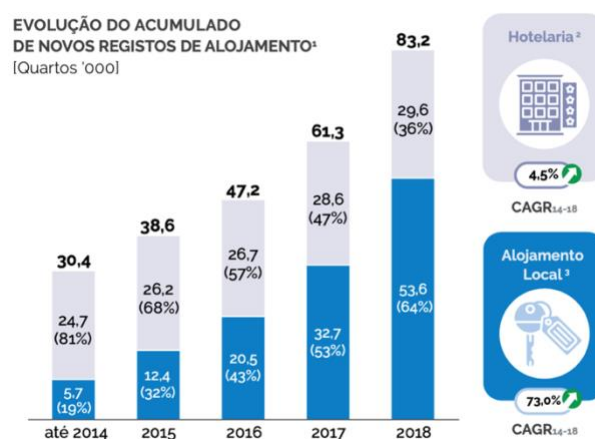


Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

Hotelaria vs. Alojamento local

Relativamente aos novos registos de alojamento na região de Lisboa, verifica-se na figura 4.4., houve um aumento de 4,5% em estabelecimentos hoteleiros e um aumento de 73% em novos registos de alojamentos locais. Contudo, em 2014, 81% dos registos de alojamento pertenciam à hotelaria e, apenas 19%, representavam alojamentos locais, algo que se alterou drasticamente, sendo que em 2018 64% dos registos de alojamento pertenciam a alojamento local e apenas 36% pertenciam a estabelecimentos hoteleiros.

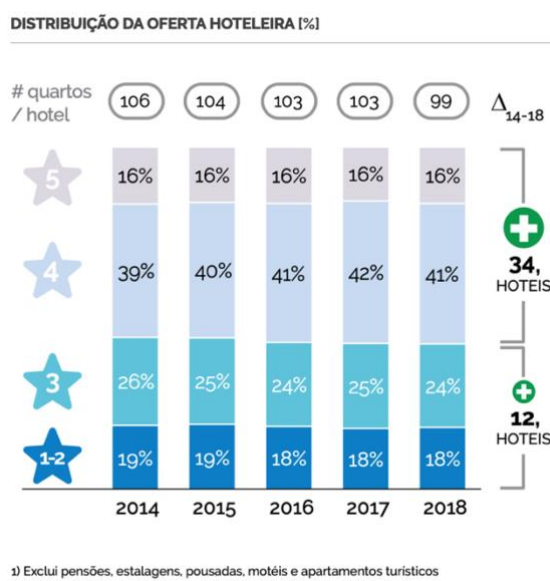
Figura 4.4. Evolução do acumulado de novos registos de alojamento em Lisboa



Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

Em termos de oferta hoteleira, as percentagens mantiveram-se consistentes, sendo que em 2018 Lisboa apresentava: 16% de hotéis de 5 estrelas; 41% de hotéis de 4 estrelas; 24% de hotéis de 3 estrelas; 18% de hotéis com 1 ou 2 estrelas (de acordo com a figura 4.5.)

Figura 4.5. Distribuição da oferta hoteleira em Lisboa



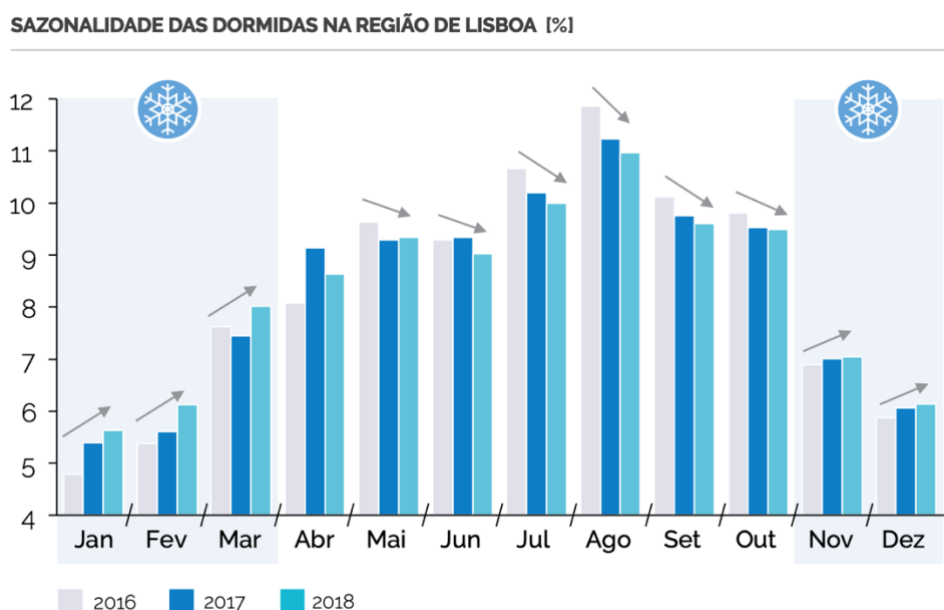
Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

Sazonalidade na região de Lisboa

De acordo com a figura 4.6., é possível concluir que a sazonalidade afeta a região de Lisboa, tal como qualquer destino turístico em Portugal. É possível identificar a época baixa entre os meses de Novembro e Março, e a época alta entre os meses de Abril e Outubro.

Porém, é possível observar que a percentagem da sazonalidade na época baixa entre os anos de 2016 e 2018 terá a subir e a percentagem durante a época alta estará a diminuir. Isto significa que o nível de sazonalidade na região de Lisboa ao longo dos anos tem tido tendência a regularizar, criando uma maior estabilidade entre a demanda e a oferta durante todo o ano. À semelhança de outros destinos urbanos, a sazonalidade de uma grande cidade depende mais dos eventos, da flutuação de procuras semanais do que do clima.

Figura 4.6. Sazonalidade das dormidas na região de Lisboa



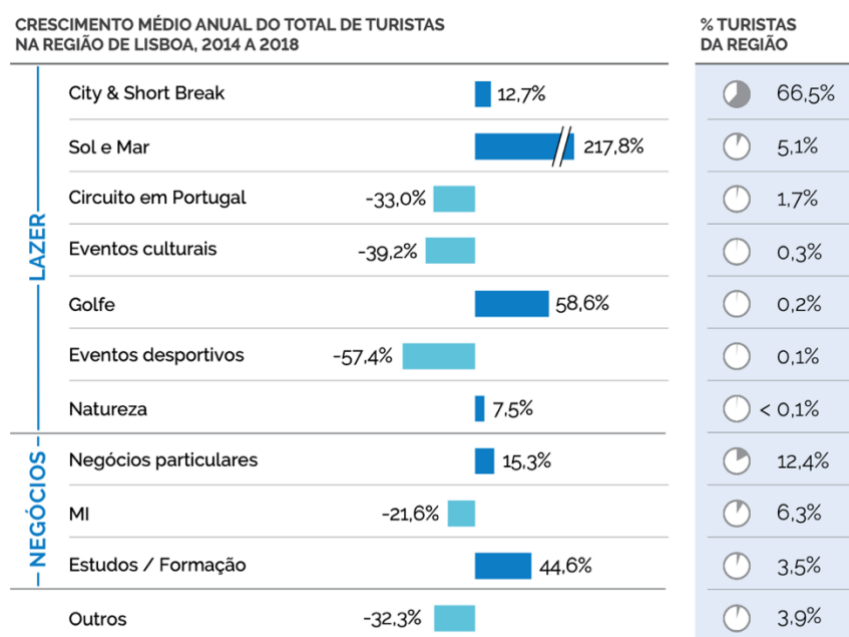
Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

Mix de produtos na região de Lisboa

Relativamente aos produtos oferecidos, *City & Short Breaks* continua a ser o produto mais procurado pelos turistas na região de Lisboa, com 65% dos turistas e com um aumento de 12,7%. É importante referir o aumento da procura por parte dos turistas dos produtos de Sol e Mar e Golfe, com um aumento de 21,8% e 58,6%, respetivamente. No entanto, comparado com o volume de turistas que viajam para Lisboa, os números são pouco significativos (Sol e Mar - 5,1%; Golfe - 0,2%)

Por último, os eventos desportivos, eventos culturais e circuitos em Portugal, entre 2014 e 2018, acabaram por sofrer uma queda considerável em termos da percentagem dos turistas (ver figura 4.7.)

Figura 4.7. Crescimento médio anual do total de turistas na região de Lisboa



Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

Fatores de autenticidade da cidade de Lisboa

Na figura 4.8. abaixo são apresentados os lugares que os turistas indicam como representativos da autenticidade da cidade de Lisboa. Ao analisar, a cultura está presente em vários dos fatores de autenticidade, sendo um dos pontos fortes da cidade de Lisboa.

Em termos de ameaças, são identificados problemas relativamente à falta de preservação dos bairros históricos, ao aumento das rendas nesses mesmos bairros e ao crescimento excessivo do turismo, contribuindo para a turismofobia.

Figura 4.8. Fatores de autenticidade e principais ameaças da cidade de Lisboa



Fonte: Roland Berger Strategy Consultants (2019)

4.5.4. Estado da arte do turismo literário e do *dark tourism*

Por último, fez-se um levantamento das empresas que comercializam produtos semelhantes ao itinerário criado. Neste mesmo levantamento foram identificadas as principais empresas de turismo literário e de *dark tourism* que realizam itinerários turísticos na cidade de Lisboa.

Turismo literário em Lisboa

Em termos de turismo literário, foi possível identificar os seguintes promotores e itinerários turísticos:

- Passeios Literários: *O ano da morte de Ricardo Reis; Memorial do Convento; Reis, Pessoa e Saramago; (Des)Encontro em Belém; Mensagem em Belém; Fernando Pessoa; Cesário Verde e Fernando Pessoa; Cesário Verde; Cesário Verde e Eça de Queirós; A relíquia de Eça de Queiroz; Os Maias em Lisboa; Almeida Garrett e Eça de Queirós; Almeida Garrett em Lisboa; Padre António Vieira; Os Lusíadas em Belém; Crónica D. João I*
- Lisbon Literary Tours: *Night Train to Lisbon; Belém and the Lusíadas; Lisbon and Pessoa; Baltasar and Blimunda*
- Casa Fernando Pessoa: *O Ano da Morte de Ricardo Reis e Almas Pares (Pessoa e Mário de Sá Carneiro)*

- Lisboa Autêntica: *Antero de Quental; Eça de Queiroz; Eça Lisboa de Queirós; Fernando Pessoa I; Fernando Pessoa II; Lisboa com Tabucchi; Lisboa de Cesário Verde; Lisboa de Saramago I; Lisboa de Saramago II; Roteiro Vieirino*
- Lisbon Walker: *Lisboa Literária; Lisboa com Pessoa; O último cabalista de Lisboa*
- Must See Portugal: *Lisboa – Nas ruas de Fernando Pessoa*
- Ricardo Belo de Moraes: *Passeio Literário Nas Ruas de Fernando Pessoa*
- Sofia Saldanha: *Não sei o que o amanhã trará – um passeio sonoro na Lisboa de Fernando Pessoa*

Dark tourism em Lisboa

Relativamente ao *dark tourism*, identificou-se os seguintes promotores e itinerários turísticos:

- Lisbon Walker: *Lendas & Mistérios; O Terramoto de 1755*
- Lisboa autêntica: *Lisboa do Terramoto*
- Crimes de Lisboa: *Os crimes de Lisboa*

Enumerando os itinerários literários considerados de *dark tourism* comercializados na cidade de Lisboa, confirma-se que existe uma grande discrepância entre os dois nichos do turismo cultural. O turismo literário é uma atividade turística já bastante explorada em Portugal, mais concretamente em Lisboa, porém no caso do *dark tourism* ainda é desenvolvido em pequena escala na capital e no resto do país, com poucos exemplos identificados no mercado do turismo. Com este projeto, são preenchidas várias lacunas na indústria turística portuguesa, com o desenvolvimento de produtos turísticos associados ao *dark tourism*, e com a criação de itinerários do micro-nicho de turismo, *dark literary tourism*, em Lisboa.

4.6. Análise SWOT

Neste subcapítulo, foi realizada a análise SWOT, na qual foram identificados fatores internos, as forças e fraquezas que o projeto apresenta, e os fatores externos, as oportunidades e ameaças que o projeto enfrentará (*vide* tabela 4.2.).

Tabela 4.2. Análise SWOT

<ul style="list-style-type: none">● Produto autêntico, com maior valor, com posicionamento diferenciado relativamente à concorrência;● Produto inserido num mercado pouco explorado em Portugal e na área de Lisboa;● Produto criado com a sustentabilidade social em mente;● Empregadores formados na área do turismo;● Plano de negócios bem estruturado e formação contínua dos mesmos;● Parcerias com a comunidade residente.	<ul style="list-style-type: none">● Empresa com estrutura reduzida;● Empresa jovem e ainda desconhecida dentro do mercado em que está inserida;● Produto com preços ligeiramente mais elevados que os produtos comercializados pelos concorrentes.
<ul style="list-style-type: none">● Clima ameno durante todo o ano em Portugal;● Portugal é considerado um dos destinos mais seguros;● Produtos culturais saturados em Lisboa, necessidade de produtos únicos e inovadores;● Aumento da consciência social e ambiental por parte dos turistas.	<ul style="list-style-type: none">● Sazonalidade do país;● Pandemias;● Crise económica;● Instabilidade política;● Existência de várias empresas de itinerários turísticos em Lisboa;

Fonte: Elaboração própria

4.7. Estratégia de Marketing

Devido à existência de um mercado global cada vez mais competitivo, existe a necessidade de desenvolver e estabelecer dentro das empresas, estratégias de marketing inovadoras, com o propósito de mobilizar novos clientes, turistas no caso da indústria do turismo.

4.7.1. Marketing Mix

Produto

O produto consiste num itinerário turístico, realizado no centro de Lisboa tendo como pontos de paragem principais Alfama e o Rossio. O mesmo itinerário insere-se nos nichos de *dark tourism* e de turismo literário pertencendo deste modo ao micro nicho de turismo, *dark literary tourism*.

O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco trata a temática da vida quotidiana dos judeus sefarditas que viveram em Portugal durante o século XVI, culminando no Massacre da Páscoa, na qual mais de dois mil judeus foram mortos devido à intolerância católica. O livro de Richard Zimler, *O último cabalista de Lisboa* é utilizado na base da narrativa o itinerário, que acompanha a história ficcional de Berequias Zarco, um judeu português que presenciou a Matança de 1506.

Dando mais valor ao produto e tornando o mesmo único, é utilizada a técnica da aromaterapia (utilização de óleos essenciais e outros tipos de fragrâncias), para transportar os participantes do itinerário para uma Lisboa judaica do século dezasseis. Também está incluída uma refeição temática kosher, confeccionada por um restaurante tipicamente judaico, criando assim uma relação entre a comunidade local com os turistas.

Preço

Como foi mencionado anteriormente, o preço do produto em questão será ligeiramente mais alto que os preços impostos pelos produtos concorrentes. Porém, o produto terá

maior valor, devido à utilização da aromaterapia que irá ajudar os turistas a serem transportados para uma Lisboa judaica de 1506 e devido à refeição temática preparada por um restaurante pertencente à comunidade judaica, criando assim o contacto entre os turistas e a comunidade local.

Futuramente, de modo a ajudar à promoção do projeto, serão realizados preços especiais em épocas concretas do ano. Uma das possibilidades será realizar uma promoção durante a Páscoa, de forma a dar a oportunidade a uma maior parte da população a conhecer a história da comunidade judaica portuguesa. Também irão existir eventos especiais a preços reduzidos durante o Halloween, quando se expandir a panóplia de itinerários disponíveis.

Outro objetivo é criar preços acessíveis para o Ensino básico e secundário em Portugal. Será proposto a várias escolas *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* como uma das atrações principais quando as mesmas visitam a baixa de Lisboa em visitas de estudo anuais. Pretende-se assim criar clientes fixos e contribuir para o conhecimento da população escolar de um evento que não é referido nos manuais escolares.

Distribuição

Relativamente ao método de distribuição, num primeiro momento, o produto será distribuído e comercializado pelo motor de reservas, criado especificamente para o projeto. Esse mesmo motor estará inserido no *site* oficial do projeto e em todas as redes sociais em que *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* será promovido.

Comunicação

Grande parte da distribuição e promoção do projeto será feita *online*. Será construído um *site* oficial para *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* e para todos os futuros itinerários. Complementando o *site*, também serão concebidas páginas para o projeto nas redes sociais *facebook*, *instagram* e *trip advisor*.

Ainda relativamente à distribuição, um dos objetivos principais é o projeto ser promovido pelo Turismo de Lisboa, criando uma imagem credível, de qualidade e de confiança do produto em questão.

4.8. Organização e gestão

4.8.1. Experiência dos colaboradores

Com o objetivo de promover o bom funcionamento do projeto, averiguou-se o número de colaboradores necessários, os requerimentos mínimos ao nível de experiência profissional e educacional para cada um dos promotores e por último o perfil adequado para conseguirem desempenhar as funções atribuídas (ver tabela 4.3).

Tabela 4.3. Experiência e atividades desempenhadas pelos colaboradores do projeto

Colaboradores	Experiência
Promotor 1 Gestão de reservas Criação de itinerários	Licenciatura em turismo Mestrado em gestão de operações turísticas
Promotor 2 Guia turístico	Licenciatura em turismo e/ou Experiência como guia turístico

Fonte: Elaboração própria

4.8.2. Análise da adequação do perfil às funções

Promotor 1: Deve possuir instrumentos e competências para gerir uma empresa/projeto dentro do setor de turismo. Relativamente às funções exercidas dentro do projeto, terá de ter a capacidade de gerir o mesmo projeto, mais em concreto, a gestão das reservas e a parte financeira do mesmo. Por último, terá de ter a criatividade necessária para continuar a idealizar novos itinerários que conjugam o *dark tourism* e o turismo literário.

Promotor 2: Deve possuir capacidades para comandar diariamente vários passeios

turísticos, e, se possível, possuir experiência como guia turístico. O promotor também deverá possuir boas capacidades de comunicação de modo a cativar os participantes.

4.9. Estudo de viabilidade económica

4.9.1. Investimentos

De acordo com as necessidades para a implementação e iniciação de atividade do projeto e futura empresa, foi formulado o plano de investimento (tabela 4.4.), onde foi estimado que o investimento total em ativos fixos no valor de 23.843€ será realizado no ano de pré exploração, prevendo-se que não será necessário realizar-se reinvestimento nos cinco anos de exploração em estudo. A tabela abaixo demonstra todos os investimentos necessários durante o ano da pré exploração.

Tabela 4.4 Investimentos

Descrição	Taxa de IVA (quando dedutível)	Quantidade	Valor de Aquisição	Valor de Investimento	Ano de Aquisição	Taxa de Depreciação
Ativos Fixos Tangíveis				3 218		
Equipamento administrativo				3 218		
Computadores	23%	2	1 000	2 000	Pré-Exploração	33,33%
Impressora	23%	1	200	200	Pré-Exploração	33,33%
Secretárias	23%	2	100	200	Pré-Exploração	12,50%
Cadeiras	23%	4	50	200	Pré-Exploração	12,50%
Estantes	23%	2	159	318	Pré-Exploração	12,50%
Acessórios para secretárias	23%	2	100	200	Pré-Exploração	12,50%
Decoração	23%	1	100	100	Pré-Exploração	12,50%
Ativos Intangíveis				20 625		
Programas de computador				625		
Programa de faturação	23%	1	250	250	Pré-Exploração	33,33%
Office 365	23%	1	325	325	Pré-Exploração	33,33%
Antivirus	23%	1	50	50	Pré-Exploração	33,33%
Outros				20 000		
Site do Projeto/Empresa	23%	1	20 000	20 000	Pré-Exploração	33,33%
TOTAL				23 843		

Fonte: Elaboração própria

Verifica-se que grande parte do investimento se concentra nos ativos fixos intangíveis. Relativamente ao software, a empresa terá de adquirir programas de faturação, antivírus e o Microsoft Office, no valor de 625€. No entanto, o maior investimento previsto será a criação do *site* do projeto/empresa (outros ativos fixos intangíveis) no valor de 20.000€. Em termos de ativos fixos tangíveis, prevê-se um investimento de 3.218€ no ano de pré-exploração apenas em equipamento administrativo. No equipamento administrativo está

incluído mobiliário fundamental para a constituição de um escritório (cadeiras, secretárias, estantes e acessórios e decoração para o escritório) e equipamento tecnológico (computadores e impressoras).

Para além do investimento necessário em ativos fixos, é fundamental estimar os valores necessários em fundo de maneio para fazer face à atividade de exploração, analisando as condições pré-negociadas com clientes e fornecedores. Sendo uma empresa de prestação de serviços não haverá necessidade de investimento em *stocks* (inventários).

Neste projeto, não será tomado em conta o prazo médio de recebimento, sendo que os clientes terão de pagar antes de usufruir do serviço prestado, e também não existirá prazo médio de pagamento de fornecedores de mercadorias e matérias-primas, sendo que a empresa não terá inventário. No caso do prazo médio de pagamento de fornecimentos e serviços externos, a empresa terá um período de 30 dias para efetuar o pagamento aos fornecedores de serviços externos, e relativamente ao prazo médio de pagamento do IVA, a empresa terá 60 dias para fazer o mesmo. No caso do IRS Retido e Segurança Social é definido um prazo médio de pagamento de 15 dias, conforme as condições normais de pagamento ao Estado (ver tabela 4.5.)

Tabela 4.5. Pressupostos para o cálculo do fundo maneio necessário
PRESSUPOSTOS PARA O CÁLCULO DO FUNDO DE MANEIO NECESSÁRIO

Descrição	Dias
Prazo Médio de Recebimentos - Vendas	0
Prazo Médio de Recebimentos - Prestações de Serviços	0
Prazo Médio de Pagamentos - Fornecedores de Mercadorias e Mat. Primas	0
Prazo Médio de Pagamentos - Fornecimentos e Serviços Externos	30
Prazo Médio de Pagamentos - IVA	60
Prazo Médio de Pagamentos - IRS Retido	15
Prazo Médio de Pagamentos - Segurança Social	15
Duração Média de Inventários - DMI	0

Fonte: Elaboração própria

De forma a garantir o normal exercício da atividade, é necessário fazer algum investimento em fundo maneio apenas no ano pré exploração. Nos anos de exploração não há necessidades de investimento dado que os recursos são superiores às necessidades. A tabela 4.6. apresenta os valores das necessidades em fundo maneio, também conhecidas como necessidades cíclicas, onde está apenas considerado a reserva de segurança

tesouraria no valor de 2.500€. No caso dos recursos de fundo maneio ou recursos cíclicos são constituídos apenas pelos créditos concedidos pelo Estado e outros entes públicos (EOEP). O valor da reserva de segurança de tesouraria foi calculado a partir do valor mensal de gastos da empresa, incluindo os gastos com o pessoal e os fornecimentos e serviços externos.

Tabela 4.6. Mapa de fundo maneio

MAPA DE FUNDO DE MANEIO

(Euros)

Rubricas	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
NECESSIDADES CÍCLICAS						
Reserva de Segurança de Tesouraria	2 500	2 500	2 500	2 500	2 500	2 500
Inventários	0	0	0	0	0	0
Clientes		0	0	0	0	0
EOEP	914					
TOTAL DAS NECESSIDADES	3 414	2 500	2 500	2 500	2 500	2 500
RECURSOS CÍCLICOS						
Fornecedores		3 507	4 077	4 593	5 086	5 534
EOEP	0	1 931	2 258	2 559	2 852	3 124
TOTAL DOS RECURSOS	0	5 438	6 335	7 152	7 938	8 657
FUNDO DE MANEIO NECESSÁRIO	3 414	-2 938	-3 835	-4 652	-5 438	-6 157
INVESTIMENTO EM FUNDO DE MANEIO	3 414	-6 352	-897	-817	-786	-720

Fonte: Elaboração própria

4.9.2. Exploração

Projeção de vendas

A tabela 4.7. mostra as projeções de vendas dos anos em estudo. Estima-se que no primeiro ano de exploração o valor de 67.500€, projetando-se um aumento substancial da taxa de crescimento no ano de 2024, devido ao fim da pandemia e à recuperação da economia e da indústria do turismo. Nos próximos anos, espera-se igualmente um aumento da taxa de crescimento, normalizando esses valores de acordo com as taxas de crescimento das receitas turísticas em Portugal pré-pandemia.

Tabela 4.7. Orçamento de prestação de serviços

ORÇAMENTO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS		(Euros)				
VENDAS	2023	2024	2025	2026	2027	
Itinerário	67 500	81 405	93 982	106 012	116 931	
Taxa de crescimento		20,60%	15,45%	12,80%	10,30%	
Taxa de IVA	23%	23%	23%	23%	23%	
IVA dos serviços prestados	15 525	18 723	21 616	24 383	26 894	
Serviço B		0	0	0	0	
Taxa de crescimento						
Taxa de IVA		0%	0%	0%	0%	
IVA dos serviços prestados	0	0	0	0	0	
Serviço C		0	0	0	0	
Taxa de crescimento						
Taxa de IVA		0%	0%	0%	0%	
IVA dos serviços prestados	0	0	0	0	0	
Serviço D		0	0	0	0	
Taxa de crescimento						
Taxa de IVA		0%	0%	0%	0%	
IVA dos serviços prestados	0	0	0	0	0	
TOTAL LÍQUIDO DAS PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	67 500	81 405	93 982	106 012	116 931	
TOTAL DE IVA DAS PRESTAÇÕES DE SERVIÇOS	15 525	18 723	21 616	24 383	26 894	

Fonte: Elaboração própria

A estimativa criada para o primeiro ano de atividade foi calculada de acordo com os seguintes pressupostos:

- O preço do itinerário será 25€ por pessoa;
- O projeto irá realizar uma média de 1,5 itinerários por dia, devido à sazonalidade (2 itinerários durante a época alta do turismo e os restantes meses apenas 1 itinerário diariamente);
- Espera-se trabalhar uma média de 300 dias por ano, tendo em consideração dias de férias e folgas para os colaboradores;
- O itinerário foi criado para ser realizado com uma média de 10 pessoas;
- Para o primeiro ano de exploração, espera-se apenas uma ocupação de 60% dos itinerários;

Deste modo, estima-se no primeiro ano de exploração, o valor de 67.500€ em termos de projeções de vendas, de acordo com os pressupostos apresentados anteriormente, e o seguinte cálculo:

- $(1,5 \times 10 \times 300) \times 25 \times 0,6 = 67.500€$

Fornecimentos e serviços externos

Na rubrica de fornecimentos e serviços externos (tabela 4.8.), os valores com maior expressão constituem os subcontratos. Dos serviços prestados pela empresa, 40% das vendas serão atribuídas às parcerias criadas. No caso do itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*, será o restaurante judaico que irá proporcionar a refeição temática para os participantes. Esses 40% das vendas correspondem a um valor de 27.000€ no primeiro ano de exploração, tendo um aumento substancial, de acordo com o aumento das vendas, ao longo dos anos de exploração em estudo.

Tabela 4.8. Fornecimento e serviços externos

FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERNOS

ORÇAMENTO DE SUBCONTRATOS

		(Euros)					
SUBCONTRATOS	% DAS VENDAS	IVA	2023	2024	2025	2026	2027
Itinerário	40%	23%	27 000	32 562	37 593	42 405	46 772
Serviço B			0	0	0	0	0
Serviço C			0	0	0	0	0
Serviço D			0	0	0	0	0
TOTAL SUBCONTRATOS			27 000	32 562	37 593	42 405	46 772
IVA			6 210	7 489	8 646	9 753	10 758
TOTAL SUBCONTRATOS + IVA			33 210	40 051	46 239	52 158	57 530

ORÇAMENTO DE FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERNOS

		(Euros)					
	% GASTOS FIXO	IVA	2023	2024	2025	2026	2027
Taxa de crescimento							
Serviços especializados							
Trabalhos especializados	100%			0	0	0	0
Publicidade e propaganda	100%		300	300	300	300	300
Vigilância e segurança	100%		270	270	270	270	270
Honorários	100%			0	0	0	0
Comissões	100%			0	0	0	0
Conservação e reparação	100%			0	0	0	0
Materiais							
Ferramentas e utensílios de desgaste rápido	100%			0	0	0	0
Livros e documentação técnica	100%			0	0	0	0
Material de escritório	100%		600	600	600	600	600
Artigos para oferta	100%			0	0	0	0
Energia e fluidos							
Eletricidade	100%		480	480	480	480	480
Combustíveis	100%			0	0	0	0
Água	100%		240	240	240	240	240
Deslocações, estadas e transportes							
Deslocações e Estadas	100%			0	0	0	0
Transportes de pessoal	100%			0	0	0	0
Transportes de mercadorias	100%			0	0	0	0
Serviços diversos							
Rendas e alugueres	100%		4 800	4 800	4 800	4 800	4 800
Comunicação	100%		985	985	985	985	985
Seguros	100%			0	0	0	0
Royalties	100%			0	0	0	0
Contencioso e notariado	100%			0	0	0	0
Despesas de representação	100%			0	0	0	0
Limpeza, higiene e conforto	100%		1 200	1 200	1 200	1 200	1 200
Outros serviços	100%			0	0	0	0
TOTAL FSE			8 875	8 875	8 875	8 875	8 875
FSE - Gastos Fixos			8 875	8 875	8 875	8 875	8 875
FSE - Gastos Variáveis			0	0	0	0	0
TOTAL FSE			8 875	8 875	8 875	8 875	8 875
IVA			0	0	0	0	0
TOTAL FSE + IVA			8 875	8 875	8 875	8 875	8 875

Fonte: Elaboração própria

No orçamento de fornecimentos e serviços externos (FSE), estão inseridos os valores gastos em serviços especializados, mais concretamente em publicidade e propaganda no valor de 300€ por ano (Google Ads e Facebook Ads) e em vigilância e segurança no valor de 270€ anuais. Na rubrica de matérias inclui-se apenas material de escritório, estando previsto um gasto de 600€ anuais. Ainda dentro dos FSE, são inseridos os valores dos gastos relativos à eletricidade (40€ mensais) e os gastos com água, resultando anualmente no valor de 720€ na rubrica de energia e fluidos. Nos serviços diversos, a empresa irá ter gastos com a renda do escritório, sendo esperado um valor de 400€ mensais, ou seja, 4.800€ anuais, gastos relativos a comunicações no valor de 985€ por ano, , por último, a limpeza, higiene e conforto, com um valor anual de 1.200€. Não se consideram aumentos nos valores de fornecimentos e serviços externos, pelo que é estimado um valor anual de gastos em FSE de 8.875€ em todos os anos em estudo.

Gastos com o pessoal

A partir do primeiro ano de exploração do projeto, a empresa contará com dois colaboradores. Um deles irá desempenhar funções relacionadas com a administração e a direção do projeto, tendo uma remuneração de 900€ mensais, enquanto o outro irá desempenhar funções operacionais e terá um ordenado de 705€ por mês. Estima-se um aumento progressivo do vencimento todos os anos, começando com um aumento de 2% em 2024, e no último ano em estudo, um aumento de 5%. Deste modo, a empresa irá registar um valor de 30.451€ de gastos com o pessoal no primeiro ano de exploração, atingindo um valor de 34.935€ no ano de 2027.

O valor total dos gastos com pessoal inclui, para além do ordenado base, os subsídios de férias e Natal, os encargos com a Segurança Social (23,75%) por parte da empresa, seguro de acidentes de trabalho (1% do valor do ordenado base) e subsídio de alimentação (110€ mensais por trabalhador) (ver tabela 4.9.)

Tabela 4.9. Gastos com o pessoal

GASTOS COM PESSOAL

PRESSUPOSTOS PARA O CÁLCULO DOS GASTOS COM PESSOAL

	2023	2024	2025	2026	2027
Taxa de crescimento		2,0%	3,0%	4,0%	5,0%

(Euros)

	Vencimento Base (Mensal)	Subs. de Aliment. (Mensal)	Seguro de Acidentes de Trabalho	Formação (mensal)	Outros Gastos (mensal)	Seg. Social (Ent. Patronal)	Seg. Social (Trab.)	IRS Retido
Administração / Direção	900	110	1%			23,75%	11%	10%
Administrativa Financeira			1%					
Comercial / Marketing			1%					
Produção / Operacional	705	110	1%			23,75%	11%	0%
Qualidade			1%					
Manutenção			1%					
Aprovisionamento			1%					
Investigação & Desenvolvimento			1%					
Outros			1%					

QUADRO DE PESSOAL

(Pax)

	2023	2024	2025	2026	2027
Administração / Direção	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Administrativa Financeira		0,0	0,0	0,0	0,0
Comercial / Marketing		0,0	0,0	0,0	0,0
Produção / Operacional	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Qualidade		0,0	0,0	0,0	0,0
Manutenção		0,0	0,0	0,0	0,0
Aprovisionamento		0,0	0,0	0,0	0,0
Investigação & Desenvolvimento		0,0	0,0	0,0	0,0
Outros		0,0	0,0	0,0	0,0
TOTAL	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0

ORÇAMENTO DE GASTOS COM PESSOAL

(Euros)

	2023	2024	2025	2026	2027
Remunerações					
Administração / Direção	12 600	12 852	13 238	13 767	14 455
Administrativa Financeira	0	0	0	0	0
Comercial / Marketing	0	0	0	0	0
Produção / Operacional	9 870	10 067	10 369	10 784	11 323
Qualidade	0	0	0	0	0
Manutenção	0	0	0	0	0
Aprovisionamento	0	0	0	0	0
Investigação & Desenvolvimento	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0
TOTAL DE REMUNERAÇÕES	22 470	22 919	23 607	24 551	25 779
Outros Gastos					
Segurança Social					
Órgãos Sociais	2 993	3 052	3 144	3 270	3 433
Pessoal	2 344	2 391	2 463	2 561	2 689
Seguros Acidentes de Trabalho	225	229	236	246	258
Subsídio Alimentação	2 420	2 468	2 542	2 644	2 776
Formação	0	0	0	0	0
Outros Gastos com Pessoal	0	0	0	0	0
TOTAL DE OUTROS GASTOS	7 981	8 141	8 385	8 721	9 157
TOTAL GASTOS COM PESSOAL	30 451	31 060	31 992	33 272	34 935

Fonte: Elaboração própria

4.9.3. Financiamento

Para o desenvolvimento da empresa será então necessário um investimento de 27.802€, estando incluída nesse valor uma margem de segurança de 2% para fazer face a imprevistos ou desvios no orçamento inicial. O financiamento total no valor de 28.000€ será constituído por 3.000€ de capital próprio e 25.000€ de financiamento bancário. O

reembolso será efetuado em 60 prestações mensais, sujeito a uma taxa de juro anual de 7% e 6 meses de carência de juros (de acordo com as tabelas 4.10. e 4.11)

Tabela 4.10. Plano de financiamento

PLANO DE FINANCIAMENTO

(Euros)

Rubricas	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Investimento	27 257	-6 352	-897	-817	-786	-720
Margem de segurança	2,0%					
Necessidades de financiamento	27 802	-6 352	-897	-817	-786	-720
Fontes de Financiamento						
Meios Libertos	0	2 552	8 661	13 887	16 981	20 842
Capital	3 000					
Incentivos não Reembolsáveis						
Incentivos Reembolsáveis						
Empréstimos de Sócios						
Leasing						
Financiamento bancário	25 000					
Total do Financiamento	28 000	2 552	8 661	13 887	16 981	20 842

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4.11. Empréstimos

Empréstimos - Pressupostos

(Euros)

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Empréstimos Obtidos	25 000	0	0	0	0	0
Mês do Início do contrato	12	1	1	1	1	1
Carência de Juros (meses)	6					
Diferimento do reembolso (meses)						
Prazo de Reembolso (em meses)	60					
Taxa de Juro Anual (TAN)	7,0%					
Imposto de Selo	4%	4%	4%	4%	4%	4%
Método de Reembolso (0 - Prestações Constantes; 1 - Amortizações Constantes de Capital)	0	0	0	0	0	0

Empréstimos - Serviço da Dívida - Resumo

(Euros)

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Gastos Financeiros de Financiamento	0	1 835	1 576	1 227	853	450
Reembolso de Capital	0	1 266	4 626	4 974	5 348	5 751
Serviço da Dívida	0	3 101	6 201	6 201	6 201	6 201
Dívida no Final do Ano:						
Curto Prazo	1 266	4 626	4 974	5 348	5 751	0
Médio e Longo Prazo	23 734	19 108	14 135	8 787	3 036	3 036

Fonte: Elaboração própria

4.9.4. Análise de rendibilidade

Os rendimentos e gastos estimados da empresa nos seis anos em estudo são apresentados na demonstração de resultados. Na tabela 4.12, é possível verificar que o resultado operacional no primeiro ano de exploração (2023) é negativo, no valor de 6.561,15€. Porém, no último ano em estudo (2027) os resultados verificam-se bastante positivos tendo um resultado operacional de 26.220,90€. Analisando o resultado líquido, depois da dedução dos gastos financeiros e impostos sobre lucros (Imposto sobre o rendimento das pessoas coletivas - IRC) verifica-se um valor significativo positivo (lucro) de 20.150,49€ no último ano de exploração em estudo.

Tabela 4.12. Demonstração de resultados

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

Rubricas	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Vendas e serviços prestados		67 500,00	81 405,00	93 982,07	106 011,78	116 930,99
Subsídios à Exploração						
Ganhos/perdas imputados de subsidiárias, associadas e empreendimentos conjuntos						
Variação nos inventários da produção						
Trabalhos para a própria entidade						
CMVMC		0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Fornecimento e serviços externos		-35 875,00	-41 437,00	-46 467,83	-51 279,71	-55 647,40
Gastos com o pessoal		-30 451,33	-31 060,35	-31 992,16	-33 271,85	-34 935,44
Imparidade de inventários (perdas/reversões)						
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)						
Provisões (aumentos/reduções)						
Imparidade de investimentos não depreciáveis/amortizáveis (perdas/reversões)						
Aumentos/reduções de justo valor						
Outros rendimentos e ganhos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outros gastos e perdas						
EBITDA (Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos)	0,00	1 173,68	8 907,65	15 522,08	21 460,22	26 348,15
Gastos/reversões de depreciação e amortização	0,00	-7 734,82	-7 734,82	-7 734,82	-129,53	-127,25
Imparidade de ativos depreciáveis/amortizáveis (perdas/reversões)						
EBIT (Resultado Operacional)	0,00	-6 561,15	1 172,83	7 787,26	21 330,69	26 220,90
Juros e rendimentos similares obtidos	3,73	25,99	46,33	97,59	177,04	256,89
Juros e gastos similares suportados	0,00	-1 834,57	-1 575,52	-1 227,31	-852,89	-450,29
RESULTADO ANTES DE IMPOSTOS	3,73	-8 369,73	-356,36	6 657,54	20 654,83	26 027,50
Imposto sobre o rendimento do período	-0,78	0,00	0,00	0,00	-4 337,51	-5 465,78
RESULTADO LÍQUIDO DO PERÍODO	2,95	-8 369,73	-356,36	6 657,54	16 317,32	20 561,73
Dividendos	0,00	-418,49	-17,82	332,88	815,87	411,23
RESULTADO LÍQUIDO RETIDO	2,95	-7 951,24	-338,55	6 324,66	15 501,45	20 150,49

Fonte: Elaboração própria

O mapa de *cash flows* (tabela 4.13.) apresenta o fluxo de caixa esperado para o projeto. É possível verificar que o *cash flow* livre (*free cash flow*) é positivo a partir do primeiro ano de atividade (8.903€). O *cash flow* acumulado apenas se torna positivo no terceiro ano de atividade (5.909€), o que significa que a empresa apenas recupera o investimento durante o terceiro ano de exploração (2025).

Tabela 4.13. Mapa de *cash flows***MAPA DE CASH FLOWS**

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Meios Libertos do Projeto						
Resultados Operacionais (EBIT) x (1-IRC)	0	-5 183	927	6 152	16 851	20 715
Depreciações e amortizações	0	7 735	7 735	7 735	130	127
Provisões do exercício	0	0	0	0	0	0
Incentivos não Reembolsáveis	0	0	0	0	0	0
	0	2 552	8 661	13 887	16 981	20 842
Investim./Desinvest. em Fundo Maneio						
Fundo de Maneio	-3 414	6 352	897	817	786	720
Investim./Desinvest. em Capital Fixo						
Capital Fixo	-23 843	0	0	0	0	0
Free cash-flow	-27 257	8 903	9 559	14 703	17 767	21 561
Cash-flow Acumulado	-27 257	-18 354	-8 795	5 909	23 675	45 236

Fonte: Elaboração própria

4.9.5. Análise de viabilidade económica na perspetiva do projeto

Com o intuito de fazer a análise de viabilidade económica, considerou-se mais adequado fazer essa mesma avaliação de acordo com os indicadores seguintes: Valor Atual Líquido (VAL), Taxa Interna de Rendibilidade (TIR) e o Período de Recuperação do Investimento (*payback*), segundo a perspetiva do projeto, ou seja, numa perspetiva global de capital investido (total do capital próprio e alheio).

O VAL corresponde ao somatório dos *cash flows* atualizados, sendo esse valor calculado pelo somatório das entradas e saídas de dinheiro, atualizado com base na remuneração exigida pelos seus investidores e que reflete o risco percecionado por estes (fluxos de caixa atualizados). O projeto é considerado viável se o VAL for superior a 0€ (positivo). Verifica-se que o VAL é de 28.637€ logo, podemos dizer que se espera que o projeto tenha capacidade para recuperar o investimento inicial, consiga pagar todas as despesas, remunerar os seus investidores de forma satisfatória e ainda criar um excedente financeiro (*vide* tabela 4.14)

Tabela 4.14. Análise da viabilidade económica

Avaliação na Perspetiva do Projeto

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027	2028
Free Cash Flow to Firm	-27 257	8 903	9 559	14 703	17 767	21 561	-5 776
WACC (Weighted Average Cost of Capital)	1%	5%	4%	6%	9%	10%	10%
Fator de Atualização	1,00	1,05	1,09	1,15	1,26	1,39	1,53
Cash Flows Atualizados	-27 257	8 515	8 795	12 731	14 105	15 516	-3 767
Cash Flows Atualizados Acumulados	-27 257	-18 742	-9 947	2 784	16 889	32 404	28 637

(Euros)

Valor Atual Líquido (VAL)	28 637
Taxa Interna de Rendibilidade (TIR)	35%
Pay Back Period	2 Anos e 3 Meses

Fonte: Elaboração própria

De acordo com a tabela 4.14, a Taxa Interna de Rendibilidade (TIR) do projeto é de 35%, sendo bastante superior ao valor do custo médio ponderado do capital (*Weighted Average Cost of Capital* - WACC). Para o cálculo do WACC foi considerada para o cálculo do custo do capital próprio (remuneração dos sócios) uma taxa de remuneração sem risco de 2,25%, um prémio de risco de 6,12%¹ e uma taxa de inflação de 2%. Para o cálculo do custo do capital alheio (remuneração dos credores) foi considerada uma taxa de juro de 7% para o empréstimo bancário, tal como referido anteriormente.

Com o *payback* analisa-se quantos anos são necessários para recuperar o valor inicial investido no negócio, sendo que quanto maior for o *payback* menos viável será o projeto. O período de recuperação do investimento deste projeto é de 2 anos e 3 meses, significando que ao fim desse tempo o valor inicial de investimento terá sido recuperado por completo.

4.9.6. Análise de sensibilidade

Para analisar a sensibilidade do projeto, foram simuladas variações relativas às prestações de serviços, pois a empresa apresenta apenas um tipo de serviço e, deste modo, torna-se a variável de maior impacto nas estimativas efetuadas.

Foram analisados dois cenários diferentes: o primeiro mostra os valores dos indicadores de viabilidade se registasse uma taxa de crescimento das prestações de serviços 5 p.p.

¹ De acordo com Damodaran, valores atualizados em janeiro 2022. Disponível em https://pages.stern.nyu.edu/~adamodar/New_Home_Page/datafile/ctryprem.html.

acima do cenário base em cada ano (cenário mais otimista) e o segundo mostrando os mesmos indicadores se regista-se uma taxa de crescimento das prestações de serviços 5 p.p. abaixo do cenário base em cada ano (cenário mais pessimista).

Tabela 4.15. Análise da viabilidade económica com um aumento de 5% na taxa de crescimento de vendas

Avaliação na Perspetiva do Projeto

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027	2028
Free Cash Flow to Firm	-27 257	8 903	11 375	18 864	24 930	32 359	-7 169
WACC (Weighted Average Cost of Capital)	1%	5%	5%	7%	10%	10%	10%
Fator de Atualização	1,00	1,05	1,10	1,18	1,29	1,42	1,57
Cash Flows Atualizados	-27 257	8 515	10 379	16 051	19 364	22 756	-4 565
Cash Flows Atualizados Acumulados	-27 257	-18 742	-8 363	7 688	27 051	49 807	45 243

(Euros)

Valor Atual Líquido (VAL)	45 243
Taxa Interna de Rendibilidade (TIR)	46%
Pay Back Period	2 Anos e 6 Meses

Fonte: Elaboração própria

No primeiro cenário (tabela 4.15.), sendo mais otimista, podemos verificar um aumento nos principais indicadores de viabilidade. O VAL apresenta um aumento substancial de 58% face ao cenário base, aumentando para 45.243€ e a TIR aumenta 11 pontos percentuais (p.p.) passando para 46%. Este impacto tão significativo revela a elevada dependência do projeto à única fonte de rendimento.

Tabela 4.16. Análise da viabilidade económica com um decréscimo de 5% na taxa de crescimento de vendas

Avaliação na Perspetiva do Projeto

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027	2028
Free Cash Flow to Firm	-27 257	8 903	7 743	10 724	11 215	12 124	-4 553
WACC (Weighted Average Cost of Capital)	1%	5%	3%	3%	8%	10%	10%
Fator de Atualização	1,00	1,05	1,07	1,11	1,19	1,31	1,44
Cash Flows Atualizados	-27 257	8 515	7 205	9 693	9 426	9 271	-3 167
Cash Flows Atualizados Acumulados	-27 257	-18 742	-11 537	-1 844	7 582	16 853	13 685

(Euros)

Valor Atual Líquido (VAL)	13 685
Taxa Interna de Rendibilidade (TIR)	21%
Pay Back Period	3 Anos e 10 Meses

Fonte: Elaboração própria

Neste segundo cenário (tabela 4.16.), sendo mais pessimista, verifica-se um decréscimo do VAL para 13.685 €, porém ainda podemos concluir que o projeto ainda é viável. Relativamente à TIR é possível verificar um decréscimo de 14 p.p., mas mantendo-se acima do WACC. Em termos de *payback* houve um aumento, mostrando que a empresa

consegue recuperar o seu investimento ao fim de 3 anos e 10 meses, ou seja, dentro do período em estudo.

Com os resultados destas simulações, conclui-se que o projeto apresenta risco moderado. Mesmo que os resultados sejam favoráveis nos três cenários apresentados, verifica-se elevada sensibilidade à taxa de crescimento das vendas ao longo dos anos de exploração em estudo, sendo o impacto nos indicadores de viabilidade muito significativo. Com estes resultados conclui-se que o projeto se mantém viável e rentável ao longo dos três cenários simulados, mas apresenta simultaneamente muita sensibilidade a variações dos rendimentos, devido a ter apenas um serviço disponível aos seus clientes.

Capítulo 5 – *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*

5.1. Realização do itinerário

Relativamente ao começo da criação do itinerário, como ponto de partida, foi realizado um primeiro esboço. Nesse esboço foram identificados os pontos de paragem do itinerário, de acordo com os eventos verídicos vividos pelos judeus no século XVI e com a vida ficcional de Berequias Zarco, tal como nos é apresentada em *O último cabalista de Lisboa* (1996).

Posteriormente, foram selecionados alguns excertos da obra para cada ponto de paragem. Os excertos foram escolhidos rigorosamente, de forma a fazerem sentido com local em que os mesmos serão lidos. Tendo como objetivo de transportar o turista e participante para o século XVI, selecionaram-se vários excertos para o mesmo local de modo a escolher os mais adequados aquando de uma leitura *in situ*.

Para a realização da narrativa do itinerário foram utilizadas duas obras fundamentais:

- (i) *Lisboa Judaica* de Sérgio Luís de Carvalho (2021); *História dos Judeus Portugueses* de Carsten L. Wilke (2009) foram utilizados particularmente para o itinerário ser rigoroso em termos históricos. Foram retirados dos mesmos todas as informações relativas aos acontecimentos verídicos compreendidos entre o Batismo forçado e o Massacre de 1506.
- (ii) *O último cabalista de Lisboa* de Richard Zimler (1996), tem como propósito transportar os turistas para a Lisboa do século XVI com a ajuda da família Zarco. Para além dos acontecimentos trágicos vividos pelo narrador Berequias Zarco, foram retiradas da obra descrições da Lisboa e das Judiarias de 1500s.

5.2. Narrativa do itinerário

1. Enquadramento histórico – Judeus no início da Idade Média na Península Ibérica

Bom dia, e bem-vindos ao passeio

O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco.

O meu nome é Berequias Zarco e, nas próximas 2 horas, vou guiar-vos num passeio pela minha Lisboa, ao longo do qual vos mostrarei como era ser judeu na Lisboa no século XV e como vivi O Pogrom de 1506, episódio também conhecido como a “A Matança dos Judeus”.

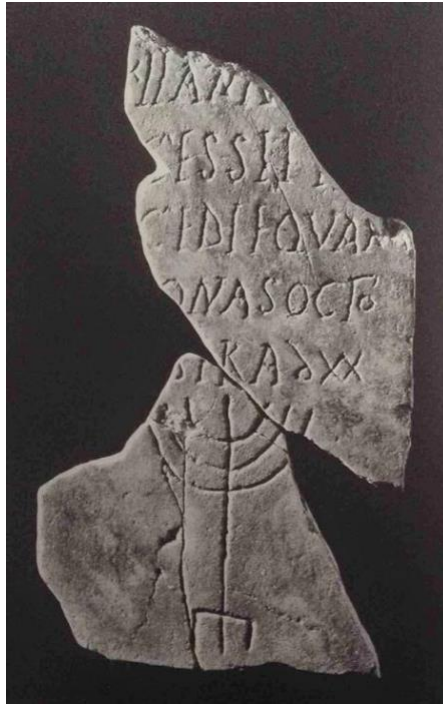
Antes de prosseguirmos com a história dos acontecimentos que iriam marcar a comunidade judaica em Portugal no século XVI, recuemos no tempo para uma breve visita a uma Península Ibérica controlada pelo Império Romano. Sendo a informação sobre os judeus sefarditas na Idade Média escassa, os poucos vestígios encontrados sobre os mesmos na atualidade é uma placa de mármore (figura 5.1.), de 476, com a inscrição hebraica Yehiel (nome dado a pessoas do género masculino, que significa *Deus Viva*), e uma lápide funerária, datada de 482, encontrada em Mértola, na qual está gravada a imagem de uma Menorá, o candelabro de 7 braços que é um dos principais símbolos do judaísmo (ver figura 5.2.).

Figura 5.1. Placa encontrada em Silves



Fonte: Gerschenfeld e Revez (2012)

Figura 5.2. Lápide encontrada em Mértola



Fonte: Campo Arqueológico de Mértola (n.d.)

Perguntar-me-ão: O que é um judeu sefardita? No início da Idade Média, os judeus referiam-se à Península Ibérica como *Sefarad*. Por isso, todos os judeus nascidos na Espanha e em Portugal eram considerados judeus sefarditas. Os judeus oriundos da Alemanha, por exemplo, eram designados como judeus asquenazes, pois a Alemanha era designada como *Ashkenaz*. E também destes encontramos vestígios em Lisboa, mas só a partir da Segunda Guerra Mundial.

No início da Idade Média, existiam já medidas impostas à comunidade judaica que contribuíram para a segregação dos sefarditas, nomeadamente durante a ocupação dos Visigodos, que determinaram a utilização de roupas específicas que os distinguiam do resto da população.

Em 711, porém, a Península Ibérica foi conquistada pelos muçulmanos aos Visigodos e a vida dos judeus sefarditas melhorou. Os muçulmanos consideravam os judeus seguidores da Lei de Moisés e toleravam esse facto, ainda que impusessem algumas regras (i) os judeus eram obrigados a pagar várias taxas para residirem na terra do Islão, (ii) estavam proibidos de residir nos centros urbanos; (iii) e as sinagogas não poderiam ser maiores ou esteticamente superiores às mesquitas.

No entanto, este estado de convivência pacífica entre religiões e até de prosperidade para os judeus sefarditas não duraria para sempre. A reconquista cristã, iniciada no século VIII, promove uma segregação agressiva da comunidade judaica e o Batismo forçado. Os cristãos são ainda responsáveis pelo Massacre de 1506, pela criação do Tribunal do Santo Ofício e dos autos-de-fé que dizimaram a comunidade sefardita.

O percurso que vamos realizar à procura de vestígios do Pogrom de 1506, é inspirado no romance *O último cabalista de Lisboa* (1996), obra escrita por Richard de Zimler (figura 5.3.). Richard Charles Zimler nasceu em 1956 nos subúrbios de Nova Iorque no seio de uma família judaica. Estudou Religiões Comparadas na Universidade de Duke na Carolina do Norte. Nos anos 80, Zimler trabalhou como jornalista em São Francisco. Em 1990 mudou-se para o Porto, onde lecionou jornalismo na Faculdade de Letras do Porto na Escola Superior de Jornalismo do Porto. E foi só em 1996 que publicou o seu primeiro romance, aquele que hoje nos guia e que foi um *best-seller* em muitos países. Não podia deixar de fazer esta brevíssima nota biográfica do autor, uma vez que a escolha do Pogrom de 1506 como tema para este romance não será certamente alheia aos factos que marcam a sua vida.

Figura 5.3. Richard Zimler



Fonte: Zimler (n.d.)

2. Rua de São Pedro – Judiaria de Alfama e a vida quotidiana de Berequias Zarco

Iniciemos então o percurso. O nosso primeiro ponto de paragem pela minha Lisboa será na antiga Judiaria de Alfama, na Rua de São Pedro (figura 5.4.), onde vivi vários anos antes de ter escapado à inquisição e fugido para Constantinopla. Lembro-me como se fosse ontem de como era a minha casa:

“[...] uma construção baixa de estuque branco, com um rodapé azul-escuro a toda a volta. A afinidade entre as cores fez-me erguer o olhar para a gaze turquesa do céu da manhã e depois para a espinha do telhado, um horizonte de telhas fulvas mosqueadas, interrompido a meio pela chaminé, um cone branco escurecido pela fuligem com aberturas de ventilação. No pino destacava-se a silhueta de um trovador de chapa apontando o oriente, para Jerusalém. Um fino véu de fumo da nossa lareira pairava em torno dele e desenrolava-se na brisa meridional em direção ao rio.” (Zimler, 1996, pp. 36-37)

E questiono-me:

“Poderá uma casa ter um corpo, uma alma? A nossa parecia derribada e fatigada por séculos de chuva e de sol, mas protegendo tenazmente os que nela habitavam. No nosso trabalho de iluministas, tanto eu como meu tio Abraão tínhamos frequentemente utilizado a nossa casa como modelo para desenhar as casas bíblicas. Para as paredes usávamos um alvaiade leitoso e para dar uma ideia dos tetos baixos e abatidos de avelaneira que rangiam de modo inquietante durante as chuvadas de Av e Tishrl usávamos o rico castanho feito de vinagre, limalha de prata e enxofre.

As rachas nos alicerces tinham causado uma inclinação do soalho para o lado do quarto de minha mãe, tão reduzido que pouco mais era que um corredor estreito, mas com a vantagem de possuir uma entrada para a Rua da Sinagoga, para as suas freguesas da costura. Virado a nascente, ficava o quarto de meus tios, acolhedor e cheio de luz. Entre os dois quartos, havia a cozinha, onde a nossa vida decorria à volta da enorme mesa de carvalho, e o quarto que eu partilhava com Judas e a minha irmãzinha Cinfa. A nossa loja de fruta, que a julgar pela alvenaria tinha sido acrescentada dois séculos atrás, irrompia daqui e projetava-se sobre a Rua da Sinagoga.” (Zimler, 1996, pp. 37-38)

Figura 5.4. Interseção entre a Rua de São Pedro e a Rua de São Miguel



Fonte: Toponímia de Lisboa (2014)

A minha casa era uma entre tantas outras da judiaria de Alfama. Esta, como de todas as Judiarias de Lisboa, não existem registos que nos permitam saber a data exata da sua criação. Sobre a fundação da Judiaria de Alfama sabemos apenas que ocorreu durante o reinado de D. Pedro. Relativamente à sua localização, a Judiaria de Alfama situava-se perto da velha torre de São Pedro e da antiga Igreja de São Pedro (destruída no terramoto de 1755), no atual Largo de São Rafael. Um largo que se situa a menos de 2 minutos da Rua de São Pedro, onde nos encontramos neste momento (ver figura 5.5.)

Figura 5.5. Largo de São Rafael



Fonte: Toponímia de Lisboa (2015)

Quanto aos seus habitantes, a maior parte veio de uma antiga judiaria, a Judiaria Grande, localizada perto do Elevador de Santa Justa. Esta judiaria foi destruída pelos castelhanos, originando a necessidade de se criar outro bairro segregado para a comunidade judaica. E assim, uma vez que em Alfama já residiam algumas famílias judias, mais concretamente na Rua da Sinagoga e na Rua do Ruivo, a deslocação para este lugar foi natural. Note-se que a Rua da Sinagoga e a Rua do Ruivo eram as únicas ruas da Judiaria de Alfama. Ficou assim concentrada nesta zona da cidade praticamente toda a comunidade judaica, também chamada aljama.

Para melhor vos situar no tempo, lembro que a minha história ocorreu em 1506, já após o Édito de Expulsão de 1496 que determinou a expulsão de todos os judeus e mouros do reino de Portugal até o final de outubro do ano seguinte. A minha história decorre durante o Batismo forçado e a Matança da Páscoa, de 1506.

Por esta altura, os judeus que habitavam em Portugal viviam como cristãos-novos. Cristãos-novos é o termo criado para identificar todos os judeus que tinham sido batizados durante o Batismo forçado que ocorreu no Largo de São Domingues, distinguindo-os dos cristãos de nascença, os chamados Cristãos-velhos. Como é óbvio, este ritual forçado não alterou a fé dos judeus e grande parte dos cristãos-novos, incluindo eu e a minha família, mantivemos a nossa fé, vivendo apenas aparentemente como cristãos para nos protegermos. Esta situação indignava os cristãos-velhos, que consideravam os cristãos-novos hipócritas e os renegavam.

Seguimos para a Rua da Judiaria, onde está localizado o Arco do Rosário. Esse mesmo arco era utilizado como porta da judiaria de Alfama durante a segregação dos judeus.

3. Rua da Judiaria e o Arco do Rosário – Porta da Judiaria de Alfama e segregação dos judeus da restante população

É aqui, na Rua da Judiaria, que podemos encontrar os únicos vestígios da cultura judaica das quatro judiarias que existiam em Lisboa. A Judiaria de Alfama inclui a Rua da Judiaria, o Largo de São Rafael e o Beco das Barrelas, todavia, devido ao terramoto de 1755, a Rua da Judiaria é um dos poucos, se não o único lugar, onde podemos encontrar vestígios da comunidade judaica do Portugal medieval.

Também é possível identificar a Porta da Judiaria (figura 5.6.), atualmente conhecida por Arco do Rosário. Cada judiaria deveria ter uma porta ou portão, de forma a encerrar todos os judeus pertencentes às respectivas judiarias ao final do dia. Por volta das 6 da tarde os portões eram encerrados e qualquer judeu que desrespeitasse este recolher obrigatório sofria graves consequências. Este era o ritual mais marcante dos nossos dias, o que nos lembrava o nosso estatuto de segregados. É impossível esquecer o momento do fecho do portão da minha judiaria:

Ao passarmos na Porta do Chafariz dos Cavalos, ocorreu-me ao espírito o arrepio metálico que os portões da judiaria Pequena provocavam quando encerravam os judeus durante a noite. Um brado vindo de cima fez-nos voltar. Do cimo dos degraus da Sinagoga, o nosso antigo rabino, Fernando Losa, fazia-nos sinal para esperarmos.” (Zimler, 1996, p. 56)

Figura 5.6. Rua da Judiaria e o Arco do Rosário



Fonte: Lisboa - Comparações com outros tempos (2013)

Após protestos do clero, em meados do século XIV, D. Afonso IV impôs uma nova regra à comunidade judaica para facilitar a distinção do resto da população cristã: todos os judeus foram obrigados a usar um sinal amarelo nos seus chapéus, que mais tarde foi alterado para vermelho, para o tornar mais nítido. Mais tarde, D. João reforçou esta lei, trocando a marca vermelha no chapéu pelo uso da estrela de David, um dos símbolos mais importantes da cultura judaica. A estrela de seis pontas deveria estar bem visível na roupa, havendo consequências para quem não o fizesse (*vide* figura 5.7.).

Figura 5.7. Estrela de David



Fonte: Dicionário de símbolos (n.d.)

Em Lisboa, durante o século XV, a maior parte dos grandes mercadores eram judeus, logo o contacto entre judeus e cristãos era inevitável, como fica claro relativamente ao rabino no excerto que lemos **“Depois da sua conversão, tinha-se tornado num mercador de alfaias do culto cristão, sendo mesmo o fornecedor do bispo de Lisboa, maldito seja”** (Zimler, 1996, p56). Dessa necessária interação vieram as várias tentativas de conversão dos judeus ao cristianismo que se deram ao longo dos tempos. Erigiram-se igrejas perto de todas as judiarias existentes em Lisboa, criaram-se benefícios financeiros, prometeu-se a possibilidade ascensão social aos que aceitassem Jesus como o seu salvador. Em retorno, exigia-se uma conversão definitiva, sob pena de serem punidos com a pena capital.

4. Largo do Chafariz de El-Rei – Pogroms e perseguição de Diego pelos cristãos-velhos

Ocorriam por toda a Europa ataques à comunidade judaica e aos seus bairros e judiarias. Estes ataques ficaram conhecidos como “pogroms”. É importante mencionar que grande parte dos pogroms ocorriam em momentos de crise nos países em questão, quando era necessário encontrar um culpado para a situação. Na Idade Média, os judeus foram responsabilizados pela peste, tendo sido acusados de envenenar os poços e fontes do reino para a propagar. Foram também acusados de profanação das hóstias (maltrato e uso malicioso de hóstias consagradas), de matarem cristãos para uso dos corpos em rituais e, retomou-se a clássica responsabilização deste povo pela morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em Lisboa, não existe memória de ataques de grandes proporções a esta comunidade até ao Pogrom de 1506. Durante a minha história, relato o ataque dos cristãos-velhos a Diego, no Largo do Chafariz de El-Rei (representado na figura 5.8.), no preciso local em que nos encontramos. Tentemos visualizar esse ataque:

“O impressor Diego foi o primeiro a contribuir para o rio de sangue que durante os dias que se seguiram haveria de nos conduzir à paisagem de um deserto apenas rodeado de mágoa. Mas por enquanto essa geografia de morte era ainda um segredo para nós.

Pela sua frente corriam torrentes de suor e as faces estavam sujas das marcas da eterna poeira da cidade. O sangue do corte no queixo fluía pelo pescoço. Por entre ataques de tosse, procurava recuperar o fôlego.

— Andava a passear por aqui... só um passeio — disse ele em português. Parei perto do rio, no Chafariz d’El-Rei a lavar as mãos.

Tia Ester desapertou-lhe a gola do gibão enodado e limpou-lhe o peito com um farrapo que rasgou da sua blusa. Reparei no traço escuro de uma cicatriz antiga que tinha no peito, por baixo da clavícula, que parecia ter sido escavada por algum bicho. Em torno a nós, começaram a juntar-se vizinhos, a bisbilhotar entre si.

— Dois rapazes... — continuou Diego — Começaram aos berros que eu estava a envenenar o poço com essência de peste. Desataram a correr atrás de mim. Caí. Atiraram-me pedras. «Apanhem o rabino de rabicho! Apanhem o rabino... Quem me salvou foi um homem moreno com um gorro azul. Era alto, forte... No seu desespero, as últimas palavras procuravam o socorro do hebraico. «Fala português» — murmurei-lhe, enquanto o deitávamos no empedrado da rua.” (Zimler, 1996, p. 52).

Figura 5.8. Largo Chafariz de El-Rei



Fonte: Toponímia de Lisboa (2018)

Acompanhem-me para o próximo ponto de paragem, o Museu do Aljube, o edifício durante o século XVI era utilizado como cadeia eclesiástica e durante o Salazarismo era utilizado como prisão política.

5. Museu do Aljube – Cadeia eclesiástica e o aprisionamento de Reza

Chegámos ao Museu do Aljube (figura 5.9.), o mesmo que foi utilizado desde a ocupação muçulmana de Lisboa como instituição prisional e que foi posteriormente utilizado como prisão eclesiástica. Em árabe, o termo “aljobbe” significa “poço sem água, cisterna, cova profunda”, mas também está associado a “cárcere, cadeia, prisão”. Assim, este vocábulo veio a ser utilizado na designação de todas as cadeias episcopais do Reino de Portugal (Aljube no Porto, Cadeia do Aljube em Ponta Delgada). Mais tarde, o atual museu foi utilizado como Palácio de Arcebispos ou Paço episcopal, como podem ver pelo escudo de armas do arcebispo D. Miguel de Castro visível na porta principal.

Figura 5.9. Museu do Aljube



Fonte: Museu do Aljube Resistência e Liberdade (2020)

Como mencionei anteriormente, nos séculos XVI e XVII, o atual Museu do Aljube – Resistência e Liberdade, foi utilizado como cadeia eclesiástica, uma cadeia específica para indivíduos que cometiam crimes contra a religião. Padres condenados, bruxos, feiticeiros e, claro, judeus terão sido aqui presos por serem considerados hereges.

A minha prima, Reza, foi uma das vítimas aqui aprisionadas. A acusação: ser uma cristã-nova que continuava a praticar o judaísmo:

“No dia seguinte, ao cantar do galo, um recado misteriosamente atirado para o nosso pátio respondia à pergunta de minha mãe. Em código novo-cristão rezava: «Dezasseis andorinhas não regressaram ao ninho na noite passada e foram apanhadas pelo Faraó. O teu passarinho, Reza, contava-se entre elas.» Como viemos a saber, minha prima Reza e todos os outros convivas da sua seder secreta tinham sido presos na noite anterior e levados para a cadeia da cidade. Alguém os terá denunciado. E meu tio? Será que o presenciou através de alguma janela mística ou terá simplesmente pressentido que alguma coisa de terrível se passava?

Vendo-me ler o recado essa manhã, minha mãe anunciou-me: — Os tios foram à procura dos nobres cristãos-novos que servem na corte. Estão esperançados que algum deles possa dar uma ajuda.

Estávamos no Shabat, o dia antes da segunda noite sagrada da Páscoa, e como naquele tempo era profundamente devoto, resolvi contribuir para a rápida libertação de Reza entoando cânticos ao longo de toda a manhã e toda a tarde. Mas de nada valeu; pouco antes do crepúsculo, meus tios regressaram a casa cobertos de poeira e de desânimo.” (Zimler, 1996, p. 65)

Aproveitando a paragem neste museu, façamos uma nova viagem no tempo para recordar que, com a implementação do liberalismo em Portugal (1820), a justiça comum e a igualdade perante a lei foram estabelecidas para todos os cidadãos. Assim, a 29 de Julho de 1833 foi abolido o privilégio do foro eclesiástico e a cadeia do Aljube tornou-se uma prisão civil. Em 1845, a cadeia tornou-se uma cadeia exclusiva para pessoas do sexo feminino.

Porém, em 1928, este edifício voltou a mudar de função e foi aqui instalada uma prisão “para delinquentes políticos”. Desde esse ano até ao seu encerramento, em 1965, o Aljube foi utilizado pela polícia política do Estado Novo (PIDE) para encarcerar todos aqueles que afirmavam colocar em perigo a ordem pública.

O próximo de paragem será o Elevador de Santa Justa, e tudo indica que nesse mesmo local existia o cemitério da Judiaria Grande.

6. Elevador de Santa Justa – Judiarias de Lisboa e funeral de Abrão Zarco

Durante toda a história da minha comunidade na Grande Lisboa, existiram quatro judiarias, uma delas a Judiaria Velha ou Judiaria Grande, onde estamos neste preciso momento, considerada a judiaria mais antiga de Lisboa. Vários historiadores afirmam que esta judiaria possa ter aqui existido desde a ocupação da Península Ibérica pelos muçulmanos. Contudo, as provas documentais apenas permitem confirmar que em 1175 existia uma *aljazaria* judaica nesta área. Enquanto Judiaria Velha, é mencionada pela primeira vez durante o reinado de D. Afonso III (1238 e 1253). Esta judiaria era delimitada pelas antigas Igrejas de São Nicolau, Madalena, São Julião e o Poço da Fótea. Como já foi mencionado anteriormente, estas eram construídas perto das judiarias como tentativa de converter os judeus ao cristianismo. Em 2021, a judiaria está delimitada pela Rua dos Fanqueiros, a Rua do Ouro, o Rossio e a Rua do Comércio, uma vez que foi ampliada em 1370 devido à demolição de outra Judiaria, a das Taracenas.

A Judiaria das Taracenas, também mencionada como Judiaria das Tercenas, Judiaria Nova ou Judiaria Pequena da Moeda, consta em registos a partir de 1315. Era uma pequena judiaria reduzida apenas a uma rua chamada Rua da Judiaria, não a Rua da Judiaria que visitámos anteriormente, perto do Arco do Rosário, delimitada pelas Ruas do Comércio, Rua do Ouro, Rua de São Julião e o Largo de São Julião. Como mencionei anteriormente, a Judiaria Nova foi eliminada em 1370 pelo rei D. Fernando, porém de forma a compensar os residentes, entregou uma adega aos mesmo perto da Judiaria Velha aumentando assim o tamanho da mesma. No entanto a Judiaria das Taracenas não se extinguiu por completo, continuando a existir uma pequena comunidade judaica no mesmo local até ao édito manuelino de expulsão.

Existiu também a Judiaria da Pedreira, localizada na atual Rua Garrett e na Calçada da Glória. A sua criação teve por base um acordo de 1303 entre o Rei D. Dinis e a família Navarro, uma família bastante influente da comunidade judaica. É possível que esta pequena judiaria tenha sido criada com o propósito de albergar a elite judaica lisbonense. A Judiaria da Pedreira não durou muito tempo. Os judeus foram expulsos por D. Dinis, tendo este entregue o local a Manuel Pessanha, um navegador genovês ao serviço da coroa portuguesa a quem foi também atribuído o título de almirante mor do rei. A antiga judiaria passou então a chamar-se Bairro do Almirante.

Por último, edificada oficialmente em 1373, temos a Judiaria de Alfama, onde eu e a minha família, os Zarco, vivíamos na Rua de São Pedro.

Existem relatos segundos os quais o antigo cemitério da Judiaria Grande estaria localizado neste preciso local (Elevador de Santa Justa, presente na figura 5.10.). No entanto, grande parte dos cemitérios foram construídos fora do centro da cidade de Lisboa e não foi aqui que o meu tio Abraão, depois de preparado de acordo com os rituais da nossa religião, foi enterrado:

“Começámos a preparar os corpos de meu tio e da rapariga para o enterro, entoando cânticos enquanto os lavamos. Lavo o rosto de meu tio sete vezes com água fria e três vezes com água quente. E, segundo o preceituado, primeiro a barriga, depois os ombros, depois os braços, o pescoço, as partes, dedos dos pés, dedos das mãos, olhos e narinas. Percorre-me uma cálida onda de tristeza e de alegria ao segurar nas minhas as mãos de mármore da velha couraça de meu tio.

Tinha-nos fugido para Deus. Estou, assim, novamente a sós com um homem que tinham matado. A visão interior chega-nos em relâmpagos, diz o Zohar. E assim é.

O corte que lhe divide o pescoço tinha-se tornado escuro. O sangue tinha coagulado em crostas de cerâmica. Quatro vezes lhe lavo os dedos da mão, e de todas as vezes ficam ainda sujos de tinta. Que é como um artista deve comparecer perante Deus. Tia Ester leva as tesouras ao cabelo e corta uma das suas madeixas tingidas de hena que depois coloca sobre o peito de meu tio.

Qual o poeta hebraico que disse que a madeixa cortada de uma viúva é feita de filamentos de lágrimas de sangue?

Depois de vestirmos meu mestre com as suas vestes alvas, minha mãe polvilha a simbólica poeira de Jerusalém sobre os seus olhos e as suas partes íntimas. Dou a mão a Cinta, enquanto ela acena um adeus.

Depomo-lo sobre o seu xaile ritual e cobrimo-lo com a mortalha de linho que Reza e minha mãe tinham cosido. Quando pela derradeira vez a sua face se aparta de Mim, fecho os olhos para o reter nessa escuridão.” (Zimler, 1996, pp. 163-164)

“Da Pequena Jerusalém e da Judiaria Pequena e mesmo da ruazinha judaica do outro lado da cidade perto da Igreja das Carmelitas, todos carregam os seus Mortos. Uns, como nós, em carroças puxadas a burros; outros, a maior parte, transportando os seus entes amados em carros de mão de madeira. Os mais velhos orientam-nos para os terrenos que ainda não foram usados como cemitério. Ao passar saúdo os que vou encontrando, sem trocar nenhuma palavra, a não ser para perguntar se alguém teria visto Judas ou algum dos iniciados ainda vivos. Frei Carlos e Diego, Ninguém os vira. Cavo duas covas com a ajuda de três jornaleiros mouros, que ali andavam para ganharem algumas moedas.

Para meu tio, minha mãe escolhe um sítio junto a uma pequena amendoeira com os braços em candelabro erguidos para o céu turquesa. A rapariga fica a repousar ao pé de um sobreiro possante de ramos estendidos como um avô a recebê-la nos braços.” (Zimler, 1996, p. 166)

Figura 5.10. Elevador de Santa Justa



Fonte: Leandro (2021)

Nesta passagem, é-nos relatado com bastante detalhe o ritual funerário judeu e não podemos deixar de referir alguns aspetos que marcam esta cerimónia: o enterro acontece o mais depressa possível, de forma a cumprir o princípio de honrar os mortos (k'vod hamer) e só pode ser adiado se parentes imediatos não tiveram possibilidade de estar presentes ou se não existirem condições para se realizar antes do Shabat ou de algum feriado. Nestas condições é adiado para o dia seguinte; após a morte de um judeu, a família contacta o Chevra Kadisha, sociedade sagrada que prepara os corpos mortos conforme a halachá (Lei Judaica). Essa preparação, também conhecida como Tahara, consiste, como vimos na passagem que lemos, num banho ritual para purificar o morto. De seguida, o corpo é vestido com o Tachrichim (figura 5.11.), um traje funerário branco, 100% linho, que cobre todo o corpo. Segundo a tradição judaica, este conjunto simboliza a neutralidade com que a alma se encontrará com Deus.

Nos funerais tradicionais, antes do início das exéquias, os parentes mais próximos rasgam as suas roupas como forma a demonstrar a dor da sua perda. Porém, os judeus que praticam o judaísmo progressista abandonaram essa prática e colam às suas roupas, fitas pretas rasgadas, que lhes são entregues pelo rabino.

O corpo é sepultado num caixão de madeira simples, sem ornamentos para além da Estrela de David e das iniciais do morto, na parte superior do caixão. (Klug, n.d.).

Figura 5.11. Tachrichim



Fonte:(Levy, n.d.)

Caminhemos para a Praça das Figueiras, onde era localizado o Hospital de Todos os Santos.

7. Praça da Figueira – Hospital Real de Todos os Santos: os judeus e a Peste

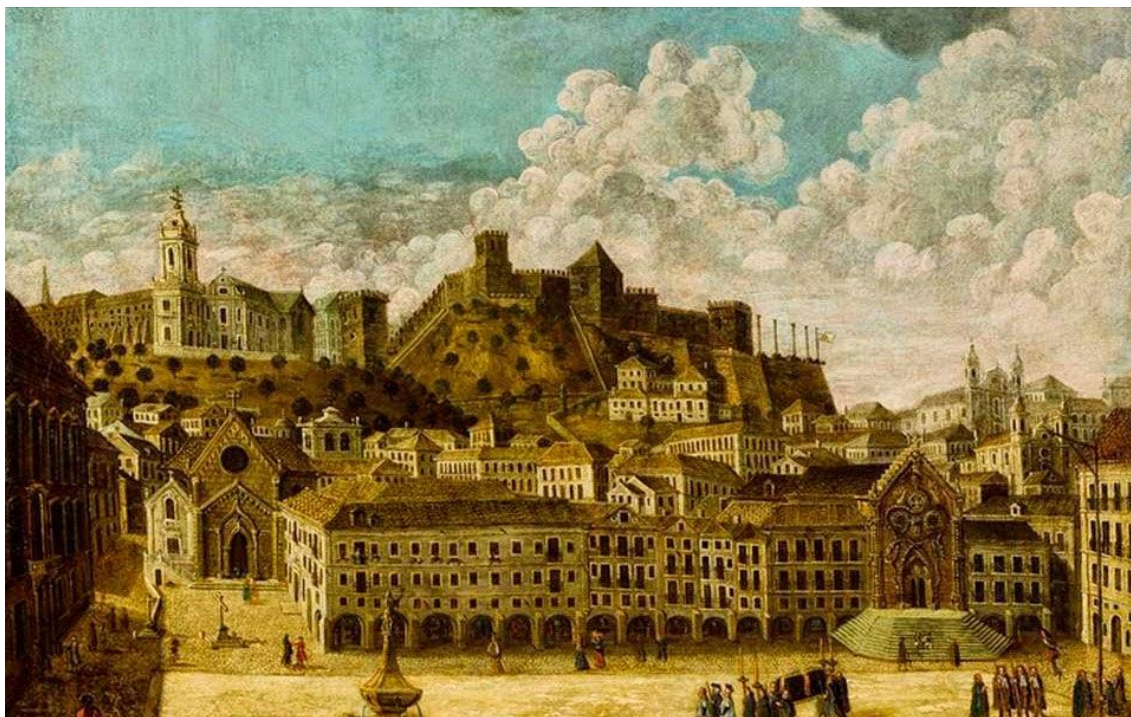
Construído na Praça da Figueira, entre 1492 e 1504, o Hospital Real de Todos os Santos (figura 5.12.) foi o hospital mais importante da cidade de Lisboa entre os séculos XVI e XVIII. Também era conhecido por Hospital Grande, Hospital de Todos os Santos, Hospital Grande de Todos os Santos e Hospital Real.

Foi fundado pelo Rei D. João II, que criou este grande hospital com o intuito de assistir os mais necessitados da capital. Tal propósito levou a que se tornasse conhecido como Hospital dos Pobres. O hospital era dirigido pela Ordem Religiosa, pois a Igreja tinha um vasto conhecimento relacionado com a medicina, conseguindo deste modo auxiliar os doentes e pobres que precisavam de apoio médico. Foi neste preciso Hospital que Diego foi internado após o seu infeliz encontro com os cristãos-velhos no Largo do Chafariz de El-Rei:

“O guarda do Hospital de Todos-os-Santos a quem explicámos a nossa missão informou-nos com orgulho que o fidalgo que trouxera Diego não era outro senão o Conde de Almira. O nome não me dizia nada, mas a minha atração pela sua companhia de viagem levou-me a registá-lo a ouro na minha memória de Tora. Uma monja ameninada conduziu-nos ao aposento onde se encontrava Diego, um sítio escuro e baixo, a tresandar a vinagre, âmbar e morte. Por cima de cada um dos doze catres pendia a imagem sangrenta do crucificado. Através das cortinas entreabertas de tecido amarelecido viam-se homens amarrados às camas por tiras de couro, espreitando com os olhos em alvo e sedentos de vida, envolvidos em ligaduras, fedendo como estrume. Das portadas parcialmente abertas avistava-se a Igreja dos Dominicanos do outro lado da praça.

Diego estava no último leito. Ao reconhecer os seus grandes olhos escuros e o turbante cor de açafão, sorri de alegria e inquietação. Estava completamente diferente. O seu rosto barbeado parecia de mármore branco, com marcas de cortes aqui e ali. As papadas que antes se escondiam emprestavam à sua face um ar grave, cauteloso. Subitamente, aparecia-nos como aquele género de pessoas amáveis sempre prestes a dar presentes, a amimar as crianças, mas que pagavam um preço por não cuidarem de si próprios - o género de pessoa que talvez ele tenha sido antes do exílio e do seu isolamento.” (Zimler, 1996, pp. 57-58)

Figura 5.12. Hospital de Todos os Santos



Fonte: Monumentos Desaparecidos (2009)

Nesta altura, a igreja governava o Reino de Portugal e os seus hospitais, no entanto não possuíam medicamentos e técnicas de combate à peste que dominava todo o reino de Portugal. Desta forma o fanatismo católico prosperou, levando a perseguição e morte de

várias minorias. Judeus, mendigos, estrangeiros, muçulmanos, frades, homossexuais e ciganos foram perseguidos e mortos por terem sido acusados da pandemia vivida.

A peste, a seca e a ignorância foram dos principais fatores que conduziram ao massacre ocorrido perto do Rossio em 1506. Entre 1505 e 1507 em Lisboa, existiu um grande surto de peste, porém ainda não existia cura conhecida, levando o povo a criar vários rituais de forma a combater a pandemia: “Fogueiras odoríferas espalhadas pelas ruas, tiros de canhão para repor os ares, mezinhas avulsas, amuletos e procissões expiatórias faziam parte das terapias usadas, com o sucesso que se imagina.” Infelizmente durante esta pandemia ocorreu uma grande e duradoura época de seca, o que terá contribuído negativamente para as condições de higiene da população e influenciado o espalhar da peste em Lisboa.

“O dia do nosso primeiro seder da Páscoa ergueu-se fusco e seco, como todas as manhãs ultimamente. Há mais de onze semanas que não recebíamos a bênção da chuva. E também hoje não choveria.

A peste, essa, assediava-nos com calafrios os corpos e as almas já desde a segunda semana de Heshvan — há mais de onze semanas.

Os médicos feitos à pressa de El-Rei D. Manuel acharam que o gado era o ideal para absorver as essências que pairavam no ar e a que atribuíam a epidemia e assim duas centenas de vacas entontecidas pelo calor foram deixadas à solta a vaguear pelas ruas.

O próprio rei já há muito que desertara desta desolação, juntamente com a maior parte dos fidalgos. De Abrantes, três semanas antes, tinha promulgado um decreto ordenando a construção de dois novos cemitérios fora das muralhas da cidade para receber os que todas as semanas eram chamados pelo Senhor.” (Zimler, 1996, p. 34)

Apesar do alastrar da pandemia, devido ao isolamento a que os judeus eram votados e aos seus rituais religiosos, a comunidade foi menos afetada pela peste do que a restante população. Com efeito, para além do isolamento, o ritual de lavar as mãos presente na Lei de Moisés, a purificação antes de entrar nas Sinagogas e antes de todas as refeições terá protegido os judeus da peste bubônica. O Hospital de Todos os Santos, era localizado na atual Praça da Figueira (figura 5.13.). No entanto, a 1 de novembro de 1755, ocorreu o Terramoto de 1755 que destruiu toda a Baixa de Lisboa, inclusive o Hospital Real.

Figura 5.13. Praça da Figueira



Fonte: Go Lisbon (n.d.)

De seguida iremos visitar o Rossio, onde está localizado o Teatro D. Maria II. É nesse local que ficava localizado o Palácio dos Estaus e futuramente o palco principal da Inquisição e do Tribunal do Santo Ofício.

8. Rossio – Palácio dos Estaus e o início da Inquisição e do Tribunal do Santo Ofício

Chegámos ao Rossio, onde terá começado o Batismo forçado e posteriormente a Matança da Páscoa de 1506, no qual mais de 2 mil judeus foram queimados vivos em fogueiras perto da Igreja de São Domingos, antigamente conhecida por Igreja dos Dominicanos. Estes acontecimentos, como muitos outros terão sido branqueados da História de Portugal ou, pelo menos, desvalorizados... O Rossio é, de resto, que marca pelas piores razões a história da comunidade judaica de Lisboa. Para além do episódio do Pogrom, lembremos que era aqui, onde agora vemos o Teatro Nacional D. Maria II (figura 5.14.), que estava localizado o Palácio da Inquisição e de onde saíam os autos-de-fé.

Figura 5.14. Teatro Nacional D. Maria II



Fonte: Comunidade Cultura e Arte (2022)

Mas, para melhor percebermos o que aqui se passou, viajemos aos primórdios da Inquisição em Espanha, uma vez que esta teve um forte impacto na vida dos judeus portugueses.

Tudo começou no dia 31 de março de 1492, em Granada, com o Decreto de Alhambra, no qual os Reis Católicos, Fernando II de Aragão e a Isabel I de Castela, decretaram a expulsão de todos os judeus de Espanha, dando-lhes apenas 4 meses para abandonarem o território espanhol. O Decreto foi o início de uma estratégia espanhola que visava a limpeza de sangue e a purificação da fé. Assim, após a expulsão total dos judeus do reino espanhol, deu-se também a conversão forçada dos mouriscos, em 1609.

A expulsão de Espanha teve como consequência o crescimento da comunidade judaica em Portugal, pensa-se que entre 40 mil a 100 mil judeus espanhóis se terão aqui refugiado. A coroa portuguesa estabeleceu de imediato medidas de controle de migração. São elas: limitação da entrada no país a 600 famílias judias; permissão para atravessar a fronteira apenas em Olivença, Arronches, Castelo Rodrigo, Bragança e Melgaço); permissão de

residência limitada a 8 meses. Assim, grande parte dos judeus espanhóis acabou por abandonar o reino de Portugal. Posteriormente, a Espanha acabou por persuadir Portugal a expulsar também os judeus (Decreto de expulsão de 1496) e a instituir o Batismo forçado, de que iremos falar no último ponto de paragem deste passeio.

Aqui no Rossio, como já mencionei, localizava-se o Palácio dos Estaus (figura 5.1.5), onde fica o atual Teatro Nacional D. Maria II. Nesta altura, a população portuguesa, comunidade judaica inclusive, teriam de alojar nobres que estariam de passagem por Lisboa. Como é óbvio, a população não estaria contente por tais incômodos deste modo a ideia de criar um local para abrigar esses fidalgos. Dados os protestos do povo, o Infante D. Pedro, ordenou a construção do Palácio dos Estaus, cuja inauguração se encontra documentada em 1451, anos em que alberga os embaixadores do Imperador do Sacro Império Romano Germânico. Foi neste preciso Palácio que eu e Farid nos encontramos com o Conde de Almira, o mesmo que auxiliou Diego quando este foi atacado pelos cristãos-velhos:

“Em frente do portão do Palácio dos Estaus, deparamos com dois besteiros corpulentos ladeando um porteiro todo ataviado, com uma pena no gorro. Atrás do gradeado do portão, à sombra de um laranjal, vêem-se três coches. Um deles, pintado a dourado, é o veículo do dia em que Diego foi ferido.

— O Conde de Almira há-de receber-me — digo ao porteiro — Por favor, informai-o que Pedro Zarco está aqui.

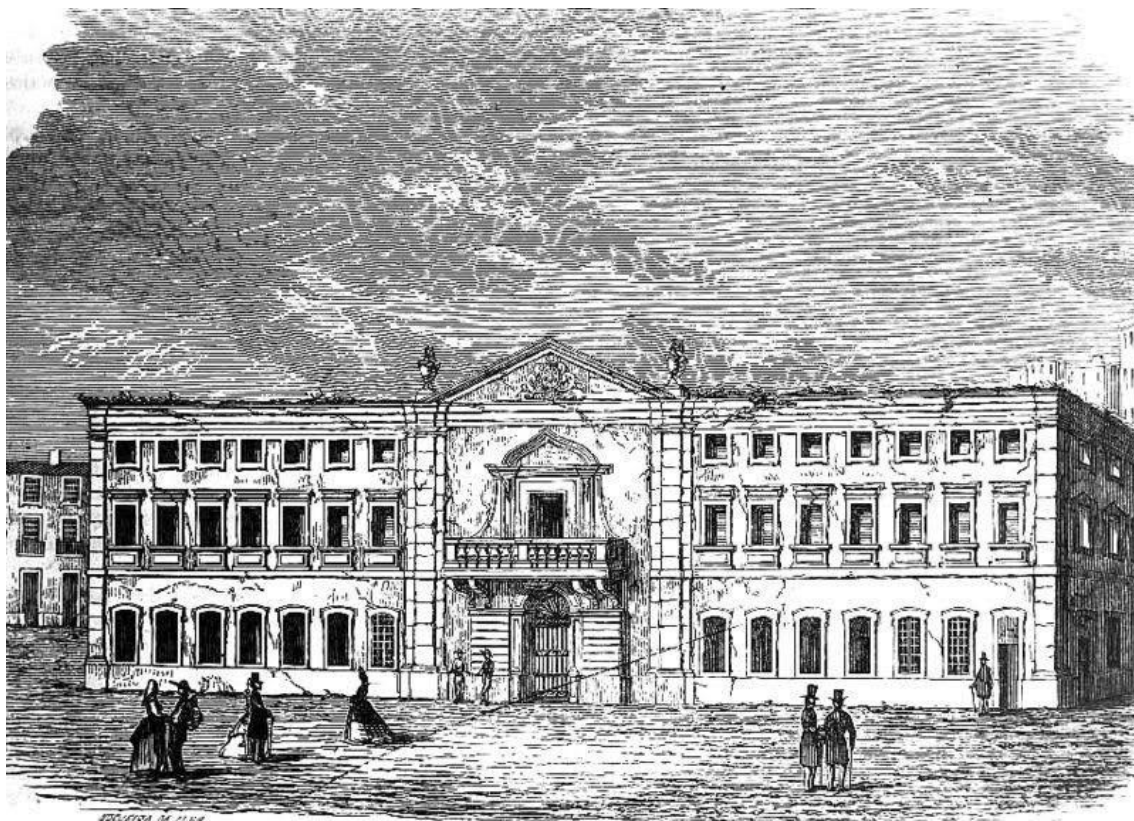
— Tendes alguma correspondência para o efeito? — pergunta, a face contorcida, como se tivesse cheirado alguma coisa podre.

A percebo-me então que devemos ter o aspeto de vilãos regressados de um dia de labor nos campos.

— Não tenho cartas, mas ele há-de querer ver-me.

Como ele me olha de alto a baixo, seguro o chapéu cor de ametista do homem do Norte contra o meu peito e exhibo uma pose de superioridade de um proprietário rural enfadado com a má criação de um criado. Volto-me para Farid e resmungo qualquer coisa no meu melhor sotaque castelhano sobre um anunciado banquete com um amigo fictício chamado Diaz; os castelhanos irritam, mas impressionam os portugueses, especialmente quando se podem dar ao luxo de ter criados. O meu esforço parece forçado, mas pelo canto do olho apercebo-me que o porteiro passa o recado a um criado de dentro. Esperamos sob o sol monstruoso de Lisboa, observando os lagartos a deslizar por entre as falhas da calçada.” (Zimler, 1996, pp. 272-273)

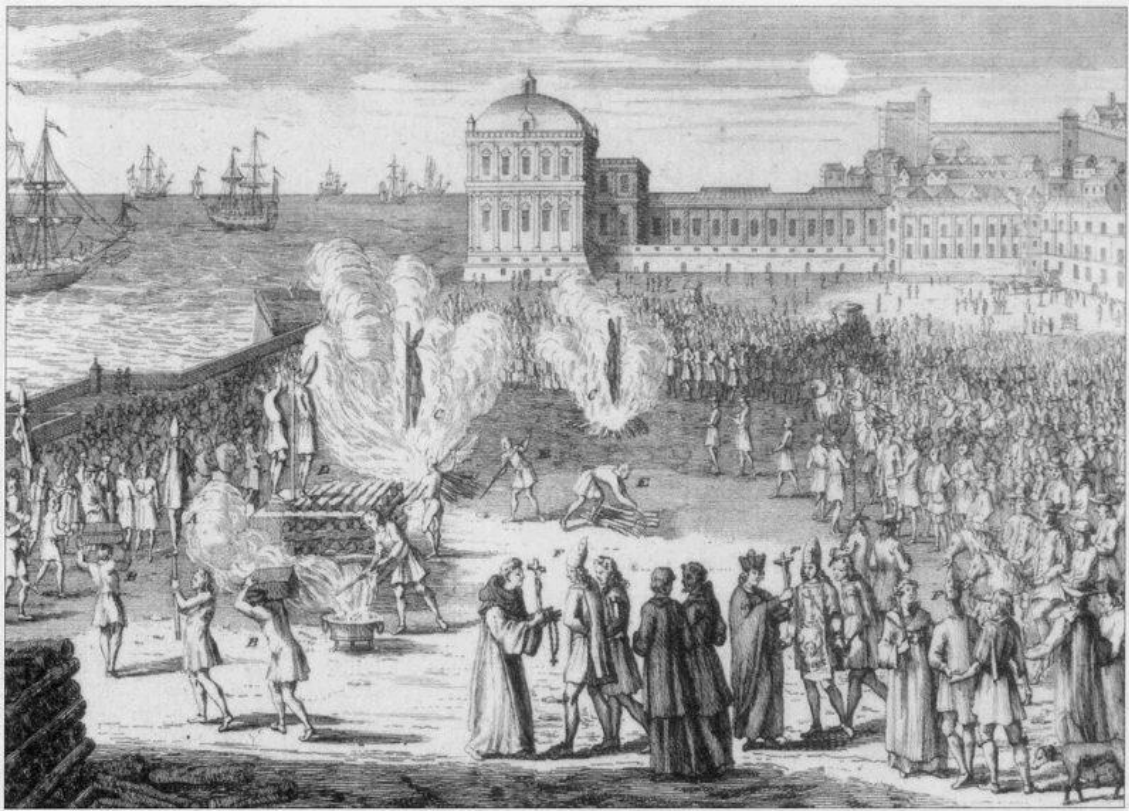
Figura 5.15. Palácio dos Estaus



Fonte: Ruas de Lisboa com alguma história (2009)

Anos mais tarde, mais precisamente a 23 de maio de 1536, o Santo Ofício é instituído em Portugal, tornando-se o Palácio dos Estaus o estabelecimento oficial do Tribunal do Santo Ofício, o que levou a que tivesse ficado conhecido por Palácio da Inquisição até os dias de hoje. O propósito do Santo Ofício, o seu propósito era, como em tantos outros ataques feitos à comunidade judaica, “detetar as heresias, combatê-las, emendá-las e reprimi-las”. O primeiro auto-de-fé (figura 5.16.) ocorreu em 26 de Setembro de 1540, à frente do Palácio da Inquisição na Praça D. Pedro IV, mais conhecida como Rossio. Felizmente consegui escapar às garras do Santo Ofício, fugindo para a atual Turquia.

Figura 5.16. Autos-de-fé



Fonte: NCultura (2017)

Passemos para o último ponto de paragem do nosso itinerário, o Largo de São Domingos, onde acontece um dos momentos mais horríficos da história portuguesa, o Massacre de Lisboa de 1506.

9. Largo de São Domingos – O Batismo forçado e o Massacre de Lisboa de 1506

A Espanha acabou por determinar o destino de todos os judeus portugueses, pois D. Manuel I ao subir ao trono, em 1495, pensou que poderia unir a Península Ibérica casando-se com Isabel de Aragão e Castela, filha dos Reis Católicos de Espanha. Os Reis de Espanha aceitaram a proposta com a condição de Portugal expulsar os hereges do reino de Portugal, pois a filha Isabel só poderia ser rainha de um povo de sangue “limpo”. Perante estas exigências, a 5 de dezembro de 1496, D. Manuel decretou que todos os judeus teriam 11 meses, mais concretamente até o final de mês de outubro de 1497, para abandonarem o reino de Portugal ou cederem à conversão.

No entanto, não haveria grande interesse por parte da coroa na saída dos judeus do reino de Portugal, pois a comunidade judaica era uma grande fonte de riqueza para Portugal.

De forma a contornar este problema, a conversão dos judeus tornou-se o objetivo principal, sendo que em março de 1497 é dado o primeiro passo nesse sentido. O rei ordenou que os filhos com menos de 14 anos fossem retirados aos judeus e que fossem distribuídos pelas aldeias para serem criados como cristãos. Desta forma muitos judeus foram persuadidos a converter-se para não perderem os filhos.

Com a data-limite do édito de expulsão a chegar, D. Manuel concebeu um novo plano para manter os judeus e as suas riquezas em Portugal. Foi anunciado que os judeus que habitavam em Portugal deveriam deslocar-se a Lisboa, onde haveria vários navios à sua espera que os levariam para fora do reino. Deste modo, cerca de 20 mil judeus deslocaram-se até ao Rossio e aqui se deu um dos momentos mais dramáticos da história portuguesa – O Batismo forçado.

À chegada ao Rossio, não havia um meio de transporte a aguardar os judeus, mas sim dois judeus conversos que os procuraram convencer a aceitar Jesus como Salvador. Grande parte dos judeus presentes não cedeu, por isso foram levados em grupos para várias igrejas localizadas perto do Rossio, principalmente para a Igreja dos Dominicanos, a atual Igreja de São Domingos, onde foram batizados à força (*vide* figura 5.1.7).

Figura 5.17. Largo de São Domingos



Fonte: Lisboa Convida (2013)

“— A tua tia sempre teve jeito para ameaças — sussurrou-me Frei Carlos com um sorriso maldoso — Lembras-te do dia em que te levaram à força para te baptizarem na Sé? Lançou-lhes pragas em sete línguas diferentes.... Hebreu, persa, árabe, português...

— Lembramos, lembramos — interrompi, erguendo a mão num gesto de desaprovação, tentando poupar-nos à evocação. Tarde de mais. Os olhos de tia Ester tinham-se tornado distantes e opacos, mergulhados numa paisagem interior. A sua mão deslizará sob o lenço carmesim e traçava o contorno da cicatriz cruciforme que lhe tinha sido imposta naquela amaldiçoada manhã do nosso baptismo forçado. Nessa ocasião, mais que nenhuma outra, tinha resistido aos beleguins mandados pelo rei para arrastarem os judeus até à Sé. Um dos guardas, querendo dá-la como exemplo, atirou-a ao chão e prendeu-lhe as mãos e os pés ao empedrado da Rua de São Pedro. Um frade dominicano empunhando um ferro incandescente tinha então gravado uma cruz na sua fronte, enquanto gritava, para que todos pudessem ouvir:

«Eu te abençoo com o signo de Deus, Nosso Senhor!»

A mim, por meu turno, as crianças cristãs cobriram-me de sangue de porco e de serrim durante o caminho da cerimónia do baptismo até minha casa. Mas não podiam adivinhar a dádiva que me fizeram: esta humilhação abrasadora mereceu-me o olhar misericordioso do Senhor e tive então a primeira das minhas visões.”
(Zimler, 1996, p. 41)

Por fim chegamos ao momento do massacre. Lembremos-mos de que Portugal vivia no início do século XVI tempos difíceis, devido a uma nova vaga de peste que abalava principalmente Lisboa, e cuja responsabilidade grande parte dos cristãos atribuía aos cristãos-novos. Verificou-se simultaneamente mais uma seca persistente em todo o reino e, como seria de esperar, foi considerada castigo de Deus por ser permitido aos hereges habitarem no país.

Tudo começou a 19 de Abril de 1506, pelas 15 horas, dentro da Igreja de São Domingos, onde, supostamente, terá acontecido um milagre que foi questionado por um cristão-novo. No altar da igreja existia um crucifixo que teria no meio um espelho, e nesse mesmo espelho terá aparecido a imagem da Virgem ajoelhada e o crucifixo ter-se-á iluminado. O cristão-novo terá dito que um pedaço de madeira como um crucifixo nunca conceberia um milagre, que o reflexo visto no espelho do crucifixo era devido à luz das velas e terá questionado o facto de Deus ter feito um milagre com fogo e não com água pois, a seca persistia. Consequentemente, este indivíduo foi acusado de blasfémia e arrastado até ao local onde estamos neste preciso momento e onde terá sido espancado até à morte. Daí a localização neste ponto do Memorial do Pogrom de 1506 (ver figura 5.18.)

Figura 5.18. Memorial do Massacre de 1506



Fonte: Cipriano (2021)

Poucos minutos após a barbaridade cometida, um frade dominicano realizou um sermão neste Largo, propagando o ódio contra os novos cristãos, enquanto outros dois frades empunhavam um crucifixo processional gritando “Heresia! Heresia!” e era pedido aos cristãos-velhos o extermínio dos novos. Deu-se assim início à Matança da Páscoa. Foram criados 100 a 150 grupos de 60 pessoas cada. Esses grupos de cristãos-velhos invadiram as ruas de Lisboa, matando todos os cristãos-novos que eles conseguiram identificar (incluindo crianças e grávidas). Os que foram mortos nas ruas não tiveram de enfrentar as fogueiras, mas ainda assim os seus corpos foram arrastados para serem queimados. As fogueiras foram armadas aqui precisamente, no Largo de São Domingos, e também no Terreiro do Paço, e nessas fogueiras judeus, cristãos-novos, marranos e outros considerados hereges foram queimados vivos nas fogueiras.... Existem relatos de cristãos-velhos que se compadecem dos perseguidos e salvaram alguns, no entanto terá sido uma minoria.

As fogueiras não terão terminado no domingo de Páscoa, na segunda-feira seguinte as fogueiras terão sido acesas novamente e a caça aos cristãos-novos terá recomeçado. Houve, porém, uma alteração da tática, pois não existiam cristãos-novos a circular nas ruas de Lisboa. Por essa altura, estavam escondidos, pelo que os grupos de ataque invadiram a Judiaria Grande e a Judiaria de Alfama e assaltaram todas as casas com o

objetivo de limpar o sangue de Lisboa. É importante voltar a referir que nesta altura não existiam judiarias, pois oficialmente todos os judeus que permaneceram em Portugal e não foram mortos no Batismo forçado ter-se-iam convertido ao cristianismo. O massacre só terá acabado ao terceiro dia, quando as autoridades conseguiram controlar os grupos formados para a matança.

“O Rossio abria-se como uma ferida infetada inçada de enxames de pessoas vociferantes. Apinhavam-se em volta de carruagens enfeitadas, giravam pelas grandes arcadas do Hospital de Todos-os-Santos, debruçavam-se em risadas das varandas e dos beirais das janelas. As gaivotas descreviam grandes círculos no céu, soltando gritos agudos. Um maltrapilho dançava, fazendo com que o pus das suas pústulas cheias de crostas lhe escorresse para os pés. «Mordido por uma tarântula!» - gritou-me uma velha de pele curtida - Não pode parar, nem sequer para aquilo!» E riu-se até se engasgar com um furioso acesso de tosse.

Acima das cabeças da multidão, viam-se subir colunas de fumo espesso em frente da igreja dos Dominicanos.”

“Continuando a avançar, incessantemente, como quem cai dos braços de um sonho, atingi finalmente uma clareira. Uma pira. Chamas crepitantes. Cavinhas de fogo laranja e verdes desenrolando-se em direção ao telhado da igreja. No campanário, um frade dominicano com uma grande papada empunhava uma espada com uma cabeça decepada na ponta e exortava a população com uma voz irosa: - Morte aos heréticos! Matai esses judeus do demónio! Que a justiça do Senhor caia sobre eles! Fazei-os pagar pelos crimes contra as crianças cristãs! Fazei-os...

O fogo causava um calor infernal, alimentado pela massa dos corpos dos judeus que lhe tinham sido lançados. Completamente entorpecido, não conseguia desviar os olhos, até que reconheci Necim Farol, o intérprete e prestamista, que parecia espreitar para mim através de uma janela de labaredas. Tinha a cabeça carbonizada e uns olhos brancos de peixe. Perante esta visão insuportável, baixei o olhar, mas junto aos meus pés deparei com a cabeça de Moisés Almal, o cordoeiro, repousando como um busto de João Baptista no meio de uma bandeja líquida vermelho-viva. A toda a volta da pira havia poças de sangue de onde emergiam corpos mutilados.”
(Zimler, 1996, pp. 84-85)

Figura 5.19. O Massacre de 1506



Fonte: Martins (2011)

A figura 5.19. do Massacre de 1506 assume um caráter atemorizador, mas é também por isso uma forma de perpetuar o conhecimento sobre as perseguições religiosas e contribuir para que não se volte a vivenciar este tipo de acontecimentos desumanos.

Capítulo 6 – Apresentação e análise de resultados

No presente capítulo, são apresentados todos os resultados obtidos durante o processo de investigação e, por consequência, a análise dos mesmos. Primeiramente, são analisados e descritos os resultados da entrevista não estruturada a Richard Zimler. Neste subcapítulo, é explicado o propósito da entrevista ao autor de *O último cabalista de Lisboa* e os principais temas abordados durante a mesma.

Num segundo momento, é explicada a necessidade da realização dos passeios-teste do itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*, e como esses passeios foram fundamentais para escolher os pontos de paragem e elaborar a narrativa do itinerário.

De seguida, são apresentados os resultados obtidos das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes no final do segundo passeio teste. Com estas entrevistas esperou-se conseguir identificar vários fatores positivos e negativos relativos ao itinerário de forma a contribuir para propostas de investigações futuras e, averiguar se o *dark literary tourism* é viável em Portugal.

Para finalizar a apresentação e análise dos resultados, é feita uma síntese de todos os resultados obtidos ao longo do trabalho e de que modo esses resultados respondem ao objetivo geral e aos objetivos específicos impostos no início do estudo.

6.1. Entrevista não estruturada ao escritor Richard Zimler

Foi possível realizar uma entrevista via Zoom ao autor de *O último cabalista de Lisboa*, Richard Zimler, realizada no dia 11 de abril de 2021. Foi criado um guião com breves diretrizes, porém chegou-se à conclusão de que a entrevista seria semiestruturada, de forma a dar espaço ao autor para contribuir mais abertamente.

Na entrevista foi apresentado ao autor o esboço do itinerário, tendo sido explanado o que iria ser tratado em cada ponto de paragem e quais os excertos do seu livro selecionados para cada ponto. Como não foi possível entrar em contacto com nenhuma organização da

Comunidade Judaica de Lisboa, a aprovação de Richard Zimler em matérias referentes a questões religiosas foi bastante importante, uma vez que o autor é judeu e tem um grande conhecimento sobre a cultura judaica.

O propósito desta revisão foi, antes de mais, garantir que todos os conteúdos abordados no itinerário primeiramente estão historicamente corretos, de forma a proporcionar aos participantes um passeio o mais verídico possível. O outro motivo principal foi assegurar que nenhum dos temas tratados sobre os judeus do século XVI será considerado ofensivo para a comunidade judaica de Portugal da atualidade.

Sintetizando, o escritor mostrou-se colaborativo e bastante satisfeito durante a entrevista, e deixou alguns pontos a ter em consideração durante a elaboração da narrativa do itinerário:

- Confirmou que, todos os pontos de paragem escolhidos, fazem sentido em termos da história dos judeus portugueses e, na obra *O último cabalista de Lisboa*. Ainda especificou, o lugar onde a casa de Berequias Zarco estaria localizada, em Alfama;
- Mencionou os poucos locais, nos quais ainda existe algum tipo de vestígios da comunidade judaica, mais concretamente na Rua da Judiaria, perto do Arco do Rosário;
- Identificou vários excertos, que achava importante incluir durante a narrativa do itinerário, de forma a transportar o participante para a Lisboa do século XVI, e como seria a vida quotidiana de uma família judaica nos 1500s;
- Garantiu que não existe qualquer desrespeito, na forma como o itinerário está a ser abordado.

6.2. Passeios teste e entrevista semiestruturada aos participantes

Após a selecionar os pontos de paragem, os excertos do romance, e entrevistar o autor Richard Zimler, foi efetuada uma primeira visita a Lisboa, no dia 14 de abril de 2021, com o objetivo de realizar o itinerário e verificar a exequibilidade do mesmo. Foi bastante importante a realização do primeiro teste, pois foi possível identificar alguns erros e partes menos bem conseguidas no mesmo. Em consequência:

- A ordem dos pontos de paragem foi alterada para facilitar o percurso, tornando a experiência mais agradável e acessível a um maior número de pessoas;
- Alguns pontos de paragem foram eliminados do itinerário por se entender que não eram relevantes no contexto da temática do projeto;
- Foram selecionados os excertos a ler nos pontos de paragem.

Mais tarde, de forma a finalizar o itinerário foi realizado um segundo passeio teste, porém, desta vez, foi realizado com a narrativa completa, com participantes e com a brochura (anexo B). Finalizado o itinerário, foi aplicada uma entrevista semiestruturada aos participantes de forma a receber o *feedback* dos mesmos. O guião da entrevista está representado na tabela 6.1.:

Tabela 6.1. Entrevista semiestruturada aos visitantes

<i>O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco</i>	
Entrevista semiestruturada aos visitantes	
Guião	
1-	Após a realização do itinerário, qual é a sua opinião geral do percurso?
2-	Qual foi o ponto de paragem/tema tratado mais interessante?
3-	Qual foi o ponto de paragem/tema tratado menos interessante?
4-	Relativamente à história dos judeus em Portugal, existe algum tema que deveria ser retirado ou acrescentado?
5-	Alguma vez leu a obra <i>O último cabalista de Lisboa</i> ?
6-	Se não, ficou com interesse em ler a mesma após o itinerário?
7-	Em termos de duração, o itinerário deveria ser de menor dimensão?
8-	Foi fisicamente difícil a realização do itinerário?
9-	Alguma vez participou num itinerário de <i>dark tourism</i> ? Voltaria a realizar após este itinerário?
10-	Alguma vez participou num itinerário de turismo literário? Voltaria a realizar após este itinerário?

Fonte: Elaboração própria

6.2.1. Análise dos resultados da entrevista semiestruturada

Num primeiro momento foi pedida uma opinião geral do percurso, de forma a inferir se o mesmo foi bem aceito por todos os participantes. De um modo geral, houve um feedback positivo por parte de todos, mencionando que o itinerário é relevante em contexto histórico e literário e, os seus vários pontos de paragem passam por locais importantes da cidade, explorando ao mesmo tempo acontecimentos desconhecidos da história portuguesa. Um outro participante afirma que não é um percurso difícil de se compreender, nem é demasiado extenso, porém, é necessário estar atento para compreender a história dos judeus em termos cronológicos. No entanto, é igualmente mencionada alguma falta de conexão entre os acontecimentos analisados no itinerário com os pontos de paragem, devido a grande parte dos locais não fazerem uma única referência aos eventos trágicos mencionados no percurso e na obra.

De seguida foi inquirido o ponto ou os pontos de paragem mais interessantes e relevantes do itinerário, as respostas foram unânimes entre o Rossio, onde era realizado o Tribunal do Santo Ofício e os autos-de-fé, e o Largo de São Domingos, onde decorreu o Batismo forçado e o Massacre de 1506. De acordo com os comentários dos intervenientes, notou-se um maior interesse no turismo sombrio, acabando por ser mencionado que os últimos pontos de paragem são os mais estimulantes, devido aos eventos mais sombrios que lá aconteceram. Um dos participantes explica, que acabou por compreender tudo o que os judeus terão passado nos últimos pontos, assinalando o desconhecimento da influência que a religião católica e o reino de Espanha terão tido na vida dos judeus sefarditas no século XVI. Dentro da mesma linha de pensamento, alguns dos participantes acrescentam que não teriam noção, dos acontecimentos trágicos passados no centro de Lisboa, acabando até por referir, não saberem a localização do Palácio da Inquisição. Fora o Rossio e o Largo de São Domingos, um dos participantes também mencionou que gostou bastante do assunto explorado no ponto de paragem do Museu do Aljube, mostrando desconhecimento sobre o edifício ter sido uma prisão eclesiástica na época e em tempos mais recentes a prisão política.

Seguidamente, interrogou-se aos participantes, qual teria sido o ponto do itinerário que não seria tão importante e, que poderia ser retirado do mesmo. Nesta temática, verificou-se alguma divisão de opiniões, sendo que três participantes asseguraram que nenhum dos

pontos de paragem é menos importante, e os outros dois enunciaram pontos do percurso que não lhes impôs tanto interesse. No entanto, em geral, os participantes referiram que todos os pontos acabam por ter alguma importância, de modo a manter um enquadramento histórico complexo e explícito, completando-se uns com os outros. No caso das falhas apontadas, uma delas terá sido o primeiro ponto, na Rua de São Pedro, onde foram contextualizados relativamente aos judeus na idade média e a história de Berequias Zarco, pois o participante acabou por considerar menos empolgante a parte mais quotidiana dos judeus e que, acabaria estar mais diretamente ligada com a obra literária. Outro dos pontos mencionados como menos importantes, foi o Elevador de Santa Justa, onde estaria localizado um cemitério judaico, pois as alterações do local ao longo dos anos, fez com que pouco ou nada se note do património judaico.

Para completar as perguntas anteriores, pediu-se aos participantes para mencionar algum acontecimento da história dos judeus em Portugal, que seria necessário ou importante incluir ou retirar do itinerário. As respostas foram muito semelhantes, mencionando que o itinerário tem uma boa quantidade de informação histórica, considerando que foram destacados todos os temas mais relevantes. Porém, admitem que não tem um grande conhecimento da história dos judeus em Portugal, de modo a construir uma opinião cem por cento factual. No entanto, um dos participantes refere que seria interessante acrescentar ao itinerário, uma visita a uma sinagoga local e, focar um dos pontos de paragem na religião judaica, conseguindo obter um maior contexto religioso.

Relativamente à parte de turismo literário, não foi possível organizar um grupo de participantes onde estariam indivíduos que teriam lido *O último cabalista de Lisboa* (1996), porém perguntou-se se os mesmo teriam intenção de ler a obra literário após a realização do itinerário. Dos quatro participantes, três mostraram interesse em ler o livro no futuro e um deles expõe que não estaria interessado, confessando não ter muitos hábitos de leitura sendo raro ler um livro na atualidade. Os restantes participantes, concluíram que o passeio propulsionou a vontade de ler a obra literário em estudo, sendo que um deles admite ser pouco dedicado a livros e que o itinerário em questão terá despertado o interesse pelo livro. Um outro participante menciona que o enquadramento histórico apresentado durante o itinerário facilitará a leitura da obra, e noutra perspetiva um dos participantes refere ter ganho interesse pela leitura de Richard Zimler.

Com o objetivo de analisar a dimensão do itinerário, perguntou-se aos participantes se a duração do mesmo deveria ser menor. No caso desta questão, tivemos resultados unânimes, sendo que todos os participantes afirmaram que a duração do itinerário é adequada, referindo que duas horas é o tempo ideal para este tipo de itinerário. Porém um dos participantes voltou a frisar que faria mais sentido reduzir o conteúdo dos primeiros pontos de paragem, e aumentar a duração nos últimos pontos mais conectados com o tema principal do itinerário.

Num momento seguinte, questionou-se aos participantes se alguma vez realizaram algum tipo de *dark tourism*, e se após este itinerário voltariam a praticar este nicho de turismo. Apenas um dos participantes mencionaram que já teria realizado alguma forma de *dark tourism* no passado, porém após ter sido explicado o conceito deste tipo de turismo um outro participante percebeu que já teria realizado *dark tourism* em vários países. O mesmo menciona, no entanto, que a ida a um determinado destino turístico nunca foi escolhida com base em algum local ou itinerário conectado com acontecimentos trágicos. Todos os participantes afirmam que voltariam a realizar um itinerário de *dark tourism*.

Perguntou-se de seguida, uma pergunta semelhante, neste caso de forma a inquirir se os participantes alguma vez teriam realizado algum itinerário de turismo literário, e se voltariam a realizar um percurso de turismo literário. Maior parte dos participantes afirmaram que nunca teriam participado num itinerário literário, porém, um deles referiu as visitas de estudo a Lisboa devido aos conteúdos lecionados de Fernando Pessoa, Luís de Camões e Gil Vicente, acabando por todos os participantes concluírem que já teriam realizado alguma atividade turística dentro do conceito de turismo literário. Todos os participantes afirmam que voltariam a realizar um itinerário literário, porém, só o realizaram se alguma obra os motivasse.

Por último, também foi relevante questionar os participantes, o quão difícil fisicamente terá sido a realização do itinerário. Todos os participantes responderam em conformidade, assegurando que não consideraram o percurso fisicamente difícil. Um dos participantes refere que o itinerário claramente requer um pouco de esforço físico, pois Lisboa tem muitas subidas e descidas, contudo o percurso em si, engloba alguns dos pontos mais conhecidos em Lisboa, sendo assim uma mais-valia. Um outro participante refere também

que o percurso foi planeado de forma que a maioria do mesmo seja sempre a descer a baixa de Lisboa, logo, não existe a necessária uma grande capacidade física.

Conclui-se que *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco* teve uma receção satisfatória por parte dos participantes. Identifica-se que os pontos de paragem do itinerário que despertaram maior interesse, foram o Rossio e o Largo de São Domingos, verificando-se uma maior conexão com o *dark tourism* por parte dos participantes. Por outro lado, verifica-se uma menor conexão por parte dos participantes nos primeiros pontos, mais concretamente a Rua de São Pedro, na qual existe um maior conteúdo de turismo literário. Porém, é importante referir que, os participantes nunca teriam lido a obra *O último cabalista de Lisboa*, sendo que, alguns dos participantes admitiram não terem grandes hábitos de leitura. Relativamente à duração e dificuldade do itinerário, os participantes responderam unanimemente, concluindo que o passeio tem uma dimensão de acordo com itinerários semelhantes, e afirmam que o mesmo não é difícil fisicamente. Todavia, é necessário referir que todos os que participaram no itinerário apresentam idades, entre os 23 e os 27 anos, sem quaisquer problemas físicos. Foi possível apurar que os conceitos de *dark tourism* e de turismo literário não estão claros para os participantes, sendo que a maior parte deles já teria realizado atividades turísticas de turismo literário e não teriam feito essa mesma correlação. As respostas completas das entrevistas encontram-se no anexo D.

6.3. Síntese da apresentação e análise dos resultados

Na tabela 6.2., encontra-se uma síntese de todos os resultados adquiridos ao longo do processo de investigação (anexo A), como estes resultados conseguiu-se responder ao objetivo geral, e aos objetivos específicos propostos no início do estudo. Verifica-se que os primeiros quatro objetivos específicos, foram respondidos no capítulo dois, a revisão de literatura, na qual estão analisados os conceitos de turismo cultural, turismo literário e *dark tourism* e, por sua vez, a definição de *dark literary tourism*. O quinto e o sexto objetivo específico, encontram-se examinados no capítulo quatro, no qual é apresentado o plano de negócios do projeto e, num subcapítulo, a análise da viabilidade económica. O capítulo cinco, dá resposta ao objetivo número sete, a construção de um itinerário de *dark literary tourism*. Por último, no apêndice B, está a resposta ao oitavo objetivo, a

construção de uma brochura do itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*.

Tabela 6.2. Síntese dos resultados

<p>Construção de um itinerário de <i>dark literary tourism</i> e avaliar numa perspetiva económico-financeira, a viabilidade da criação de itinerários de <i>dark literary tourism</i> na cidade de Lisboa</p>	<p>Compreender as principais dimensões do turismo cultural e do conceito de <i>storytelling</i></p>	<p><u>Capítulo 2 – Revisão da Literatura</u> O objetivo foi alcançado. Foi apresentado as diferentes dimensões defendidas por vários autores, incluindo igualmente, os atributos do turismo cultural e os tipos de turistas culturais existentes. O conceito de <i>storytelling</i> foi abordado, como ferramenta de criação de narrativas para itinerários culturais.</p>
	<p>Compreender as principais características dos nichos do turismo cultural: o turismo literário e o <i>dark tourism</i></p>	<p><u>Capítulo 2 – Revisão da Literatura</u> O objetivo foi alcançado. Compreendeu-se as definições propostas pelos especialistas, as motivações para a prática dos nichos de turismo, as características principais dos turistas literários e dos <i>dark tourists</i> e, foram identificados os vários destinos e lugares considerados notáveis.</p>
	<p>Perceber a conexão entre o <i>dark tourism</i> e o turismo literário</p>	<p><u>Capítulo 2 – Revisão da Literatura</u> O objetivo foi alcançado É possível verificar, que existe uma conexão entre os conceitos de <i>dark tourism</i> e turismo literário. Percebeu-se que existem vestígios da sua prática, desde a <i>Grand Tour</i>, na qual os jovens burgueses visitavam as sepulturas de escritores célebres.</p>
	<p>Entender o conceito de <i>dark literary tourism</i></p>	<p><u>Capítulo 2 – Revisão da Literatura</u> O objetivo foi alcançado. Entendeu-se que o conceito de <i>dark literary tourism</i>, continua a ser algo pouco estudado pela comunidade científica. No entanto, atualmente, existem vários itinerários de <i>dark literary tourism</i>, um deles é O diário de Anne Frank e a casa museu de Anne Frank. Porém, confirma-se, que é um produto que pouco se encontra em Portugal.</p>
	<p>Construir o plano de negócios do projeto</p>	<p><u>Capítulo 4 – Plano de negócios</u> O objetivo foi alcançado.</p>

		Foi construído um plano de negócios, no qual estará inserido a apresentação da empresa/projeto, a análise do produto, a análise do mercado, a estratégia de marketing aplicada, a organização e gestão da futura empresa e por último o estudo económico e financeiro.
	Proceder à análise da viabilidade do projeto	<u>Capítulo 4 – Plano de negócios</u> O objetivo foi alcançado. Dentro do estudo económico e financeiro, procedeu-se à análise da viabilidade do projeto: VAL: 28.623€; TIR: 35%; <i>Payback</i> : 2 anos e 3 meses; Os valores confirmam a viabilidade do projeto.
	Construção de um <i>dark literary itinerary</i>	<u>Capítulo 5 – O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco</u> O objetivo foi alcançado. Construiu-se um <i>dark literary itinerary</i> , baseado na história verídica do Massacre de Lisboa de 1506, utilizando como apoio à narrativa, a obra literária <i>O último cabalista de Lisboa</i> .
	Elaborar uma brochura como ferramenta de apoio ao participante	<u>Apêndice B</u> O objetivo foi alcançado. Elaborou-se uma brochura, como forma de apoio aos participantes do itinerário. A brochura inclui todos os excertos mencionados ao longo do itinerário. No caso de uma futura implementação do projeto, é proposto a criação de um site interativo, como alternativa a brochura.

Fonte: Elaboração própria

Em suma, pode-se afirmar que todos os objetivos específicos estruturados no início do estudo foram respondidos em conformidade. Relativamente ao objetivo geral do projeto (Construção de um itinerário de *dark literary tourism* e avaliar numa perspetiva económico-financeira, a viabilidade da criação de itinerários de *dark literary tourism* na cidade de Lisboa), verifica-se a criação do itinerário *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*, enquadrando-se esse, no conceito de *dark literary tourism*, e confirma-se igualmente a viabilidade de um *dark literary itinerary* na cidade de Lisboa. Desde modo, o objetivo geral do projeto foi alcançado.

Capítulo 7 – Conclusão

No início deste estudo, foi definido como objetivo central do projeto a elaboração de um itinerário de *dark literary tourism*, com o intuito de avaliar o potencial económico-financeiro e a viabilidade de criar itinerários dedicados ao *dark literary tourism* na cidade de Lisboa. Neste capítulo, é apresentada uma síntese dos resultados e a conclusão, seguindo-se as várias limitações e constrangimentos enfrentados durante a sua elaboração, finalizando com futuras propostas de investigação.

Na revisão de literatura, partiu-se definindo o conceito de turismo cultural, tendo-se concluído que a prática desse tipo de turismo, ainda que em moldes diferentes do que atualmente definimos como turismo, data o século XVII, início da *Grand Tour*, viagem dos jovens burgueses que exploravam toda a Europa com objetivos educacionais. Esses, os chamados *grand tourists*, não só conheciam novas sociedades e culturais, mas também visitaram casas e sepulturas de vários autores canónicos, entre os quais escritores, deste modo evidenciando vestígios da prática de turismo literário já nessa altura. Com a visita a essas sepulturas e a outros lugares associados com a tragédia e a morte, consegue-se deduzir que o *dark tourism* já estaria presente nas práticas turísticas desde o início da *Grand Tour*, não sendo, porém, o motivo central da viagem. No final deste capítulo demonstrou-se a correlação entre os vários tipos, sendo o turismo literário e o turismo sombrio nicho do turismo cultural, e o *dark literary tourism* um micro-nicho.

No capítulo quatro, elaborou-se o plano de negócio. Analisou-se o Plano estratégico para o turismo da região de Lisboa 2020/2024, conseguindo-se deste modo caracterizar a cidade como produto e destino turístico. Ao examinar o plano, pode-se verificar que nos anos em estudo houve um aumento substancial da indústria turística, com o aumento do número de hóspedes, das dormidas e com a diminuição da sazonalidade da cidade de Lisboa. Porém, identifica-se um decréscimo significativo de 39,2% nos eventos culturais na região de Lisboa e são identificados vários problemas por parte dos residentes e turistas, salientando-se a falta da preservação dos bairros históricos, o aumento das rendas dos bairros e o *overtourism* que irá contribuir para a turismofobia. De acordo com a caracterização feita de Lisboa enquanto produto e destino turístico, tornou-se óbvio que seria importante criar um produto único e memorável que se destaque e se diferencie dos

atuais produtos turísticos culturais comercializados em Lisboa. Ficou também implícito que seria necessário criar um projeto que visasse o bem-estar dos residentes contribuindo deste modo para uma atividade turística sustentável. Propôs-se a realização dos itinerários com grupos reduzidos (entre 10 e 12 pessoas), de forma a não existir um grande aglomerado de turistas para não prejudicar os residentes. Os pontos de paragem não se focam apenas em locais classificados como interesse turísticos, não contribuindo para atividade excessiva do turismo nessas zonas e criar-se também uma parceria com a comunidade residente visando assim a atenuar a turismofobia.

Ainda dentro do plano de negócios, realizou-se a avaliação da rentabilidade financeira do projeto, de acordo com os seguintes indicadores: valor atual líquido (VAL); Taxa interna de rendibilidade (TIR); Período de recuperação do investimento (*payback*). Com esta análise, concluiu-se que o projeto é rentável e viável, sendo que o VAL apresenta um valor positivo de 28.623€; a TIR apresenta um valor de 35% e o *payback* é de 2 anos e 3 meses.

Deste modo, aceita-se todas as hipóteses definidas no início do estudo. O VAL apresenta um valor positivo, logo a hipótese “O projeto poderá alcançar um valor Atual Líquido (VAL) positivo?” não é rejeitada. Também não é rejeitada a hipótese “A Taxa Interna de Rendibilidade (TIR) poderá ser superior à remuneração pretendida pelos investidores?”, pois o valor da mesma é superior ao WACC. Por último, a hipótese “O *payback* poderá ser inferior a 3 anos, permitindo uma rápida recuperação do investimento?” também não é rejeitada devido ao período de recuperação do investimento ser menor que 3 anos.

Em suma, comprova-se a viabilidade do projeto e da futura empresa, conseguindo recuperar o valor do investimento inicial durante os cinco anos de exploração em estudo, com um risco baixo a moderado.

Relativamente ao capítulo seis, foram apresentados os resultados obtidos de acordo com a análise das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes do segundo passeio teste. Com a realização das entrevistas, percebeu-se que existiu uma receção bastante satisfatória por parte dos participantes, comprovando que existe um público-alvo para *dark literary itineraries*. Em termos mais específicos, foi possível observar uma maior adesão pelos pontos de paragem associados aos acontecimentos trágicos, mais

concretamente o Massacre de 1506, o Batismo forçado, a Inquisição, o Tribunal do Santo Ofício e os autos-de-fé. Concluindo-se assim existir um maior interesse pelo *dark tourism* do que pelo turismo literário. Porém, é importante referir que nenhum dos participantes tinham conhecimentos base sobre a obra *O último cabalista de Lisboa* de Richard Zimler (1996).

Em síntese, considera-se que todos os objetivos definidos e propostos no início do projeto foram alcançados com sucesso. A revisão de literatura auxiliou na compreensão dos conceitos cujo domínio era fundamental para alcançar os objetivos específicos. Com a realização do plano de negócio e as entrevistas semiestruturadas comprova-se o objetivo central do projeto, sendo viável a criação de *dark literary itineraries* na região de Lisboa. Concluiu-se que, a conceção de uma empresa de itinerários focados na vertente do *dark literary tourism*, seria uma mais-valia para a cidade de Lisboa, e que seria um contributo para a diversificação dos seus produtos turísticos culturais.

O presente projeto foi realizado em plena pandemia, o que colocou um conjunto de limitações e constrangimentos à criação do mesmo. Inicialmente estava previsto a realização de vários passeios teste e visitas à cidade de Lisboa para preparar a construção do itinerário e definir os seus pontos de paragem, porém, devido às restrições e confinamentos gerais impostas pelo governo português, foi possível executar apenas dois passeios teste, um deles em abril de 2021 e outro em outubro de 2021.

Uma outra limitação foi o impacto da situação pandémica a nível do setor turístico e a drástica quebra dos resultados que o Turismo de Portugal apresentava no final de 2019. Devido a todas as regras impostas mundialmente, o número de dormidas, taxa de crescimento e as receitas turísticas tiveram uma queda nunca antes vista na indústria turística.

Uma vez que a pandemia ainda se mantém ativa, e as entidades oficiais do setor reconhecem uma demora de alguns anos para se regressar aos valores apresentados no ano de 2019, tomou-se a decisão de utilizar os indicadores turísticos de 2019 para realizar a caracterização de Lisboa como destino e produto turísticos, bem como na previsão de vendas no plano financeiro e económico.

Com a realização deste projeto, alcançou-se um maior destaque ao micro nicho do turismo cultural, o *dark literary tourism*. Constatou-se que a investigação referente ao tema *dark literary tourism* é bastante reduzida, quer na dimensão teórica quer na dimensão prática. Neste sentido, considera-se que o presente estudo constituiu um passo importante para demonstrar o potencial do *dark literary tourism* em Portugal, mais concretamente em Lisboa, e a necessidade de apostar neste novo conceito como novo produto turístico cultural e meio para diferenciar a oferta turística, aumentando o público-alvo do destino turístico Lisboa.

Em termos de investigações futuras, primeiramente propõe-se a realização de novos passeios teste com vários grupos de participantes com características mais diferenciadas de forma a ter uma amostra mais robusta. Seguindo o conceito de *dark literary tourism*, seria fulcral investigar novos acontecimentos interligados com o horror e a morte e obras literárias, contribuindo novos *dark literary itineraries* para a cidade. Após a elaboração desses novos percursos, faria sentido reformular o plano económico e financeiro com os novos serviços, analisando novamente a viabilidade de uma futura empresa assente no conceito de *dark literary tourism*.

Referências Bibliográficas

- Andersen, H. C., & Robinson, M. (2002). *Literature and tourism: Reading and writing tourism texts*. Continuum.
- Ashworth, C. J., & Dietvorst, A. G. J. (1995). *Tourism and Spatial Transformations*. CAB International.
- Ashworth, G. J. (2008). The memorialization of violence and tragedy: human trauma as heritage. In P. H. B. Graham (Ed.), *The Ashgate research companion to heritage and identity* (pp. 231–244). Ashgate Publishing.
<https://research.rug.nl/en/publications/the-memorialization-of-violence-and-tragedy-human-trauma-as-herit>
- Bassano, C., Barile, S., Piciocchi, P., Spohrer, J. C., Iandolo, F., & Fisk, R. (2019). Storytelling about places: Tourism marketing in the digital age. *Cities*, 87(June 2018), 10–20. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2018.12.025>
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1966). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Anchor.
- Best, M. (2007). Norfolk Island: Thanatourism, History and Visitor Emotions. *The International Journal of Research into Island Cultures*, 1(2), 30–48.
- Busby, G., & Devereux, H. (2015). Dark tourism in context: The Diary of Anne Frank. *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, 27–38.
https://www.academia.edu/11921292/Dark_tourism_in_context_The_Diary_of_Anne_Frank
- Busby, G., & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. *Journal of Vacation Marketing*, 7(4), 316–332.
<https://doi.org/10.1177/135676670100700403>
- Butler, R. (1986). Literature as an influence in shaping the image of tourist destinations: A review and case study. *Canadian Studies of Parks, Recreation and Foreign Lands*, 111–132.
- Campo Arqueológico de Mértola. (n.d.). *Epitáfio com candelabro*. Campo Arqueológico de Mértola. <https://www.camertola.pt/en/node/935>
- CIIC - ICOMOS. (2008). *The ICOMOS Charter On Cultural Routes*.
<https://ciicomos.org/en/the-icomos-charter-on-cultural-routes/>
- Cipriano, R. (2021). *Museu Judaico de Lisboa vai focar-se na história “luminosa” e de*

- “convivência” do judaísmo português. Observador. <https://observador.pt/2021/03/31/museu-judaico-de-lisboa-vai-focar-se-na-historia-luminosa-e-de-convivencia-do-judaismo-portugues/>
- Comunidade Cultura e Arte. (2022). *Teatro Nacional D. Maria II abre candidaturas para novo programa de residências com foco na investigação*. Por Comunidade Cultura e Arte. <https://comunidadeculturaearte.com/teatro-nacional-d-maria-ii-abre-candidaturas-para-novo-programa-de-residencias-com-foco-na-investigacao/>
- Creswell, J. (1994). *Research Design. Qualitative & Quantitative Approaches*. SAGE Publications.
- Csapo, J., & Berki, M. (2014). Existing and future tourism potential and the geographical basis of thematic routes in south Transdanubia , Hungary. *International Conference of Territorial Intelligence*. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00516130>
- Dandridge, T. C., Mitroff, I., & Joyce, W. F. (1980). Organizational Symbolism: A Topic To Expand Organizational Analysis. *Academy of Management Review*, 5(1), 77–82. <https://doi.org/10.5465/amr.1980.4288894>
- De Carvalho, S. L. (2021). *Lisboa Judaica* (1ª edição:). Edições Parsifal.
- Dencker, A. de F. (1998). *Métodos e Técnicas da Pesquisa em Turismo*. Futura.
- Dicionário de símbolos. (n.d.). *Significado da Estrela de Davi*. Dicionário de Símbolos. <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-davi/>
- Dornelas, J. (2007). *Plano de negócios: o segredo do sucesso do empreendedor. Mito ou realidade? Entendendo a finalidade e a eficácia do plano de negócios*. http://www.igf.com.br/aprende/dicas/dicasResp.aspx?dica_Id=2832
- Foley, M., & Lennon, J. J. (1996). JFK and dark tourism: A fascination with assassination. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 198–211. <https://doi.org/10.1080/13527259608722175>
- Gerschenfeld, A., & Revez, I. (2012). *Descoberto perto de Silves o vestígio judaico mais antigo da Península Ibérica*. Público. <https://www.publico.pt/2012/05/30/culturaipilon/noticia/descoberto-perto-de-silves-o-vestigio-judaico-mais-antigo-da-peninsula-iberica-1548183>
- Go Lisbon. (n.d.). *Figueira Square*. Go Lisbon. <https://www.golisbon.com/sight-seeing/figueira-square.html>
- Gonçalves, A. R. (2003). *A componente cultural do turismo urbano como oferta complementar ao produto “sol e praia” : o caso de Faro e Silves* (Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica (ed.)). Instituto de Financiamento e Apoio ao

Turismo.

- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism and the heritage experience. *The Heritage Tourist Experience: Critical Essays, Volume Two*, 28(2), 101–122. <https://doi.org/10.4324/9781315239248-14>
- Hoppen, A., Brown, L., & Fyall, A. (2014). Literary tourism: Opportunities and challenges for the marketing and branding of destinations? *Journal of Destination Marketing and Management*, 3(1), 37–47. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2013.12.009>
- Hughes, H. L. (2002). Culture and tourism: A framework for further analysis. *Managing Leisure*, 7(3), 164–175. <https://doi.org/10.1080/1360671022000013701>
- INE. (2021). *Base de dados*. INE. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contecto=pi&indOcorrCod=0011166&selTab=tab0
- Johnston, T. (2015). The geographies of thanatourism. *Geography*, 100(1), 20–27. <https://doi.org/10.1080/00167487.2015.12093950>
- Klug, L. A. (n.d.). *Jewish Funeral Customs: Saying Goodbye to a Loved One*. Jewish Federation of Greater Metrowest NJ. <https://www.jfedgmw.org/jewish-funeral-customs-saying-goodbye-to-a-loved-one/>
- Krueger, R. (1994). *Focus Group: A Pratical Guide for Applied Research*. SAGE Publications.
- Leandro, V. (2021). *10 curiosidades sobre o Elevador de Santa Justa*. Lisboa Secreta. <https://lisboasecreta.co/10-curiosidades-elevador-santa-justa/>
- Lennon, J. (2017). Dark Tourism. In *Oxford Research Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264079.013.212>
- Levy, M. C. (n.d.). *Burial Shrouds*. Spertus Institute for Jewish Leadership. <https://collection.spertus.edu/item/burial-shrouds>
- Light, D. (2017). Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism. *Tourism Management*, 61, 275–301. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2017.01.011>
- Lisboa - Comparações com outros tempos. (2013). *Rua da Judiaria - Alfama*. Lisboa - Comparações Com Outros Tempos. <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2013/10/rua-da-judiaria-alfama.html>
- Lisboa Convida. (2013). *Igreja de São Domingos*. Lisboa Convida.

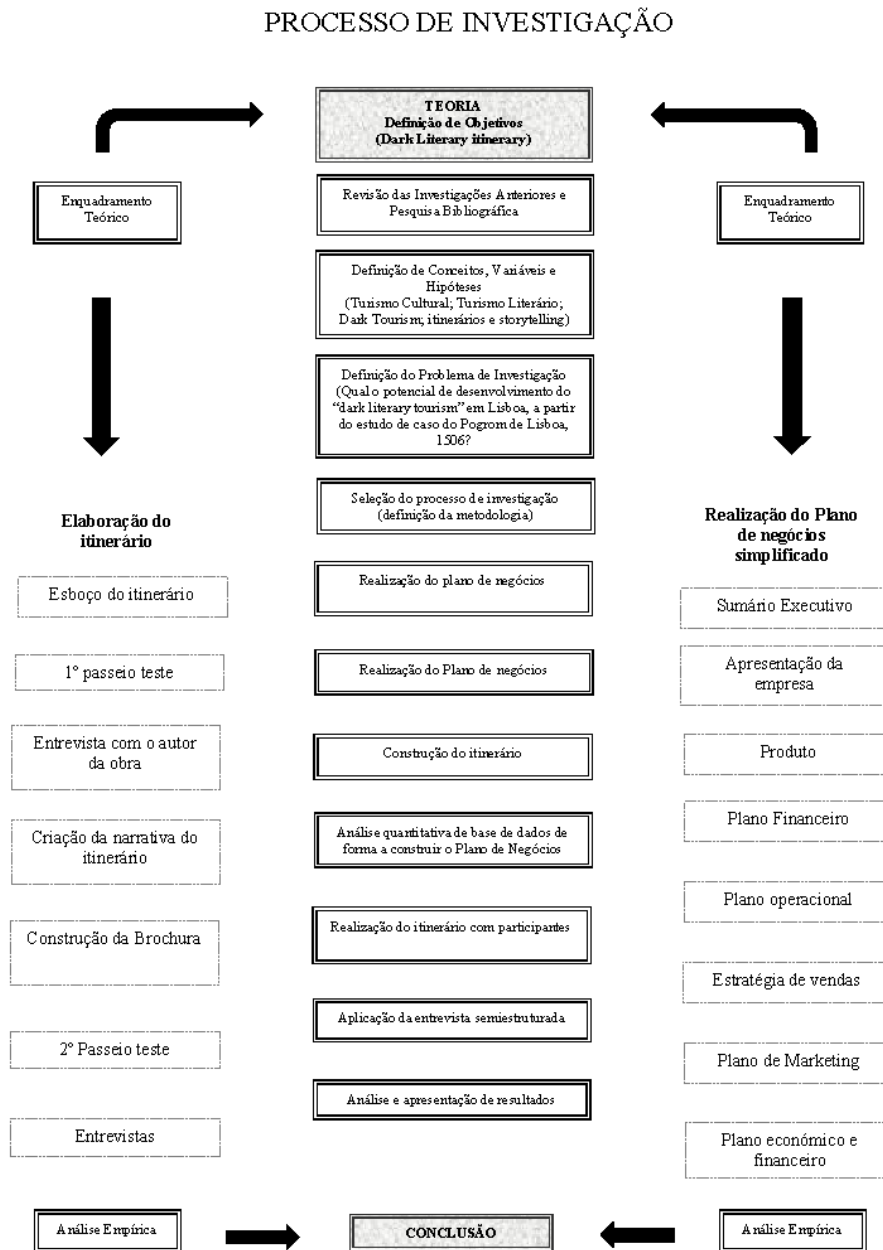
- <http://lisboa.convida.pt/poi/see-do/igreja-de-sao-domingos-3543>
- Majdoub, W. (2010). Analyzing Cultural Routes from a Multidimensional Perspective. *AlmaTourism. Journal of Tourism, Culture and Territorial Development*, 2, 29–37.
- Mansfield, C. (2018). *Researching Literary Tourism Charlie Mansfield* (Issue April 2015).
- Martins, J. (2011). *O massacre judaico de Lisboa em 1506*. História.Docs. <https://histdocs.blogspot.com/2011/09/o-massacre-judaico-de-lisboa-em-1506.html>
- McKercher, B. (2002). Towards a classification of cultural tourists. *International Journal of Tourism Research*, 4(1), 29–38. <https://doi.org/10.1002/jtr.346>
- Meyer, D. (2004). Tourism routes and gateways: Key issues for the development of tourism routes and gateways and their potential for pro-poor tourism. *ODI Discussion Paper*, April, 1–31. <http://www.odi.org.uk/resources/details.asp?id=3100&title=routes-gateways-tourism>
- Minayo, M. C. de S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40(40), 139–153.
- Monumentos Desaparecidos. (2009). *O Hospital Real de Todos os Santos. (Cidade de Lisboa)*. Monumentos Desaparecidos. <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2009/10/o-hospital-real-de-todos-os-santos.html>
- Museu do Aljube Resistência e Liberdade. (2020). *Museu do Aljube Resistência e Liberdade reabertura ao Público*. Museu Do Aljube Resistência e Liberdade. <https://www.museudoaljube.pt/2020/05/15/museu-do-aljube-resistencia-e-liberdade-reabertura-ao-publico/>
- National Trust of Australia (W.A), & (W.A.), M. A. (2007). *Sharing our stories : guidelines for heritage interpretation*.
- NCultura. (2017). *Inquisição... Medo, Tortura e Fogueiras*. NCultura. <https://ncultura.pt/inquisicao-medo-tortura-fogueiras/2/>
- Pérez, X. P. (2009). *Turismo Cultural. Uma visão antropológica* (Asociación Canaria de Antropología. (ed.); 2nd ed.). PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. <https://www.pasosonline.org/>
- Peterson, K. (1994). Qualitative Research Methods for the Travel and Tourism Industry. In J. R. Ritchie & C. Goeldner (Eds.), *Travel, Tourism and Hospitality Research* (2^a edição, pp. 487–492). John Wiley & Sons.

- Pine, J., & Gilmore, J. H. (1998). Welcome To The Experience Economy. *Harvard Business Review*, 76(4), 97–105.
- Pine, J., & Gilmore, J. H. (2013). The experience economy: Past, present and future. *Handbook on the Experience Economy*, October, 21–44. <https://doi.org/10.4337/9781781004227.00007>
- Preece, T., & Price, G. (2006). Motivations of participants in dark tourism: A case study of port arthur, Tasmania, Australia. *Taking Tourism to the Limits*, 191–198. <https://doi.org/10.1016/b978-0-08-044644-8.50021-7>
- Quinteiro, S. (2022). Literary Tourism and Writers' Houses. In D. Buhalis (Ed.), *Encyclopedia of Tourism Management and Marketing*. Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/https://doi.org/10.4337/9781800377486.literary.tourism.writers>
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2019). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais* (Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. & C. de E. C. F. de Letras (eds.); 2nd ed., Vol. 7, Issue 9). publicacoes.cec@letras.ulisboa.pt
- Richards, G. (1996). Cultural Tourism in Europe. In ATLAS (Ed.), *CAB International* (2nd ed.). <https://doi.org/10.1007/s10824-008-9069-8>
- Richards, G. (2018). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36(September), 12–21. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>
- Richards, G., & Wilson, J. (2006). Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture? *Tourism Management*, 27(6), 1209–1223. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2005.06.002>
- Robb, E. M. (2009). Violence and recreation: Vacationing in the realm of dark tourism. *Anthropology and Humanism*, 34(1), 51–60. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1409.2009.01023.x>
- Roland Berger Strategy Consultants. (2019). *Plano Estratégico de Turismo para a Região de Lisboa 2020-2024*.
- Ruas de Lisboa com alguma história. (2009). *Praça D. Pedro IV (Rossio)*. Ruas de Lisboa Com Alguma História. <https://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.com/2009/07/praca-d-pedro-iv-rossio-vii.html>
- Seaton, A. V. (1996). Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 234–244. <https://doi.org/10.1080/13527259608722178>
- Silberberg, T. (1995). Cultural tourism and business opportunities for museums and

- heritage sites. *Tourism Management*, 16(5), 361–365. [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(95\)00039-Q](https://doi.org/10.1016/0261-5177(95)00039-Q)
- Squire, S. J. (1996). Literary Tourism and Sustainable Tourism: Promoting “Anne of Green Gables” in Prince Edward Island. *Journal of Sustainable Tourism*, 4(3), 119–134. <https://doi.org/10.1080/09669589608667263>
- Stone, P. R. (2006). A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. *Tourism*, 54(2), 145–160.
- Swap, W., Leonard, D., Shields, M., & Abrams, L. (2001). Using mentoring and storytelling to transfer knowledge in the workplace. *Journal of Management Information Systems*, 18(1), 95–114. <https://doi.org/10.1080/07421222.2001.11045668>
- Tarlow, P. E. (2005). Dark tourism: The appealing ‘dark’ side of tourism and more. In *Niche Tourism* (pp. 47–58). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-7506-6133-1.50012-3>
- Toponímia de Lisboa. (2014). *A rua direita de São Pedro de Alfama*. Toponímia de Lisboa. <https://toponimialisboa.wordpress.com/2014/06/25/sao-pedro-numa-rua-de-alfama/>
- Toponímia de Lisboa. (2015). *O Largo do arcanjo São Rafael*. Toponímia de Lisboa. <https://toponimialisboa.wordpress.com/2015/06/22/o-largo-do-arcanjo-sao-rafael/>
- Toponímia de Lisboa. (2018). *Chafariz d’el rei*. Toponímia de Lisboa. <https://toponimialisboa.wordpress.com/2018/04/05/chafariz-del-rei/>
- Turismo de Portugal. (2021). *Turismo em Portugal*. http://www.turismodeportugal.pt/pt/Turismo_Portugal/visao_geral/Paginas/default.aspx
- UNWTO. (2019). UNWTO Tourism Definitions | Définitions du tourisme de l’OMT | Definiciones de turismo de la OMT. In *UNWTO Tourism Definitions*. World Tourism Organization (UNWTO). <https://doi.org/10.18111/9789284420858>
- Veal, A. J. (1997). *Research Methods for Leisure and Tourism – a Practical Guide* (2^a edição). Pitman Publishing.
- Wilke, C. L. (2009). *História dos Judeus Portugueses* (1^a Edição). Edições 70.
- Zimler, R. (n.d.). *Biografia de Richard*. Richard Zimler. <https://www.zimler.com/pt/biografia>
- Zimler, R. (1996). *O Último Cabalista de Lisboa* (1^a edição). Porto Editora.

Apêndices

Apêndice A – Processo de Investigação



Apêndice B – Brochura do itinerário

Alfama e Baixa de Lisboa



O POGROM DE 1506: UM ITINERÁRIO PELA LIXO DE BEREQUIAS ZARCO

Dark Lisbon

Um itinerário de dark literary tourism



Bem-vindos ao passeio *O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco*.

O meu nome é Berequias Zarco e, nas próximas 2 horas, vou guiá-
vos num passeio pela minha Lisboa, ao longo do qual vos mostrarei
como era ser judeu na Lisboa no século XV e como vivi *O Pogrom*
de 1506, também conhecido como *A Matança dos Judeus*

Informações

- Percurso: Pedestre
- Duração do passeio: 2 horas
- Distância média: 2,5km

Pontos de paragem

- 1- Rua de São Pedro
- 2- Rua da Judaria e o Arco do Rosário
- 3- Largo do Chafariz de El-Rei
- 4- Museu do Aljube
- 5- Elevador de Santa Justa
- 6- Praça da Figueira
- 7- Rossio
- 8- Largo de São Domingos



“[...] uma construção baixa de estuque branco, com um rodapé azul escuro a toda a volta. A afinidade entre as cores fez-me erguer o olhar para a gaze turquesa do céu da manhã e depois para a espinha do telhado, um horizonte de telhas fulvas mosqueadas, interrompido a meio pela chaminé, um cone branco escurecido pela fuligem com aberturas de ventilação. No pino destacava-se a silhueta de um trovador de chapa apontando o oriente, para Jerusalém. Um fino véu de fumo da nossa lareira pairava em torno dele e desenrolava-se na brisa meridional em direção ao rio.”

“Poderá uma casa ter um corpo, uma alma? A nossa parecia derribada e fatigada por séculos de chuva e de sol, mas protegendo tenazmente os que nela habitavam. No nosso trabalho de iluministas, tanto eu como meu tio Abraão tínhamos frequentemente utilizado a nossa casa como modelo para desenhar as casas bíblicas. Para as paredes usávamos um alvaiade leitoso e para dar uma ideia dos tetos baixos e abatidos de avelaneira que rangiam de modo inquietante durante as chuvadas de Av e Tishri usávamos o rico castanho feito de vinagre, limalha de prata e enxofre.

As rachas nos alicerces tinham causado uma inclinação do soalho para o lado do quarto de minha mãe, tão reduzido que pouco mais era que um corredor estreito, mas com a vantagem de possuir uma entrada para a Rua da Sinagoga, para as suas freguesas da costura. Virado a nascente, ficava o quarto de meus tios, acolhedor e cheio de luz. Entre os dois quartos, havia a cozinha, onde a nossa vida decorria à volta da enorme mesa de carvalho, e o quarto que eu partilhava com Judas e a minha irmãzita Cinfa. A nossa loja de fruta, que a julgar pela alvenaria tinha sido acrescentada dois séculos atrás, irrompia daqui e projetava-se sobre a Rua da Sinagoga.”

“Ao passarmos na Porta do Chafariz dos Cavalos, ocorreu-me ao espírito o arripio metálico que os portões da judiaria Pequena provocavam quando encerravam os judeus durante a noite. Um brado vindo de cima fez-nos voltar. Do cimo dos degraus da Sinagoga, o nosso antigo rabino, Fernando Losa, fazia-nos sinal para esperarmos. Depois da sua conversão, tinha-se tornado num mercador de alfaias do culto cristão, sendo mesmo o fornecedor do bispo de Lisboa, maldito seja.”





3

Largo do Chafariz de El-Rei

A Perseguição de Diego

Foi neste terceiro ponto de paragem, ataque dos cristãos-velhos a Diego

“O impressor Diego foi o primeiro a contribuir para o rio de sangue que durante os dias que se seguiram haveria de nos conduzir à paisagem de um deserto apenas rodeado de mágoa. Mas por enquanto essa geografia de morte era ainda um segredo para nós. Pela sua frente corriam torrentes de suor e as faces estavam sujas das marcas da eterna poeira da cidade. O sangue do corte no queixo fluía pelo pescoço. Por entre ataques de tosse, procurava recuperar o fôlego.

— Andava a passear por aqui... só um passeio — disse ele em português. Parei perto do rio, no Chafariz d’El-Rei a lavar as mãos.

Tia Ester desapertou-lhe a gola do gibão enodoado e limpou-lhe o peito com um farrapo que rasgou da sua blusa. Reparei no traço escuro de uma cicatriz antiga que tinha no peito, por baixo da clavícula, que parecia ter sido escavada por algum bicho. Em torno a nós, começaram a juntar-se vizinhos, a bisbilhotar entre si.

— Dois rapazes... — continuou Diego — Começaram aos berros que eu estava a envenenar o poço com essência de peste. Desataram a correr atrás de mim. Caí. Atiraram-me pedras. «Apanhem o rabino de rabicho! Apanhem o rabino... Quem me salvou foi um homem moreno com um gorro azul. Era alto, forte... No seu desespero, as últimas palavras procuravam o socorro do hebraico. «Fala português» — murmurei-lhe, enquanto o deitávamos no empedrado da rua.”

“No dia seguinte, ao cantar do galo, um recado misteriosamente atirado para o nosso pátio respondia à pergunta de minha mãe. Em código novo-cristão rezava: «Dezasseis andorinhas não regressaram ao ninho na noite passada e foram apanhadas pelo Faraó. O teu passarinho, Reza, contava-se entre elas.»

Como viemos a saber, minha prima Reza e todos os outros convivas da sua seder secreta tinham sido presos na noite anterior e levados para a cadeia da cidade. Alguém os terá denunciado. E meu tio? Será que o presenciou através de alguma janela mística ou terá simplesmente pressentido que alguma coisa de terrível se passava?

Vendo-me ler o recado essa manhã, minha mãe anunciou-me:

— Os tios foram à procura dos nobres cristãos-novos que servem na corte. Estão esperanças que algum deles possa dar uma ajuda.

Estávamos no Shabat, o dia antes da segunda noite sagrada da Páscoa, e como naquele tempo era profundamente devoto, resolvi contribuir para a rápida libertação de Reza entoando cânticos ao longo de toda a manhã e toda a tarde. Mas de nada valeu; pouco antes do crepúsculo, meus tios regressaram a casa cobertos de poeira e de desânimo.”



4 Museu do Aljube

Cadeia eclesiástica

No quarto ponto, ficava localizada a cadeia eclesiástica no século XVI, onde Reza teria sido aprisionada



5

Elevador de Santa Justa

Funeral de Abrão Zarco

No ponto cinco, fica localizado o Elevador de Santa Justa, onde estaria localizado o antigo cemitério da Judiaria Grande

“Começámos a preparar os corpos de meu tio e da rapariga para o enterro, entoando cânticos enquanto os lavamos. Lavo o rosto de meu tio sete vezes com água fria e três vezes com água quente. E, segundo o preceituado, primeiro a barriga, depois os ombros, depois os braços, o pescoço, as partes, dedos dos pés, dedos das mãos, olhos e narinas. Percorre-me uma cálida onda de tristeza e de alegria ao segurar nas minhas as mãos de mármore da velha couraça de meu tio.

Tinha-nos fugido para Deus. Estou, assim, novamente a sós com um homem que tinham matado. A visão interior chega-nos em relâmpagos, diz o Zohar. E assim é.

O corte que lhe divide o pescoço tinha-se tornado escuro. O sangue tinha coagulado em crostas de cerâmica. Quatro vezes lhe lavo os dedos da mão, e de todas as vezes ficam ainda sujos de tinta. Que é como um artista deve comparecer perante Deus. Tia Ester leva as tesouras ao cabelo e corta uma das suas madeixas tingidas de hena que depois coloca sobre o peito de meu tio. Qual o poeta hebraico que disse que a madeixa cortada de uma viúva é feita de filamentos de lágrimas de sangue?

Depois de vestirmos meu mestre com as suas vestes alvas, minha mãe polvilha a simbólica poeira de Jerusalém sobre os seus olhos e as suas partes íntimas. Dou a mão a Cinta, enquanto ela acena um adeus.

Depomo-lo sobre o seu xaile ritual e cobrimo-lo com a mortalha de linho que Reza e minha mãe tinham cosido. Quando pela derradeira vez a sua face se aparta de Mim, fecho os olhos para o reter nessa escuridão.”

“Da Pequena Jerusalém e da Judiaria Pequena e mesmo da ruazinha judaica do outro lado da cidade perto da Igreja das Carmelitas, todos carregam os seus Mortos. Uns, como nós, em carroças puxadas a burros; outros, a maior parte, transportando os seus entes amados em carros de mão de madeira. Os mais velhos orientam-nos para os terrenos que ainda não foram usados como cemitério. Ao passar saúdo os que vou encontrando, sem trocar nenhuma palavra, a não ser para perguntar se alguém teria visto Judas ou algum dos iniciados ainda vivos.

Frei Carlos e Diego, Ninguém os vira.

Cavo duas covas com a ajuda de três jornaleiros mouros, que ali andavam para ganharem algumas moedas.

Para meu tio, minha mãe escolhe um sítio junto a uma pequena amendoeira com os braços em candelabro erguidos para o céu turquesa. A rapariga fica a repousar ao pé de um sobreiro possante de ramos estendidos como um avô a recebê-la nos braços.”

“O guarda do Hospital de Todos-os-Santos a quem explicámos a nossa missão informou-nos com orgulho que o fidalgo que trouxera Diego não era outro senão o Conde de Almira. O nome não me dizia nada, mas a minha atração pela sua companhia de viagem levou-me a registá-lo a ouro na minha memória de Tora. Uma monja ameninada conduziu-nos ao aposento onde se encontrava Diego, um sítio escuro e baixo, a tresandar a vinagre, âmbar e morte. Por cima de cada um dos doze catres pendia a imagem sangrenta do crucificado. Através das cortinas entreabertas de tecido amarelecido viam-se homens amarrados às camas por tiras de couro, espreitando com os olhos em alvo e sedentos de vida, envolvidos em ligaduras, fedendo como estrume. Das portadas parcialmente abertas avistava-se a Igreja dos Dominicanos do outro lado da praça.

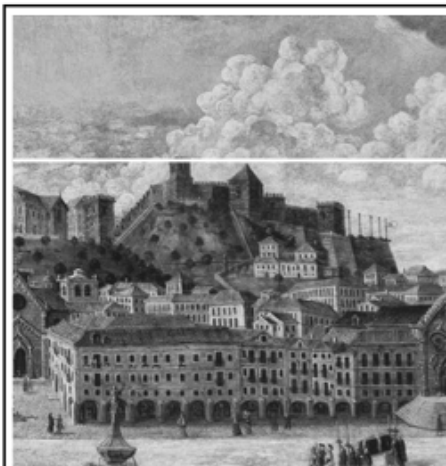
Diego estava no último leito. Ao reconhecer os seus grandes olhos escuros e o turbante cor de açafraão, sorri de alegria e inquietação. Estava completamente diferente. O seu rosto barbeado parecia de mármore branco, com marcas de cortes aqui e ali. As papadas que antes se escondiam emprestavam à sua face um ar grave, cauteloso. Subitamente, aparecia-nos como aquele género de pessoas amáveis sempre prestes a dar presentes, a amimar as crianças, mas que pagavam um preço por não cuidarem de si próprios - o género de pessoa que talvez ele tenha sido antes do exílio e do seu isolamento.”

“O dia do nosso primeiro seder da Páscoa ergueu-se fusco e seco, como todas as manhãs ultimamente. Há mais de onze semanas que não recebíamos a bênção da chuva. E também hoje não choveria.

A peste, essa, assediava-nos com calafrios os corpos e as almas já desde a segunda semana de Heshvan - há mais de onze semanas.

Os médicos feitos à pressa de El-Rei D. Manuel acharam que o gado era o ideal para absorver as essências que pairavam no ar e a que atribuíam a epidemia e assim duas centenas de vacas entontecidas pelo calor foram deixadas à solta a vaguear pelas ruas.

O próprio rei já há muito que desertara desta desolação, juntamente com a maior parte dos fidalgos. De Abrantes, três semanas antes, tinha promulgado um decreto ordenando a construção de dois novos cemitérios fora das muralhas da cidade para receber os que todas as semanas eram chamados pelo Senhor.”



6

Praça da Figueira

Hospital Real de Todos os Santos

No sexto ponto existia o Hospital dos Pobres,
dirigido pela Igreja Católica



7
Rossio

A Inquisição Portuguesa

No ponto 7 encontra-se o Rossio, onde se localizava o Palácio dos Estaus, o mesmo acabando por ser o palco da Inquisição e do Tribunal do Santo Ofício

“Em frente do portão do Palácio dos Estaus, deparamos com dois besteiros corpulentos la-deando um porteiro todo ataviado, com uma pena no gorro. Atrás do gradeado do portão, à sombra de um laranjal, vêem-se três coches. Um deles, pintado a dourado, é o veículo do dia em que Diego foi ferido.

— O Conde de Almira há-de receber-me — digo ao porteiro — Por favor, informai-o que Pedro Zarco está aqui.


— Tendes alguma correspondência para o efeito? — pergunta, a face contorcida, como se tivesse cheirado alguma coisa podre.

A percebo-me então que devemos ter o aspeto de vilãos regressados de um dia de labor nos campos.

— Não tenho cartas, mas ele há-de querer ver-me.

Como ele me olha de alto a baixo, seguro o chapéu cor de ametista do homem do Norte contra o meu peito e exibo uma pose de superioridade de um proprietário rural enfadado com a má criação de um criado. Volto-me para Farid e resmungo qualquer coisa no meu melhor sotaque castelhano sobre um anunciado banquete com um amigo fictício chamado Diaz; os castelhanos irritam, mas impressionam os portugueses, especialmente quando se podem dar ao luxo de ter criados. O meu esforço parece forçado, mas pelo canto do olho apercebo-me que o porteiro passa o recado a um criado de dentro. Esperamos sob o sol monstruoso de Lisboa, observando os lagartos a deslizar por entre as falhas da calçada.”

“— A tua tia sempre teve jeito para ameaças — sussurrou-me Frei Carlos com um sorriso maldoso — Lembras-te do dia em que te levaram à força para te baptizarem na Sé? Lançou-lhes pragas em sete línguas diferentes.... Hebreu, persa, árabe, português...
 — Lembramos, lembramos — interrompi, erguendo a mão num gesto de desaprovação, tentando poupar-nos à evocação. Tarde de mais. Os olhos de tia Ester tinham-se tornado distantes e opacos, mergulhados numa paisagem interior. A sua mão deslizara sob o lenço carmesim e traçava o contorno da cicatriz cruciforme que lhe tinha sido imposta naquela amaldiçoada manhã do nosso baptismo forçado. Nessa ocasião, mais que nenhuma outra, tinha resistido aos beleguins mandados pelo rei para arrastarem os judeus até à Sé. Um dos guardas, querendo dá-la como exemplo, atirou-a ao chão e prendeu-lhe as mãos e os pés ao empedrado da Rua de São Pedro. Um frade dominicano empunhando um ferro incandescente tinha então gravado uma cruz na sua fronte, enquanto gritava, para que todos pudessem ouvir: «Eu te abençoo com o signo de Deus, Nosso Senhor!»
 A mim, por meu turno, as crianças cristãs cobriram-me de sangue de porco e de serrim durante o caminho da cerimónia do baptismo até minha casa. Mas não podiam adivinhar a dádiva que me fizeram: esta humilhação abrasadora mereceu-me o olhar misericordioso do Senhor e tive então a primeira das minhas visões.”



8

Largo de São Domingues

O Batismo e o Massacre

No último ponto do itinerário, fica o Largo de São Domingues, onde num primeiro momento existiu um Batismo forçado massa e anos mais tarde ocorreu o tão conhecido Massacre de 1506

Apêndice C – Mapas do CRIA de apoio ao plano de negócios

ORÇAMENTO DE INVESTIMENTO - RESUMO

(Euros)

Rubricas	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Ativos Fixos Tangíveis						
Terrenos e recursos naturais	0	0	0	0	0	0
Edifícios e outras construções	0	0	0	0	0	0
Equipamento básico	0	0	0	0	0	0
Equipamento de transporte	0	0	0	0	0	0
Equipamento administrativo	3 218	0	0	0	0	0
Equipamentos biológicos	0	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0	0
Total Ativos Fixos Tangíveis	3 218	0	0	0	0	0
Ativos Intangíveis						
Goodwill (externo)	0	0	0	0	0	0
Projetos de desenvolvimento	0	0	0	0	0	0
Programas de computador	625	0	0	0	0	0
Propriedade Industrial	0	0	0	0	0	0
Outros	20 000	0	0	0	0	0
Total Ativos Intangíveis	20 625	0	0	0	0	0
Investimento em FM	3 414	-6 352	-897	-817	-786	-720
Total Investimento	27 257	-6 352	-897	-817	-786	-720

ORÇAMENTO DE DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES

(Euros)

Rubricas	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Ativos Fixos Tangíveis						
Terrenos e recursos naturais		0	0	0	0	0
Edifícios e outras construções		0	0	0	0	0
Equipamento básico		0	0	0	0	0
Equipamento de transporte		0	0	0	0	0
Equipamento administrativo		861	861	861	127	127
Equipamentos biológicos		0	0	0	0	0
Outros		0	0	0	0	0
Total Ativos Fixos Tangíveis	0	861	861	861	127	127
Ativos Intangíveis						
Goodwill (externo)		0	0	0	0	0
Projetos de desenvolvimento		0	0	0	0	0
Programas de computador		208	208	208	0	0
Propriedade Industrial		0	0	0	0	0
Outros		6 666	6 666	6 666	2	0
Total Ativos Intangíveis	0	6 874	6 874	6 874	2	0
Total de Depreciações e Amortizações	0	7 735	7 735	7 735	130	127

ORÇAMENTO DE GASTOS COM PESSOAL

(Euros)

	2023	2024	2025	2026	2027
Remunerações					
Administração / Direção	12 600	12 852	13 238	13 767	14 455
Administrativa Financeira	0	0	0	0	0
Comercial / Marketing	0	0	0	0	0
Produção / Operacional	9 870	10 067	10 369	10 784	11 323
Qualidade	0	0	0	0	0
Manutenção	0	0	0	0	0
Aprovisionamento	0	0	0	0	0
Investigação & Desenvolvimento	0	0	0	0	0
Outros	0	0	0	0	0
TOTAL DE REMUNERAÇÕES	22 470	22 919	23 607	24 551	25 779
Outros Gastos					
Segurança Social					
Órgãos Sociais	2 993	3 052	3 144	3 270	3 433
Pessoal	2 344	2 391	2 463	2 561	2 689
Seguros Acidentes de Trabalho	225	229	236	246	258
Subsídio Alimentação	2 420	2 468	2 542	2 644	2 776
Formação	0	0	0	0	0
Outros Gastos com Pessoal	0	0	0	0	0
TOTAL DE OUTROS GASTOS	7 981	8 141	8 385	8 721	9 157
TOTAL GASTOS COM PESSOAL	30 451	31 060	31 992	33 272	34 935

RETENÇÃO DE IMPOSTOS

(Euros)

	2023	2024	2025	2026	2027
Segurança Social	2 472	2 521	2 597	2 701	2 836
IRS	1 273	1 298	1 337	1 390	1 460

PLANO FINANCEIRO

Pressupostos

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Taxa de IRC	21%	21%	21%	21%	21%	21%
Taxa de Distribuição de Dividendos		5%	5%	5%	5%	2%

Plano Financeiro

(Euros)

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
ORIGENS DE FUNDOS						
Meios Libertos Brutos	0	1 174	8 906	15 522	21 460	26 348
Capital Social (entrada de fundos)	3 000	0	0	0	0	0
Incentivos não Reembolsáveis	0	0	0	0	0	0
Incentivos Reembolsáveis	0	0	0	0	0	0
Empréstimo de Sócios	0	0	0	0	0	0
Leasing	0	0	0	0	0	0
Financiamento Bancário	25 000	0	0	0	0	0
Proveitos Financeiros	4	26	46	98	177	257
Total das Origens	28 004	1 200	8 954	15 620	21 637	26 605
APLICAÇÕES DE FUNDOS						
Inv. Capital Fixo	23 843	0	0	0	0	0
Inv Fundo de Maneio	3 414	-6 352	-897	-817	-786	-720
Imposto sobre os Lucros		1	0	0	0	4 338
Pagamento de Dividendos		0	-418	-18	333	816
Reembolso de Empréstimos de Sócios						
Reembolso de Incentivos	0	0	0	0	0	0
Reembolso dos Leasings	0	0	0	0	0	0
Reembolso dos Financiam. Bancários	0	1 266	4 626	4 974	5 348	5 751
Encargos Financeiros	0	1 835	1 576	1 227	853	450
Total das Aplicações	27 257	-3 251	4 888	5 367	5 748	10 635
Saldo de Tesouraria Anual	747	4 450	4 069	10 253	15 889	15 970
Saldo de Tesouraria Acumulada	747	5 197	9 266	19 519	35 408	51 378
Taxa de Juro- Aplicações de C.P.	0,50%	0,50%	0,50%	0,50%	0,50%	0,50%
Taxa de Juro- Empréstimos de C.P.	7,00%	7,00%	7,00%	7,00%	7,00%	7,00%
Aplicações / Empréstimos de C.P.	747	5 197	9 266	19 519	35 408	51 378
Linha de controlo	0	0	0	0	0	0

BALANÇOS

Rubricas	(Euros)					
	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
ATIVO						
Ativo Não Corrente	23 843,00	16 106,18	8 373,36	636,53	509,00	381,75
Ativos fixos tangíveis	3 218,00	2 357,49	1 486,86	636,47	509,00	381,75
Projetos de investimento						
Ativos Intangíveis	20 625,00	13 750,69	6 886,50	2,06	0,00	0,00
Investimentos financeiros						
Ativo corrente	4 160,73	7 697,03	11 765,91	22 018,84	37 907,95	53 878,04
Investimentos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Clientes	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Estado e Outros Entes Públicos	913,98	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Acionistas/sócios						
Outros Ativos Correntes						
Diferimentos						
Caixa e depósitos bancários	3 246,75	7 697,03	11 765,91	22 018,84	37 907,95	53 878,04
TOTAL ATIVO	28 003,73	23 805,21	20 139,26	22 657,37	38 416,95	54 259,79
CAPITAL PRÓPRIO						
Capital realizado	3 000,00	3 000,00	3 000,00	3 000,00	3 000,00	3 000,00
Ações (quotas, pró-pria)						
Outros instrumentos de capital próprio	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Reservas						
Resultados transitados		295	-7 945,29	-8 286,84	-1 962,18	13 539,27
Excedentes de reavaliação						
Outras variações no capital próprio						
Resultado líquido do período	295	-8 369,73	-356,36	6 657,54	16 317,32	20 961,73
TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO	3 002,95	-5 366,78	-5 304,65	1370,70	17 355,14	37 101,00
PASSIVO						
Passivo corrente	23 734,03	19 106,48	14 134,72	8 786,54	3 036,75	3 035,75
Provisões						
Acionistas/sócios	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Financiamentos obtidos	23 734,03	19 106,48	14 134,72	8 786,54	3 036,75	3 035,75
Outras Contas a pagar	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Passivo não corrente	1 266,78	10 063,51	11 309,20	12 500,13	18 026,05	14 123,03
Fornecedores	0,00	3 507,08	4 077,19	4 592,85	5 089,07	5 533,75
Estado e Outros Entes Públicos	0,78	1 930,87	2 258,25	2 559,11	7 189,20	8 589,28
Acionistas/sócios						
Financiamentos obtidos	1 265,97	4 625,55	4 979,76	5 348,18	5 750,78	0,00
Outras contas a pagar	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
TOTAL PASSIVO	25 000,78	29 171,98	25 443,92	21 286,67	21 061,81	17 158,78
TOTAL PASSIVO +CAPITAIS PRÓPRIOS	28 003,73	23 805,21	20 139,26	22 657,37	38 416,95	54 259,79

RÁCIOS FINANCEIROS

	Pré-Exploração	2023	2024	2025	2026	2027
Rátiros de Estrutura						
Rátiros de Líquidez:						
Líquidez Geral	3,285	0,765	1,040	1,761	2,103	3,815
Líquidez Reduzida	3,285	0,765	1,040	1,761	2,103	3,815
Líquidez Imediata	2563	0,765	1,040	1,761	2,103	3,815
Taxa de Cobertura do Ativo Corrente	0,696	-0,307	0,039	0,432	0,524	0,738
Taxa de Cobertura dos Inventários	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Rátiros de Endividamento:						
Cobertura do Ativo não Corrente por Capital Permanente	1,121	0,853	1,035	15,907	40,031	103,139
Cobertura do Ativo não Corrente por Capital Próprio	0,126	-0,333	-0,634	2,147	34,097	97,187
Autonomia Financeira	0,107	-0,225	-0,253	0,050	0,452	0,684
Solvabilidade	0,120	-0,184	-0,226	0,054	0,824	2,162
Capacidade de Endividamento	0,112	-0,391	-0,601	0,135	0,851	0,924
Rátiros de Atividade e Gestão						
Prazo Médio de Recebimento (dias)		0	0	0	0	0
Prazo Médio de Pagamento (dias)		0	0	0	0	0
Duração Média de Inventários (dias)		0	0	0	0	0
Rotação do Ativo		2836	4,042	4,148	2,760	2,155
Rotação do Capital Próprio		-1,2577	-15,346	68,565	6,108	3,152

INDICADORES ECONÓMICOS

	Pré-Explosão	2023	2024	2025	2026	2027
Meios Libertos						
Meios Libertos de Exploração	0%	1.174	8.908	15.522	21.450	26.348
Meios Libertos Brutos	4%	1.200	8.954	15.620	21.637	26.605
Meios Libertos Líquidos	3%	-635	7.378	14.392	18.447	20.689
Meios Libertos Líquidos Retidos	3%	-218	7.396	14.059	15.631	20.278
Valor Acrescentado						
Valor Acrescentado Bruto	0%	31.625	39.958	47.514	54.732	61.284
Valor Acrescentado Líquido	0%	29.890	32.253	39.779	54.603	61.156
Índices de Produtividade						
Produtividade do Investimento	0,000	4,089	5,167	6,143	4,22535	481,600
Produtividade do Trabalho	0,000	1,038	1,287	1,485	1,645	1,754
Produtividade do Capital Próprio Investido	0,000	-3,778	-112,155	7,137	3,354	2,980
Rendibilidade Económica						
Ponto Crítico		78.435	79.450	81.003	70.451	73.229
Margem de Segurança		-1,8%	2%	16%	50%	60%
Grau Económico de Alavanca		-6,173	41,646	7,241	2,982	2,676
Rendibilidade de Exploração		-10%	1%	8%	27%	22%
Retorno-Operativo (ROI)	0%	-28%	6%	34%	56%	45%
Rendibilidade Financeira						
Retorno-Equity (ROE)	0%	156%	7%	486%	94%	55%
Grau Financeiro de Alavanca	0,000	0,784	-3,291	1,170	1,033	1,007
Integração entre Rendibilidade Económica e Financeira						
Modelo Multiplicativo de Dupont:						
1- Rendibilidade Operacional das Vendas	0,000	-0,067	0,014	0,033	0,201	0,224
2- Rotação do Ativo	0,000	2,836	4,042	4,148	2,760	2,155
3- Propção dos Capitais Alheios	9,325	-4,438	-3,797	16,530	2,214	1,462
4- Peso dos Gastos de Financiamento	0,000	1,278	-0,304	0,855	0,968	0,993
5- Peso do Imposto sobre o Rendimento	0,790	1,000	1,000	1,000	0,790	0,790
ROE = 1x2x3x4x5	0%	156%	7%	486%	94%	55%
Modelo Aditivo:						
1- ROI	0%	-28%	6%	34%	56%	45%
2- Composição dos Orçens (Passivo/Capital Próprio)	8,325	-5,436	-4,797	15,530	1,214	0,462
3- Efeito Financeiro de Alavanca (ROI-)	0,000	-0,338	-0,004	0,286	0,515	0,457
4- Nível de Incidência Fiscal (1-t)	0,790	1,000	1,000	1,000	0,790	0,790
ROE = (1+2) x 4	0%	156%	7%	479%	89%	55%
Grau Combinado de Alavanca	0,000	-4,838	-137,059	8,470	3,080	2,966

Apêndice D – Resultados da entrevista semiestruturada

O Pogrom de 1506: Um itinerário pela Lisboa de Berequias Zarco

Entrevista semiestruturada

Guião

Após a realização do itinerário, qual é a sua opinião geral do percurso?

- 1- Não é um percurso difícil, embora seja necessário prestar bastante atenção se quisermos ter uma localização “espacial” exata, pois envolve muitas datas e muitos acontecimentos importantes. Não creio que seja extenso uma vez que passa nos locais essenciais e nos quais o espaço faz jus à história que nos é contada.
- 2- É um passeio giro, mas não há muita coisa para ver que esteja especificamente relacionada com o tópico em discussão, alguns dos sítios são locais onde se passam certos eventos, mas não tem muito para ver lá relacionado com esses eventos.
- 3- O percurso foi interessante, quando visito lugares diferentes gosto de aprender a história local este percurso deu-me contexto sobre acontecimentos que não são muito discutidos.
- 4- Penso que o itinerário é relevante ao contexto histórico e literário, passando por vários pontos de interesse da cidade e levando a conhecer uma parte da história portuguesa desconhecida.
- 5- Na minha opinião o itinerário mostrou pontos muito interessantes sobre a vida judaica no século XVI, mostrou que o *dark tourism* é realmente um tema cada vez mais apreciado nos dias de hoje.

Qual foi o ponto de paragem/ tema tratado mais interessante?

- 1- Na minha opinião, os temas mais relevantes e que me despertaram mais atenção durante o percurso, foram durante os últimos 3 pontos de interesse, onde se compreende o que aconteceu exatamente na época em questão, e ao sofrimento que foram expostos e forçados, tanto os judeus como os restantes “estrangeiros” que não seriam velhos-cristãos, simplesmente por terem as suas crenças, sendo perseguidos e até mesmo assassinados pela sua religião. Foi muito interessante compreender o papel importante que Espanha teve para que este momento tivesse acontecido, sendo uma atitude infeliz, uma vez que os expulsaram do seu

território, para que acabassem por virem render-se, ou até mesmo morrer a Portugal. Outro ponto muito interessante foi quando se assumiu que a culpa de se andar a espalhar a doença seria por culpa dos judeus, quando estes de facto eram um povo mais asseado, com os seus métodos de lavar as mãos antes de entrarem nas mesquitas etc.

- 2- As últimas zonas (rossio e largo de são domingos) são zonas que eu gosto e acho bonitas, mas sobre o qual não tinha conhecimento do que foi contado neste percurso, os temas aí falados foram a parte da história que eu achei mais interessante e trágica.
- 3- O Rossio (número 8) porque não sabia que era aqui era localizado o Palácio da Inquisição.
- 4- A paragem no Rossio foi a mais interessante porque foi aí que aconteceu o momento mais sombrio do percurso.
- 5- O ponto de paragem que mais apreciei foi o museu do Aljube, achei muito interessante visitar e saber toda a sua história ao longo dos vários anos.

Qual foi o ponto de paragem/ tema tratado menos interessante?

- 1- Não considero que nenhum dos pontos seja o menos interessante, uma vez que todos se complementam uns aos outros, fazendo com que o percurso seja completo e explícito para quem o faz.
- 2- Não achei a parte inicial (enquadramento histórico e a rua de são pedro) tão interessante talvez por ser muita informação e ser algo mais sobre o quotidiano da vida dos judeus, e também por ser uma localização mais normal em que apenas vivam lá pessoas. Também achei a conversa que era diretamente sobre o livro menos interessante do que a parte em que se falava de história.
- 3- Nenhum, achei todos os pontos de paragem interessantes e necessários para o enquadramento histórico.
- 4- Embora o Elevador de Santa Justa seja um local de interesse a visitar, penso que no contexto deste percurso, não seria necessário a paragem no local, pois embora tenha sido ali que alguns acontecimentos ocorreram, as alterações ao local durante os anos fazem com que pouco ou nada se note ali a sua história judaica.
- 5- Não consigo nomear nenhum, pois acho que todos os pontos tinham a sua importância.

Relativamente à história dos judeus em Portugal, existe algum tema que deveria ser retirado ou acrescentado ao itinerário?

- 1- Que eu tenha conhecimento, não.
- 2- Não tenho conhecimento suficiente sobre o assunto para ter opinião sobre coisas a acrescentar. Pareceu-me que estava com uma boa quantidade de conteúdo histórico. Mas pessoalmente não estava tão interessada no conteúdo relacionado com o livro.
- 3- Não.
- 4- Seria interessante acrescentar uma visita a uma sinagoga local, para obtermos esse contexto religioso mais abertamente.
- 5- Penso que todos os pontos do itinerário são importantes mencionar e conhecer, não acrescentaria mais nenhum ponto.

Alguma vez leu a obra *O último cabalista de Lisboa*?

- 1- Não.
- 2- Não.
- 3- Não.
- 4- Nunca li.
- 5- Não.

Se não, ficou com interesse de ler a mesma após o itinerário?

- 1- Sim, embora não seja uma pessoa dedicada a livros, este percurso fez com que despertasse um pouco do meu interesse por ler o livro. Porém, sendo um percurso que foi bem-apresentado e preparado, tenho a admitir que prefiro a vertente destes itinerários, uma vez que nos colocam no local e explicam o que ali aconteceu.
- 2- Não.
- 3- Sim. Este percurso fez o enquadramento histórico da altura o que facilitará a leitura do livro.
- 4- Ganhei interesse na sua leitura.
- 5- Fiquei com interesse em ler para poder saber mais sobre a época e sobre a história dos judeus.

Em termos de duração, o itinerário deveria ser de menor dimensão?

- 1- Não.

- 2- Não cortaria localizações do percurso, mas talvez pudesse fazer sentido reduzir algum do conteúdo falado. Por mim os temas que achei menos interessantes (mencionado numa pergunta anterior) se calhar podiam ser falados durante menos tempo.
- 3- Não, acho que o itinerário tem uma boa dimensão.
- 4- Penso que duas horas é o tempo ideal para este tipo de itinerário.
- 5- Penso que a duração seja a ideal, pois ficámos a conhecer melhor as zonas dos acontecimentos dessa parte da história.

Foi fisicamente difícil de realizar o itinerário?

- 1- Na minha opinião, não. Claramente que é um itinerário que requer um pouco de esforço físico pois Lisboa tem muitas subidas e descidas, mas não o podemos considerar difícil de todo. O percurso em si é bonito e engloba alguns dos pontos de interesse mais conhecidos de Lisboa, o que é uma mais-valia para quem tem interesse em *dark tourism* e vem à descoberta da cidade.
- 2- Não.
- 3- Não visto que a maioria do percurso é a descer a baixa de Lisboa.
- 4- Não houve grande dificuldade em realizar o percurso.
- 5- Foi relativamente fácil de o realizar sem ser necessário grande esforço físico.

Alguma vez participou num itinerário de *dark tourism*? Voltaria a realizar após este itinerário?

- 1- Nunca tinha realizado antes, mas sim voltaria a realizar.
- 2- Não. Possivelmente, se achar que os locais a visitar são interessantes.
- 3- Já tinha realizado e voltarei a realizar *dark tourism* porque eu gosto de aprender sobre a história dos lugares que visito, e acho que isso também deve incluir os momentos mais sombrios da história.
- 4- Nunca tinha feito um roteiro de “*dark tourism*”, mas gostei do género e gostaria de voltar a fazer um roteiro do género.
- 5- Nunca tinha realizado, mas espero voltar a realizar pois acho uma área muito interessante e o *dark tourism* é um tipo de turismo que nem toda a gente se interessa, no entanto tem vindo a ser cada vez mais explorado.

Alguma vez participou num itinerário de turismo literário? Voltaria a realizar após este itinerário?

- 1- Nunca. Se o mesmo despertar a minha atenção por algum motivo específico do meu interesse, sim.
- 2- Sim em contexto de visita de estudo escolar. Provavelmente não, ou apenas se for relacionado com obras literárias em que eu esteja interessada.
- 3- Nunca realizei um roteiro de turismo literário, mas voltaria a fazê-lo depois deste itinerário.
- 4- Nunca tinha feito um roteiro de turismo literário, mas é algo que me interessa e que voltaria a fazer.
- 5- Já tinha feito, mas não deste género, voltaria a realizar pois muitas das vezes passamos por certos sítios e locais sem termos realmente a perceção que esses mesmo locais têm uma história por trás e que muitos acontecimentos se deram e que marcaram esses lugares.

Anexos

Anexo A – Plano estratégico para o turismo da região de Lisboa 2020-2024

1. II

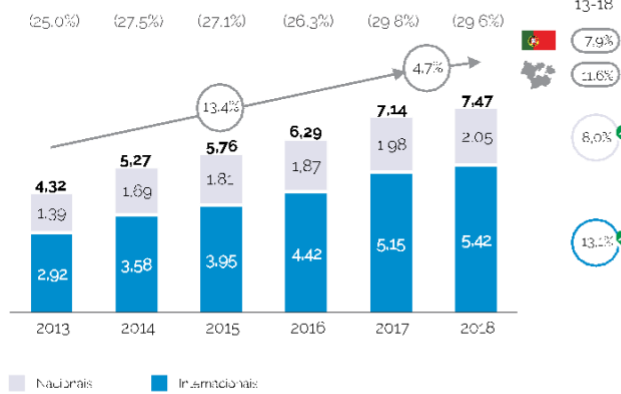
B

O DESTINO LISBOA CONSTITUI O PRINCIPAL MOTOR DE CRESCIMENTO DA PROCURA TURÍSTICA DE PORTUGAL A NÍVEL INTERNACIONAL

► EVOLUÇÃO DO TURISMO NA REGIÃO DE LISBOA

HÓSPEDES NA REGIÃO DE LISBOA (MILHÕES)

% do total de hóspedes que visitaram Portugal



Fonte: INE, Potshelberger

COMENTÁRIOS

- > A Região de Lisboa recebe já **30% dos hóspedes totais do País**
- > Desde 2017 verifica-se um **abrandamento do crescimento** de hóspedes, com **4,7% em 2018** (após **13,4% desde 2013**)
- > O forte aumento de carga no Destino colocado por uma taxa de crescimento tão expressiva ao longo de um período sucessivo de 5 anos **coloca necessariamente desafios para o futuro**

15

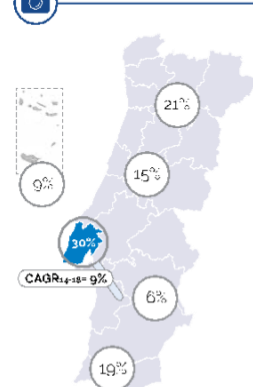
B

1. II

LISBOA É ATUALMENTE O DESTINO COM MAIOR NÚMERO DE TURISTAS A NÍVEL NACIONAL E APROXIMA-SE DO ALGARVE EM TERMOS DE DORMIDAS

► DISTRIBUIÇÃO DA PROCURA TURÍSTICA E DORMIDAS POR REGIÃO EM PORTUGAL

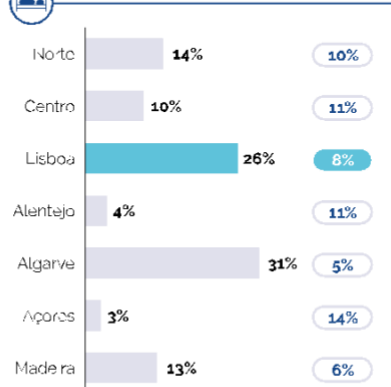
TURISTAS, 2018 [%]



Nota: Os dados apresentados consideram informação de hóspedes referente à Área Metropolitana de Lisboa

Fonte: INE, Potshelberger

DORMIDAS, 2018 [%]



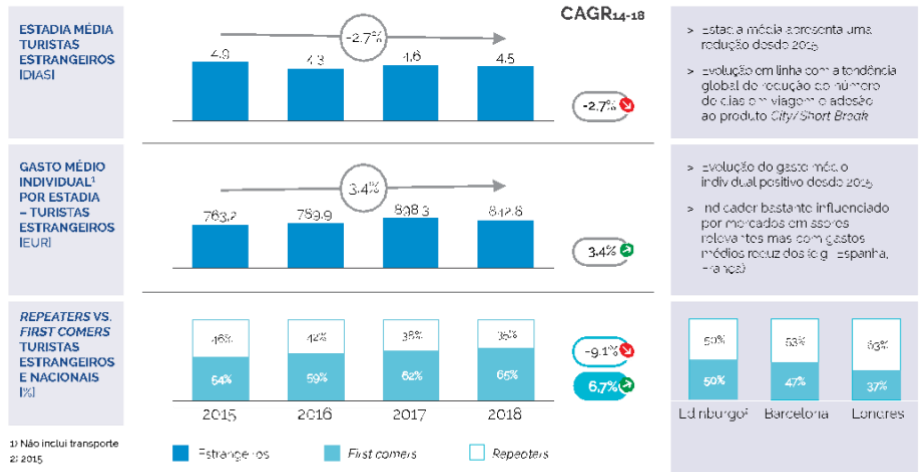
- > O Algarve é a região do país com o maior número de dormidas, porque o turismo de **Sol e Mar** está associado a **estadias mais longas**
- > As regiões mais urbanas, normalmente cestas de **city breaks**, têm **menor peso nas dormidas por região** do que em termos de número de turistas

16

1. II

A RAPIDEZ DO CRESCIMENTO DE LISBOA ACELEROU A ATRAÇÃO DE NOVOS TURISTAS ("FIRST COMERS") E REFLETIU-SE NUM AUMENTO DO GASTO MÉDIO

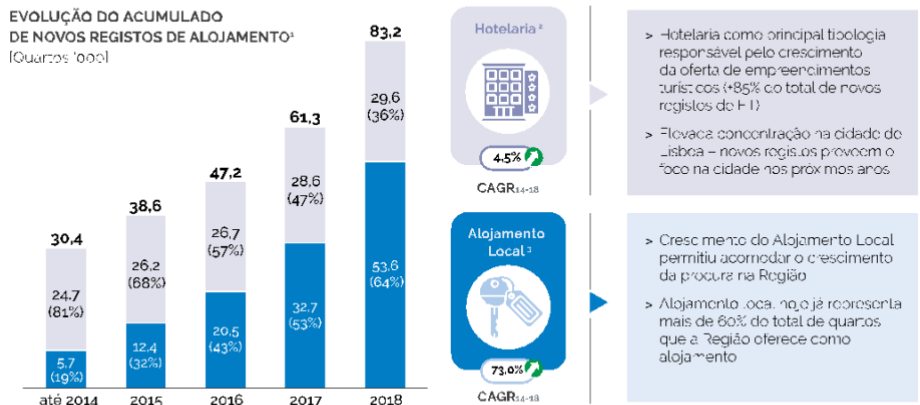
▶ PRINCIPAIS INDICADORES DO TURISMO NA REGIÃO DE LISBOA



1. III

NÓ GERAL, O CRESCIMENTO DA PROCURA FOI SUPORTADO PRINCIPALMENTE PELO AUMENTO SIGNIFICATIVO DA OFERTA DE ALOJAMENTO LOCAL

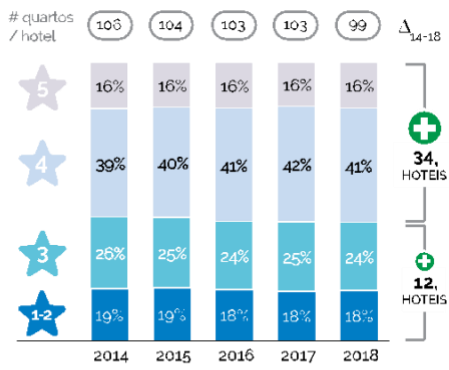
▶ EVOLUÇÃO DO ALOJAMENTO TURÍSTICO NA REGIÃO DE LISBOA



SIGNIFICATIVA MELHORIA DE DESEMPENHO DO PARQUE HOTELEIRO, COM AUMENTOS EXPRESSIVOS DO REVPAR E DA TAXA DE OCUPAÇÃO

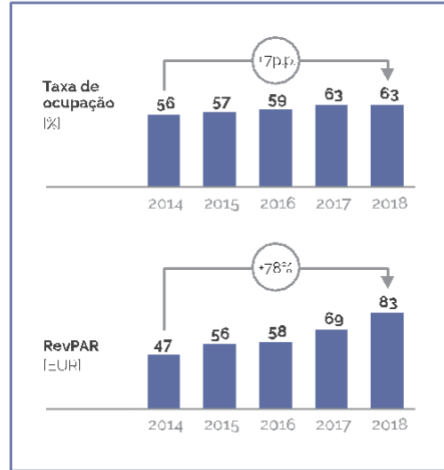
► EVOLUÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS¹ NA REGIÃO DE LISBOA, 2018

DISTRIBUIÇÃO DA OFERTA HOTELEIRA (%)



1) Exclui pensões, estalagens, pousadas, motéis e apartamentos turísticos

Fonte: NESTR AT, IFRAP Portugal

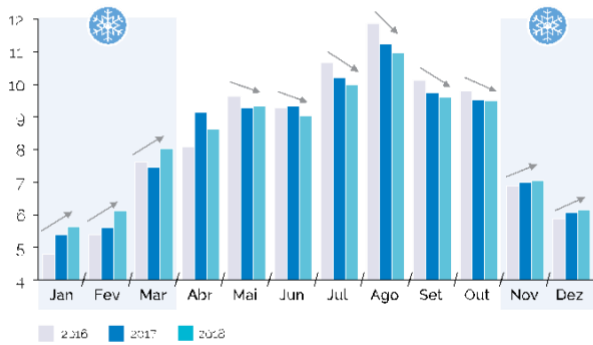


1. V

O CRESCIMENTO DA PROCURA DE LISBOA TROUXE UMA REDUÇÃO DA SAZONALIDADE, REFLEXO DA ATRAÇÃO PELO CLIMA E PRODUTOS MENOS SAZONAIS

► EVOLUÇÃO DA SAZONALIDADE NA REGIÃO DE LISBOA, 2016 A 2018

SAZONALIDADE DAS DORMIDAS NA REGIÃO DE LISBOA (%)



Produtos alinhados com as vocações naturais da Região tem contribuindo para uma redução significativa da sazonalidade

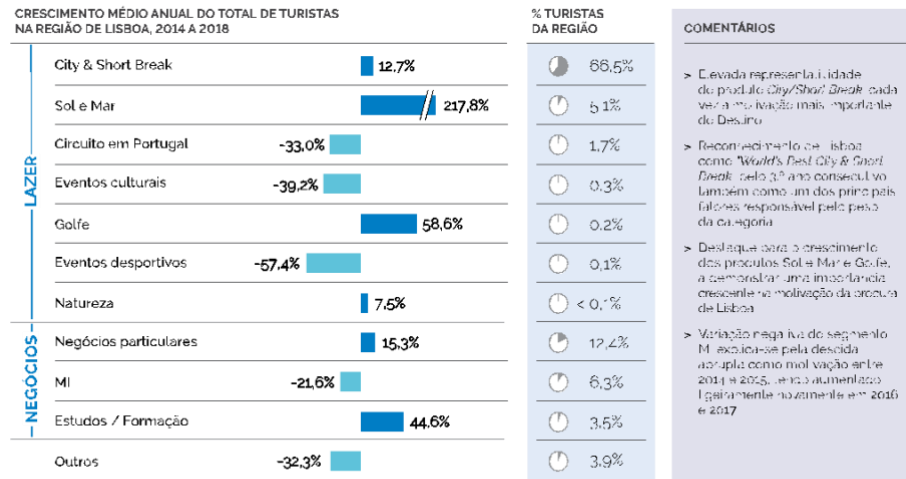
Fonte: NESTR AT, IFRAP Portugal

Exemplo de produtos que contribuem para a redução da sazonalidade

- MI**
Organização de eventos corporativos ao longo de todo o ano
- Eventos**
Organização de eventos desportivos e culturais em períodos de menor procura
- Golfe**
Modalidade praticável durante todo o ano, mas com maior incidência em "shoulder season"

CITY/SHORT BREAK CONTINUA A SER A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO DA PROCURA - SOL E MAR (INCLUINDO SURF) E GOLFE SÃO OS PRODUTOS QUE MAIS CRESCEM

► EVOLUÇÃO DO MIX DE PRODUTOS PROCURADOS PELO TURISTA EM LISBOA



Fonte: Observatório do Turismo de Lisboa, C&A World Travel Awards, Tourism Research

A AUTENTICIDADE É UM ATIVO CHAVE DA CIDADE DE LISBOA - A SUA PRESERVAÇÃO É ESSENCIAL PARA A HARMONIA ENTRE TURISTAS E RESIDENTES

► AUTENTICIDADE DA CIDADE DE LISBOA E HARMONIA ENTRE TURISTAS E RESIDENTES

FATORES DE AUTENTICIDADE DA CIDADE DE LISBOA



PRINCIPAIS AMEAÇAS À SUA PRESERVAÇÃO

- Alojamento**
Necessidade de preservação do quotidiano de bairros históricos da cidade face ao desenvolvimento de AL.
- Habitabilidade**
Aumento de rendas em bairros históricos obriga a realocação de residentes e do comércio local.
- Qualidade urbana**
Desajustamento turístico com capacidade da cidade, ruído e poluição urbana.
- Congestionamento**
Fluxos de procura turística em pontos específicos da cidade afetam o ambiente e danificam património.

Simpatia e prestabilidade da população (nota 8,8) como parâmetros de visita classificados acima da média (nota 8,6) no nível de satisfação do turista em 2018

Fonte: Observatório do Turismo de Lisboa, Pesquisa de Satisfação Turista, Tourism Research